

TAFAREL CASSANIGA

**NORDESTINOS EM BRUSQUE/SC: ESTIGMA E PRECONCEITO EM RELAÇÃO
AOS NOVOS IMIGRANTES DO SÉCULO XXI**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação do Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Glauca de Oliveira Assis
Coorientador: Prof.^o Dr.^o Pedro Martins

**Florianópolis
2018**

C343n Cassaniga, Tafarel
Nordestinos em Brusque/SC: estigma e preconceito em relação aos novos imigrantes do século XXI / Tafarel Cassaniga. - 2018.
123 p. il.; 29 cm

Orientadora: Glaucia de Oliveira Assis

Coorientador: Pedro Martins

Bibliografia: p. 115-120

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, Florianópolis, 2017.

1. Migração. 2. Migração interna – Brusque. 3. Preconceitos e antipatias - Nordeste. I. Assis, Glaucia de Oliveira. II. Martins, Pedro. III. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental. IV. Título.

CDD: 304.8 – 20.ed.

TAFAREL CASSANIGA

**NORDESTINOS EM BRUSQUE/SC: ESTIGMA E PRECONCEITO EM RELAÇÃO
AOS NOVOS IMIGRANTES DO SÉCULO XXI**

Dissertação julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental junto ao Curso de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental – PPGPLAN – Profissional do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

Florianópolis, 16 de maio de 2018

Banca examinadora:

Presidente/a:

Prof.^a Dr.^a. Glaucia de Oliveira Assis
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:

Prof.^o Dr. André Souza Martinello
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Membro:

Prof.^a Dr.^a. Isa de Oliveira Rocha
Universidade do Estado de Santa Catarina

Acalmou a tormenta
Peceram
Os que a estes mares ontem se arriscaram
E vivem os que por um amor tremeram
E dos céus os destinos esperaram.

Diáspora – Tribalistas

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em especial, aos meus pais, Roberto e Roselene, que me confortaram e me deram todo apoio em todos os momentos.

Agradeço de modo especial à minha querida professora e orientadora Dra. Gláucia de Oliveira Assis, pela colaboração acadêmica e confiança em mim depositada. Sua dedicação impulsionou este trabalho de pesquisa, pois pude contar com sua competência como professora e como pesquisadora.

Ao professor e coorientador Dr. Pedro Martins, pelo incentivo, contribuições e aprendizado.

Aos professores doutores participantes da banca de qualificação e de defesa: Maria das Graças Brightwell, Isa de Olivera Rocha, Francisco Canella e André Souza Martinello por seus apontamentos, contribuições e disponibilidade.

À Instituição UDESC, aos professores do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental, colegas de aula, em especial, a Marina, Lis, Carmen, Franciele e João.

Ao amigo André, que desde o início me incentivou e contribuiu para o melhor andamento da pesquisa.

Agradeço a todos que tornaram possível a conclusão deste trabalho.

CASSANIGA, Tafarel. **Nordestinos em Brusque/SC: estigma e preconceito em relação aos novos imigrantes do século XXI.** 2018. 123 f. Dissertação de Mestrado – (Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental) – Centro de Ciências da Educação e Humanas, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2018.

RESUMO

O propósito desta pesquisa é investigar as motivações e características do movimento migratório nordestino no município de Brusque, no estado de Santa Catarina, no início do século XXI, bem como compreender as modificações que vêm ocorrendo em seu perfil sociodemográfico. Município que a partir do início deste século vem passando por um expressivo aumento demográfico em virtude dos movimentos migratórios, Brusque tem também conhecido atualmente um novo tipo de migrantes oriundos da região Nordeste do Brasil. Esses migrantes trazem consigo uma bagagem cultural e marcadores sociais de classe, raça e origem regional (do ponto de vista da fala, da etnia e dos costumes) que acabam levando a situações que vão do estranhamento ao preconceito e discriminação por parte da comunidade local, que nunca se caracterizou por ter uma cultura totalmente homogênea (resultado da mistura de influências de origem alemã, italiana, açoriana, entre outras), mas, apesar disso, cultivou uma identidade cultural própria, distinta da cultura dos atuais migrantes. Nesse contexto, a pesquisa tem como ponto de partida os conceitos de migração e migrações internas. A investigação, de caráter qualitativo, foram utilizadas técnicas de grupos focais junto ao universo de alunos migrantes nordestinos e brusquenses do Centro Educacional de Jovens e Adultos e, complementarmente, entrevistas semiestruturadas com outros migrantes nordestinos de Brusque e um representante político da cidade. A partir dos dados obtidos, a pesquisa permite auxiliar nas discussões a respeito de como as dinâmicas culturais e socioeconômicas da migração nordestina repercutem no município de Brusque a partir do início do século XXI.

Palavras-chave: Migrações internas. Migrantes nordestinos. Preconceito. Brusque/SC.

CASSANIGA, Tafarel. **Nordestinos in Brusque/SC**: stigma and prejudice towards the new immigrants of the 21st century. 2018. 123 p. Master Thesis (Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental) – Centro de Ciências da Educação e Humanas, Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2018.

ABSTRACT

The purpose of this research is to investigate the motivations and characteristics of the Northeastern migratory movement in the city of Brusque, in the state of Santa Catarina, at the beginning of the 21st century, as well as to understand the changes that have been taking place in its sociodemographic profile. A municipality that from the beginning of this century has been experiencing a significant demographic increase due to migratory movements, Brusque has also known a new type of migrants from the Northeast region of Brazil. These migrants bring with them cultural baggage and social markers of class, race and regional origin (from the point of view of speech, ethnicity and customs) that lead to situations ranging from estrangement to prejudice and discrimination on the part of the local community, which was never characterized by a totally homogeneous culture (a result of the mixture of influences of German, Italian and Azorean origin, among others), but nevertheless cultivated its own cultural identity, distinct from the culture of the present migrants. In this context, the research has as its starting point the concepts of migration and internal migrations. The research was qualitative, using focus group techniques from the Northeastern and Abrantes migrant students of the Educational Center for Youths and Adults, and, in addition, semi-structured interviews with other migrants from Northeastern Brusque and a political representative of the city. From the data obtained, the research allows to assist in the discussions about how the cultural and socioeconomic dynamics of the Northeastern migration reverberate in the city of Brusque from the beginning of the 21st century.

Keywords: Internal migrations. Northeastern migrants. Preconception. Brusque/SC.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do Município de Brusque.....	58
Figura 2 – Ônibus de Buerarema com destino a Brusque.....	72
Figura 3 – Passageiros buerareenses com destino a Brusque	73
Figura 4 – Chamada de notícia da capa do Jornal Município em 06/01/2015.....	75
Figura 5 – Carta “Aviso para osbaianos” (Parte 1).....	76
Figura 6 – Carta “Aviso para osbaianos” (Parte 2).....	77
Figura 7 – Audiência pública debate migração em Brusque	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil do primeiro grupo focal com alunos migrantes do EJA (21 novembro de 2017)	33
Quadro 2 – Perfil do segundo grupo focal com alunos do EJA nascidos em Brusque (28 novembro de 2017)	34
Quadro 3 – Grau de escolaridade dos nordestinos do grupo focal (origem-destino)	101

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Matrículas no CEJA e UDs (2014-2016).....	85
Gráfico 2 – Faixa etária dos alunos matriculados no CEJAe UDs (2014-2016)	86
Gráfico 3 – Naturalidade dos alunos do CEJA e UDs (2014-2016).....	87

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Imigrantes, emigrantes e saldo líquido migratório segundo as regiões brasileiras (2000).....	46
Tabela 2 – Volume da imigração e emigração – Unidades de Federação (2001-2006)	49
Tabela 3 – População rural e urbana de Santa Catarina (Censos demográficos – 1960 a 2010)	52
Tabela 4 – Principais saldos migratórios para regiões litorâneas de Santa Catarina (2000-2005).....	55
Tabela 5 - Tabela 5 – Estimativa da população de Brusquepor gênero e localidade (últimos censos)	59
Tabela 6 – Estimativa da população de Brusque/SC nos últimos anos.....	59
Tabela 7 – População de Brusque/SC quanto à naturalidade (2010).....	64
Tabela 8 – Estimativas da migração em Brusque (2012-2015).....	66
Tabela 9 – População de 10 anos de residência, por condição migratória, segundo o estado da Bahia (1970-2000).....	67

LISTA DE ABREVIATURAS

AL	Alagoas
BA	Bahia
CEJA	Centro Educacional de Jovens e Adultos
COOEPE	Cooperativa de Educação de Professores e Especialistas
EJA	Ensino de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
PIB	Produto Interno Bruto
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
RBS	Rede Brasil Sul de Televisão
SC	Santa Catarina
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas
SESI	Serviço Social da Indústria
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UNIASSELVI	Centro Universitário Leonardo da Vinci

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	25
1.1	O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	31
2	MIGRAÇÕES INTERNAS NO BRASIL E EM SANTA CATARINA: PASSADO E PRESENTE	37
2.1	AS MIGRAÇÕES INTERNAS NO BRASIL.....	37
2.2	O SÉCULO XXI NO OLHAR DAS MIGRAÇÕES INTERNAS	46
2.3	A “LITORALIZAÇÃO” EM SANTA CATARINA	52
3	OS NORDESTINOS EM BRUSQUE/SC: OS “NOVOS IMIGRANTES” QUE CHEGAM À CIDADE	57
3.1	BRUSQUE/SC: UMA CIDADE ALEMÃ?	57
3.2	A CHEGADA DOS MIGRANTES NORDESTINOS	65
3.3	O SUL DA BAHIA: A CRISE DO CACAU	67
3.4	O QUE DISSE A IMPRENSA?	70
3.5	A AUDIÊNCIA PÚBLICA	78
4	A VIDA DOS IMIGRANTES NORDESTINOS: ENTRE A ACOLHIDA E OS ESTRANHAMENTOS	83
4.1	UMA OPORTUNIDADE PARA OS JOVENS MIGRANTES – A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)	83
4.2	INICIANDO O GRUPO FOCAL – “A CARTA PARA OS BAIANOS”	89
4.3	POR QUE PARTIR? O PROJETO MIGRATÓRIO	90
4.4	ESTRANHAMENTOS CULTURAIS ENTRE “BAIANOS” E BRUSQUENSES	95
4.5	IMIGRANTES CONTEMPORÂNEOS EM BRUSQUE: UMA NOVA FACE DA IMIGRAÇÃO	105
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
	REFERÊNCIAS	115
	ANEXO A - Carta “Aviso para os baianos”	121
	ANEXO B - Audiência Pública (29/05/2014)	123

1 INTRODUÇÃO

A vivência cotidiana no município de Brusque, em Santa Catarina, corroborada pelos dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pelas notícias publicadas na mídia local, demonstram que houve um grande aumento populacional nos primeiros anos do século XXI. Esse aumento é maior que o crescimento vegetativo da população natural. Além disso, é possível observar no cotidiano de Brusque que há novos hábitos e novas culturas, diferentes daqueles da população de origem italiana e alemã que se instalou naquele espaço em meados do século XIX, quando era uma colônia imigrantista estadual.

Na primeira década do século XXI, Brusque passa a conhecer um novo processo migratório com a chegada contínua de migrantes oriundos da região Nordeste do Brasil. Este novo processo migratório traz para o município um perfil de migrante distinto daqueles até então conhecido (os migrantes de origem europeia ou mesmo oriundos de outras regiões do sul do Brasil). Portanto, a fim de compreender as dinâmicas culturais e socioeconômicas de Brusque a partir do início do século XXI, esta pesquisa teve como objetivo analisar as motivações e características do movimento migratório nordestino e as modificações que vêm ocorrendo no perfil sociodemográfico do município neste início de século.

Ao longo do século XX, Brusque continuou sendo um destino de migrantes, oriundos agora de outras regiões do Brasil. Conforme dados do Censo Demográfico de 1990, o município tinha uma população de aproximadamente 57.000 habitantes. Pouco mais de vinte anos depois, ainda segundo dados do Censo do IBGE, esse número dobrou e isso não se deveu apenas ao crescimento vegetativo local. Por fim, em 2017, o IBGE divulgou que o município possui uma população de 128.818 habitantes. As razões dessa contínua expansão estão relacionadas com a migração, devido ao componente da dinâmica demográfica que, por sua vez, a população tem o crescimento ou pelo aumento da natalidade e redução da mortalidade, ou até mesmo pelos migrantes que chegam à cidade.

Neste sentido, o universo da pesquisa teve como abrangência a área do município de Brusque, localizado no Vale do Itajaí, no estado de Santa Catarina. O povoamento da área onde hoje se localiza o município de Brusque, que já existia população indígena ali previamente estabelecida, recebeu a partir dos seus núcleos

populacionais com a chegada, em 1869, de imigrantes de estados alemães (já que a Alemanha se unificaria apenas em 1870).

Ao longo do século XX, Brusque continuou sendo um destino de migrantes oriundos agora de outras localidades do Brasil. O primeiro fluxo migratório mais significativo para o município ocorreu na década de 1980, com migrantes paranaenses, do oeste de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e, em menor quantidade, de outros estados brasileiros. No entanto, a partir da primeira década do século XXI iniciou-se um fluxo migratório vindo do Nordeste brasileiro, principalmente do estado da Bahia (MAFFEZZOLLI, 2015).

A motivação da presente pesquisa nasceu a partir da observação cotidiana sobre as relações existentes entre migrantes recentes, dentre os quais havia uma visibilidade maior dos nordestinos e os moradores do município de Brusque. É perceptível no cotidiano certos estranhamentos pejorativos e estigmatizantes com relação ao modo de vida dos imigrantes nordestinos, por meio de sua cultura e etnia. Vê-se, então, a questão do estigma, que entendido por Goffman (1988) consiste em um termo que é usado em referência a um atributo. O autor em sua obra sobre a construção da identidade de pessoas estigmatizadas, ensina que determinados atributos são vistos como indivíduos diferentes e até inferiores, pelos quais suas características os torna diferente dos outros. O autor ainda define que o estigma é um atributo considerado depreciativo pelo meio social. O sujeito estigmatizado é visto como inferior, fraco ou em situação de desvantagem em relação aos demais.

Cabe ressaltar que os referidos estranhamentos evidenciam, entre outros aspectos, a cor do indivíduo, pois o fato de ser negro e pardo o migrante é ainda mais estigmatizado em uma sociedade local com colonização europeia. Sendo assim, o estranhamento é relacionado com a cor e a origem regional do sujeito.

Isto porque o migrante contemporâneo que se instala em Brusque, assim como todos os que o antecederam, também busca melhores condições de vida. Mas, ao mesmo tempo, também apresenta uma bagagem cultural e marcadores sociais de classe, raça e origem regional (do ponto de vista da fala, da etnia e dos costumes), distintas daquelas existentes onde chega.

O contato com o tema ocorreu não só pelas minhas observações no cotidiano da cidade, mas por minha atuação como professor de Geografia na rede estadual de Brusque, quando senti a necessidade de pesquisar como se dá a presença do atual migrante nordestino na sociedade brusquense. Em 2014, quando lecionava no Centro

Educacional de Jovens e Adultos (CEJA/Brusque), meus alunos foram convidados a participar de uma audiência pública na Câmara de Vereadores. O tema da audiência foi justamente a migração em Brusque. Devido a instituição atender também alunos nordestinos migrantes, a participação na audiência complementou minhas aulas que tinham como discussão as motivações dos movimentos migratórios em Brusque.

A audiência serviu também para desmistificar os estranhamentos socioculturais entre “baianos” e brusquenses. É importante ressaltar que será atribuída a expressão “baiano” a todo migrante nordestino devido ao uso do termo estigmatizante presente no município. É perceptível nos discursos do cotidiano a expressão do termo “baiano” como algo depreciativo em diversos setores da sociedade. Se o sujeito é preguiçoso em determinada aspecto ou lento no trabalho, por exemplo, é visto como com um fato de “baiano”, ou até mesmo um erro no trânsito, cuja a situação é vista como de “baianada”,

Durante a referida audiência pública, na presença também de empresários locais, foi possível compreender a dinâmica intrínseca ao processo migratório dentro do panorama de Brusque. Nessa dinâmica, verifica-se uma contradição inerente ao próprio modo de produção econômico em vigor, que ao mesmo tempo que precisa da mão de obra trabalhadora dos migrantes para se reproduzir e desenvolver (e ampliar o exército industrial de reserva visando baratear mão de obra), também torna os trabalhadores migrantes sujeitos de diferentes estigmas sociais. O tema da audiência pública foi o ponto de partida dessa pesquisa e será analisada com mais detalhes na terceira seção.

Quanto aos estudos acerca das migrações internas ocorridas no Brasil, estes têm produzido ampla literatura. A partir da percepção da realidade do município de Brusque, compreendida à luz dessa literatura, a presente revisão do estudo pode ser agrupada em diferentes eixos temáticos, tais como: movimentos migratórios, migrações internas no Brasil e Santa Catarina e, por fim, a migração no município de Brusque.

Os autores Singer (1980), Lee (1980), Germani (1970), Santos (2004), Durham (1973) e Assis (2013) apresentam conceitos relevantes para a compreensão e caracterização dos movimentos migratórios. Além de estudarem os motivos que levam ao ato de migrar, também promovem uma análise sobre a importância das migrações nas transformações das estruturas econômicas e sociais.

Autores como Souza (1980), Patarra (2003), Cunha (2003), Brito (2009), Baeninger (2012), Camarano e Abramovay (1999), Martine (1970) e Sassen (1988), entre outros, abordam as causas da migração interna no Brasil. A abordagem por eles realizada permite uma análise histórica dos fluxos migratórios brasileiros, principalmente para as regiões Sudeste e Sul. Os autores apresentam dados sobre o crescimento demográfico em cidades brasileiras, bem como sua influência no surgimento de grandes centros urbanos no país.

Os movimentos migratórios em Santa Catarina são analisados por Mamigonian (1966), Turnes (2008), Mira (2000) entre outros autores. A obra de Turnes (2008) aborda o processo de transformação que o estado catarinense vivencia em seus aspectos demográficos e, também, o fenômeno denominado de “litoralização” decorrente do processo migratório verificado no estado. No entanto, a partir da obra de Mamigonian (1966), tem-se o entendimento que o Vale do Itajaí, pelo qual situa-se Brusque, os espaços se urbanizaram – tornaram-se cidades – a partir da atividade industrial relativamente marcante na produção econômica da região. Sendo assim, a industrialização das áreas alemãs e do sul de Santa Catarina atraíram populações de origem luso-brasileira¹ das vizinhanças.

A migração em Brusque é tema recorrente em Maffezzolli (2012) e Seyferth (1981). As autoras retratam aspectos da formação sociocultural do município a partir dos movimentos migratórios conhecidos no século XIX. Além delas, a obra de Jungerfeld (2012) revela dados sobre a economia de Brusque, mostrando seu entendimento do crescimento populacional no município nas últimas décadas.

A partir dessas reflexões e das observações do cotidiano no que concernem às relações entre migrantes nordestinos e moradores de Brusque, foi se construindo a problemática desta dissertação. Neste sentido, inicialmente me propus a investigar: de que maneira as dinâmicas culturais e socioeconômicas da migração nordestina repercutem no município de Brusque a partir do início do século XXI?

Diante disto, a pesquisa teve como objetivo geral analisar as motivações e características do movimento migratório nordestino em Brusque no início do século XXI e compreender as modificações que vêm ocorrendo no perfil sociodemográfico do município. Como objetivos específicos, busca-se entender as causas do aumento populacional no município de Brusque nos primeiros anos do século XXI e sua relação

¹ Relativo a ou pertencente a portugueses e brasileiros ou composto de elementos pertencentes às culturas desses dois povos.

com o movimento migratório; identificar a procedência dos migrantes recentes provenientes do Nordeste, os chamados de maneira generalizante e pejorativamente – como já dito – de “baianos”, e as motivações de sua saída do local de origem, as histórias de migração de homens e mulheres migrantes e, por fim, compreender a forma de adaptação e reprodução social do migrante nordestino no município de Brusque.

Pesquisar o movimento migratório presenciado pelo município de Brusque mostra-se relevante na medida em que, ao se estudar o migrante nordestino englobado na categoria “baiano” pelos habitantes da cidade, pode-se lançar luz sobre os encontros e desencontros entre os estabelecidos e os outsiders (Norbert Elais)² e problematizar o preconceito e a discriminação contra os imigrantes. Sendo assim, tem-se a contribuição para a formulação de políticas públicas no município de acolhimento aos migrantes e, também, de combate ao preconceito. Deste modo, verifica-se uma melhor compreensão das migrações contemporâneas para a formação de novas estruturas sociais e para a transformação do espaço urbano.

Ademais, a necessidade dessa compreensão mostra-se ainda mais importante quando se consideram os problemas enfrentados pela Administração Municipal para atender à demanda por vagas em creches ou por serviços de saúde, por exemplo, partes mais visíveis de uma questão migratória que precisa ser compreendida e administrada de forma global e não compartimentalizada.

Neste sentido, o tema também se fez merecedor de estudo na medida em que se está diante de um processo em que as contradições sociais são flagrantes mas, ainda assim, precisam ser explicitadas de forma fundamentada em dados objetivamente apurados. Contradições pelo fato de que a migração – demanda de mão de obra – é uma demanda da economia do município. O sistema econômico existente precisa de um fluxo contínuo de mão de obra migrante para se manter e se expandir. Por outro lado, entretanto, a sociedade assentada nesse sistema econômico vê como algo estranho ao seu próprio meio a mão de obra migrante da qual sua base

² A obra *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, de Norbert Elias e J. L. Scotson (2000), aponta diferenciais de integração entre grupos em uma área industrial urbana, na Inglaterra, no final dos anos 1950. A obra analisa a relação entre grupos, neste caso com situações econômicas semelhantes, que foi acompanhada de atrito e perturbações devido à chegada de pessoas com ideias, maneiras e crenças diferentes até então conhecidas em seu círculo. Os autores ainda comentam as tensões peculiares entre os velhos e novos moradores, em que os recém-chegados foram vistos como uma ameaça, não apenas com intenção de perturbação, mas sim pelo novo comportamento que levava os velhos residentes a achar que qualquer contato os rebaixaria a um status de inferioridade.

econômica tanto necessita. Esta contradição é um ponto relevante a se compreender com base em critérios científicos: se a migração ocorre em Brusque é também porque o sistema econômico dela necessita. Ela é necessária à transformação da economia e da própria sociedade.

O migrante “baiano” traz uma bagagem cultural e marcadores sociais de classe, raça e origem regional (do ponto de vista da fala/o sotaque, da cultura), que entram em “choque” com os da população local em sua grande maioria branca e de ascendência alemã ou italiana. Estas características, do migrante atual, acabam sendo fonte de alguns estranhamentos por parte de uma comunidade local que, ao mesmo tempo que nunca se caracterizou por ter uma cultura totalmente homogênea (eis que resultado da mistura de influências de origem alemã, italiana, açoriana, entre outras), também construiu, apesar disto, uma narrativa étnica enfatizando a origem germânica.

Sobre o estranhamento de origem cultural destinado aos novos migrantes, a pesquisa permite um confronto entre dados objetivamente embasados em levantamentos estatísticos com informações que circulam, ainda que de maneira informal, junto à comunidade local. Informações que veicularam estigmas dirigidos aos migrantes. Por esses estigmas, o migrante, supostamente quase sempre “pobre”, “de baixa instrução”, e sem “perspectivas sociais”, tende a ser visto apenas como um problema. Estigmas que merecem ser apreciados para desconstruí-los por uma pesquisa científica específica.

Ademais, a compreensão do perfil do migrante acaba, por consequência, possibilitando que ele não seja compreendido apenas como o objeto de determinadas políticas públicas. Sem desmerecer a alta conveniência (na verdade, a urgência) dessas mesmas políticas, é também preciso uma abordagem mais ampla sobre o perfil do migrante. Sendo que, a grande demanda da migração em Brusque exige, ao seu turno, a essencialidade dos serviços públicos envolvidos (saúde, educação, segurança), pelos quais são prestações permanentes do Estado e que deverão ser mantidas.

Desta forma, tem-se uma abordagem do migrante que revele o seu papel não só como objeto ou destinatário passivo de ações do Estado, mas, também, como sujeito. Assim, a pesquisa tem como intuito mostrar que o migrante em Brusque é um sujeito essencial para a reprodução e desenvolvimento de um modelo de produção econômico do qual depende a sociedade local, que o estigmatiza como um problema.

Tem-se, então, que a necessidade desta demonstração, embasada em dados cientificamente coletados, também serve como justificativa para a realização da presente dissertação.

Quer-se, então, com as informações e dados obtidos, gerar um sistema articulado e fundamentado de observações sobre a realidade da migração atual em Brusque, passível de ser utilizado em várias instâncias de planejamento, ou mesmo ser aproveitado para o desenvolvimento de outras pesquisas. Ademais, uma vez que a pesquisa versa sobre uma questão de interesse social, torna-se apta a ser aproveitada no desenvolvimento de políticas públicas.

1.1 O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A ciência é o conhecimento que se estabelece diante dos desafios com os quais o ser humano se deparou ao investigar o universo. Segundo Demo (1981) a ciência é algo sempre inacabado. Todavia, a ciência dá soluções apenas à medida que levanta sempre novos problemas e, por este motivo, a pesquisa é o instrumento fundamental para visualizar a captação da realidade. Diante disto, com o propósito de responder indagações apresentadas sobre o fenômeno migratório em Brusque, optei por uma pesquisa de caráter qualitativo, fundamentada principalmente por entrevistas semiestruturadas e estratégia de grupos focais.

Para compreender as questões levantadas na pesquisa, escolhi como universo os imigrantes nordestinos que recentemente chegaram a Brusque. Mas, aonde encontrá-los? A partir de contatos prévios e da minha vivência como professor na rede do município optei por realizar a pesquisa no Centro Educacional de Jovens e Adultos, local onde muitos filhos de migrantes e mesmo os migrantes buscam complementar sua escolarização. Desta forma, busquei promover uma coleta de dados de forma qualitativa, tendo em vista tentar compreender, ainda que de forma limitada, as influências do fenômeno migratório sobre as subjetividades dos agentes que dele participam. Esta forma de abordagem é utilizada quando da realização de grupos focais e entrevistas semiestruturadas junto aos migrantes delimitados no Centro Educacional de Jovens e Adultos (CEJA/Brusque) traçando um quadro qualitativo da chegada e dos impactos dessa migração na cidade.

Segundo Flick (2013) a entrevista semiestruturada tem como objetivo obter as visões individuais dos entrevistados sobre um tema específico. Assim, as questões

deverão dar início a um diálogo entre o entrevistador e o entrevistado. Espera-se que os entrevistados respondam da forma mais livre e extensiva que desejarem. Se suas respostas não forem suficientemente ricas, o entrevistador deve sondar mais.

Nesta conjuntura, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas com migrantes nordestinos, o presidente da Câmara Municipal de Brusque e, também, uma professora e o diretor do Centro Educacional de Jovens e Adultos de Brusque (CEJA), num total de quatro entrevistas. As entrevistas com os migrantes foram apontadas as motivações em seu projeto migratório, bem como histórias de situações locais no seu lugar de origem até as razões para migrar à nova cidade. Cabe ressaltar a importância do testemunho do Presidente da Câmara Municipal de Brusque, que junto com a presença comunidade local, promoveu audiências públicas no município com o debate migração. As audiências discutiram temas relacionado ao preconceito, perspectivas econômicas e o bem estar do novo migrante.

Outra estratégia metodológica utilizada foi a técnica de grupos focais com os alunos migrantes do Ensino de Jovens e Adultos (EJA) e, também, estudantes do EJA que são nascidos e criados em Brusque. Para uma melhor compreensão, Veiga & Gondim (2001) definem como grupo focal uma técnica de pesquisa qualitativa que se apresenta como uma possibilidade de compreender a construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos a respeito de um tema específico.

Boni & Quaresma (2005) ensinam, também, que a técnica pode ser utilizada com um grupo de pessoas que já se conhecem previamente ou então com um grupo de pessoas que ainda não se conhecem. Ainda, a discussão em grupo se faz em reuniões com um pequeno número de informantes. Geralmente conta com a presença de um moderador que intervém sempre que achar necessário, tentando focalizar e aprofundar a discussão. A primeira tarefa do moderador é a sua própria apresentação e também uma rápida apresentação do tema que será discutido. Logo após, os participantes do grupo devem se apresentar.

Diante disto, foram realizados dois grupos focais no mês de novembro de 2017 com alunos do Centro Educacional de Jovens e Adultos de Brusque (CEJA) de Brusque, com dez pessoas, seis homens e quatro mulheres, cujo perfil será brevemente apresentado nos quadros 1 e 2 a seguir. Pela minha experiência como professor há quatro anos na instituição, é perceptível o número de alunos migrantes de diversos estados do Brasil, mais especificamente da região Nordeste. Por meio

dos grupos focais, buscou-se construir um panorama mais completo sobre o fenômeno da migração em Brusque.

Os grupos focais tiveram o apoio da coordenação acadêmica e dos professores da escola. No primeiro momento, na busca dos sujeitos que participaram dos grupos, os professores comentaram nas salas de aula que um pesquisador realizaria uma pesquisa com alunos migrantes do Nordeste e, também, alunos nascidos e criados em Brusque. Os professores autorizaram a entrada em sala de aula, e alguns alunos se mostraram interessados devido a temática da pesquisa chamar a atenção. Deste modo, foram selecionados alunos dos 18 aos 74 anos, entre homens e mulheres (aqueles que se prontificaram a comentar sobre o tema). Assim, a escola cedeu um espaço e iniciou-se uma conversa sobre o procedimento da técnica e o objetivo da pesquisa.

O primeiro grupo focal aconteceu no dia 21 de novembro de 2017 com estudantes (duas mulheres e três homens) migrantes da região Nordeste. A partir do perfil do grupo focal com estudantes nordestinos (Quadro 1), possibilitou a experiência com histórias de migração entre homens e mulheres, desde a saída de seu lugar de origem até a chegada em Brusque. As discussões permitiram compreender as características do processo de adaptação e reprodução social do migrante genericamente e pejorativamente chamado localmente de “baiano” na sociedade brusquense.

Quadro 1 – Perfil do primeiro grupo focal com alunos migrantes do EJA (21 novembro de 2017)

Nome	Idade	Est. Civil	Local de Nascimento	Profissão	Ano de chegada
Rose	34	Solteira	Ilhéus/BA	Auxiliar de limpeza	2017
Carla	36	Solteira	Itabuna/BA	Auxiliar de limpeza	2002
Pedro	49	Casado	Senhor do Bonfim/BA	Ceramista	2013
Marcelo	38	Casado	Maceió/AL	Auxiliar de Produção	2002
Sérgio	46	Separado	Salvador/BA	Pedreiro	2005

Fonte: Elaboração do autor (2018).

Os nomes reais das pessoas entrevistadas (dos dois grupos focais) foram substituídos por nomes fictícios, como um procedimento ético de pesquisa, com a intenção de resguardar a identidade dos respondentes. As entrevistas foram gravadas e transcritas pelo pesquisador.

O segundo grupo focal foi realizado no dia 28 de novembro do mesmo ano e contou com alunos do EJA nascidos e criados em Brusque (Quadro 2). Mostra-se relevante com as discussões a compreensão de como tem se dado a inserção dos novos migrantes no município. O diálogo se deu em torno de temas relacionados ao estigma pejorativo “baiano” ao novo migrante, bem como sobre o preconceito e as relações sociais de maneira geral. Sendo assim, o grupo foi composto por cinco participantes (três homens e duas mulheres).

Quadro 2 – Perfil do segundo grupo focal com alunos do EJA nascidos em Brusque (28 novembro de 2017)

Nome	Idade	Est. Civil	Local de Nascimento	Profissão
Eliza	59	Viúva	Brusque/SC	Aposentada
Mikaela	39	Casada	Brusque/SC	Revisora de roupas
João	74	Casado	Brusque/SC	Aposentado
Djonata	17	Solteiro	Brusque/SC	Costureiro
José	17	Solteiro	Brusque/SC	Caixa

Fonte: Elaboração do autor (2018).

Cabe ressaltar que a escola como ambiente de socialização e aprendizado permitiu um ótimo resultado no planejamento e andamento dos grupos focais. O tema “migração” é polêmico na cidade e na escola. Desta forma, devido ser um tema que repercute em Brusque, os entrevistados já tinham um conhecimento prévio sobre o assunto que, por sua vez, suas experiências e histórias discutidas em grupos complementaríamos a pesquisa.

A estrutura da dissertação foi elaborada tendo em vista uma divisão mais compressível acerca dos movimentos migratórios nordestinos no Município de Brusque.

A seção 2, intitulado “Migrações Internas no Brasil e em Santa Catarina: passado e presente”, apresenta uma revisão teórico-temática sobre os diversos aspectos relacionados com a questão dos movimentos migratórios. Esta seção busca sintetizar os conceitos de migração e uma visão sobre as migrações internas no Brasil. Apresenta, também, uma discussão sobre o aumento do fluxo migratório para Santa Catarina.

A terceira seção, “Os Nordestinos em Brusque/SC: os estranhamentos aos ‘novos imigrantes’ que chegam à cidade” apresentará um panorama da colonização

no Município de Brusque e a dinâmica da vinda dos imigrantes nordestinos à cidade. Desta forma, tem-se como objetivo a estratégia da compreensão da realidade através de entrevistas semiestruturadas e consulta dos dados disponibilizados em fontes mais dispersas, no caso de dados estatísticos disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), produzidos principalmente quando dos Censos de 2000 e 2010 sobre a amostragem de migração e, matérias jornalísticas produzidas por órgãos da mídia local.

Por fim, a quarta seção apresenta, a partir das vozes dos sujeitos dos grupos focais, relatos sobre o projeto migratório, bem como a vida cotidiana, a chegada, o trabalho, a escola e o preconceito. Nessa seção serão abordados os grupos focais realizados no CEJA, com os alunos migrantes e os nascidos e criados em Brusque. Esta seção conta de forma detalhada os dados coletados por meio dos instrumentos de coleta, confrontados com a fundamentação teórica e assim resultando na sua análise.

2 MIGRAÇÕES INTERNAS NO BRASIL E EM SANTA CATARINA: PASSADO E PRESENTE

A presente seção pretende apresentar uma discussão teórico-temática acerca dos movimentos migratórios no Brasil e em Santa Catarina. O objeto empírico da pesquisa é conhecer as características sociodemográficas e a inserção social dos imigrantes nordestinos no município de Brusque, no estado de Santa Catarina. Mais especificamente, o estudo tem seu recorte temporal a partir do início do século XXI, período em que houve um aumento populacional no município decorrente das migrações internas.

Para possibilitar uma compreensão mais profunda do fenômeno identificado em Brusque, os temas abordados perpassam o processo de construção das teorias sobre migração; as migrações internas no Brasil em uma breve análise temporal até o século XXI e, por fim, as migrações no estado de Santa Catarina.

2.1 AS MIGRAÇÕES INTERNAS NO BRASIL

À luz dos estudos já produzidos sobre a temática, pode-se entender por migração uma mudança permanente ou semipermanente de residência, não sendo relevante para esta definição a distância do deslocamento ou, mesmo, a natureza voluntária ou involuntária do ato de migrar (LEE, 1980).

Ainda segundo Lee (1980), não importa quão curto ou quão longo, quão fácil ou quão difícil é o ato migratório. Para o autor, este implica um lugar de origem, um lugar de destino e uma série de obstáculos intervenientes, entre os quais se destaca, como sempre presente, a distância do deslocamento.

Ao analisar os movimentos migratórios em um âmbito mundial é possível perceber que suas causas estão entrelaçadas em diversos fatores. Assis (2013) aponta que inicialmente os sociólogos analisavam a migração como consequência da sociedade capitalista. Seria ela, a migração, uma consequência dos fenômenos de industrialização, urbanização e mobilidade espacial, verificados no modo de produção capitalista. No entanto, ainda segunda a autora, não há uma resposta única para essa questão, pois, além do próprio capitalismo em si, fatores como crescimento demográfico, crises econômicas, desastres ambientais, guerras, perseguições étnicas, políticas e religiosas também são condições que levam às migrações.

O critério para escolha do destino do migrante depende de fatores como características econômicas, políticas, sociais e físicas do local. O fator econômico é o mais evidente, pois buscam-se oportunidades de melhor salário, através de empregos na indústria, e melhores custos de moradia e de vida.

Ainda segundo Assis (2013) o processo migratório ocorre sempre que uma pessoa decide mudar seu local de residência, ou seja, sair de sua cidade ou país para viver em outro lugar. Sendo assim, são considerados emigrantes essas pessoas que partem de sua terra natal e buscam melhores condições de vida em outra cidade ou país. Já os imigrantes são aqueles que entram em um país destino, que por sua vez, “são recebidos” pela sociedade de acolhimento e conflito.

Desta forma, todo imigrante é um emigrante, e vice-versa (SAYAD, 1998). É emigrante na terra natal e, do mesmo modo, é imigrante na terra de destino. Tudo depende, então, do ponto de vista a partir do qual o fenômeno é apreciado.

Contudo, a ideia de condensar os dois conceitos (imigrantes e emigrantes) é entendido por Santos (2013) que devido aos grandes fluxos de deslocamentos se estabelece uma terceira designação – a migração. Migração reproduz a existência de movimentos sem distinção explícita entre origem e destino, ou seja, entre quem parte e quem chega.

Em países desenvolvidos fatores não econômicos têm grande importância para a migração. Uma melhor qualidade de vida, por exemplo, é um fato não econômico associado à migração. Os lugares mais atraentes seriam aqueles com melhores condições climáticas, com menor criminalidade, com menos poluição, com menos congestionamento de tráfego, entre outros. Outros fatores migratórios, em países de renda baixa e média, são a presença de alguns familiares e amigos no local de destino, vistos como rede de proteção social e núcleo de atividades sociais. Por fim, outros fatores podem ser mencionados: o desejo de viver em uma cidade maior; problemas de saúde; desejo de poder usufruir de melhores possibilidades na educação; e, ainda, desejo de fugir da violência rural e urbana (TURNES, 2008).

Vê-se que a descrição de um dado processo migratório não se resume à apresentação de informações sobre o número de pessoas que saem de uma determinada região para se instalar em outra. Também é necessário verificar quais fatores levaram os migrantes a sair de seu local de origem, assim como os fatores que os levaram a se estabelecer no local de destino.

De forma menos genérica, e possivelmente mais adaptada às migrações internas verificadas no Brasil, as causas desse tipo de migração são apresentadas por Singer (1980) como tendo por motor principal as desigualdades internas, surgidas da industrialização nos moldes capitalistas. Observa o autor que, em alguns lugares, a economia se especializa na produção de algumas poucas matérias-primas de modo a reproduzir, dentro de um mesmo país, a dicotomia “desenvolvidos x subdesenvolvidos” verificada no plano internacional.

Já sobre as consequências das migrações internas, sabe-se que o desenvolvimento transforma a estrutura econômica e ocasiona profundas mudanças na estrutura social. Novas classes sociais surgem ao passo que outras, mais antigas, se atrofiam. Assim, as migrações internas desempenham papel de grande importância nessas transformações das estruturas econômicas e sociais. A passagem de uma parte da população de uma classe a outra se dá muitas vezes mediante movimentos no espaço (SINGER, 1980).

Os movimentos migratórios podem, então, ser compreendidos como fenômenos que implicam não só movimentação espacial de pessoas, mas, também, movimentação social, ou seja, uma mudança de posição social, se não efetiva, ao menos desejada, por parte dos indivíduos que participam de um dado movimento migratório.

Neste sentido, afirma Santos (2004, p. 306):

O fenômeno das migrações aparece, portanto, estreitamente ligado ao da organização da economia e do espaço, vistos de um ponto de vista dinâmico. Essas migrações são uma resposta a situações de desequilíbrio permanente e contribuem para agravar esses desequilíbrios econômicos e espaciais, geralmente em favor de zonas mais evoluídas.

Nesta acepção, os movimentos migratórios estão estreitamente ligados à produção e reprodução do espaço, sobretudo, associados à industrialização e urbanização no modo de produção capitalista, o que, por sua vez, acarreta desigualdades regionais. Sendo assim, Singer (2002) afirma que nos moldes capitalistas qualquer processo de industrialização implica uma ampla transferência de atividades e pessoas, a favor de apenas algumas regiões em cada país, esvaziando as demais. Deste modo, a decisão adotada é escolher a localização onde há maior urbanização, tornando, ao seu turno, a crer que a urbanização assume características próprias do capitalismo.

Brito (2009) aponta análises econômicas e sociológicas sobre as migrações internas, influenciadas pela teoria do desenvolvimento econômico com oferta ilimitada de mão de obra e pela teoria da modernização social. Na primeira teoria (do desenvolvimento econômico) encontra-se a concepção de que as migrações são um forte mecanismo de transferência da população de regiões agrícolas, densamente povoadas, e com uma produtividade do trabalho extremamente baixa, para os setores urbanos e industriais da economia capitalista. Já na segunda teoria (a da modernização), o autor afirma que as migrações transferem as populações das áreas tradicionais para as cidades (principalmente as grandes cidades) onde predomina um arranjo social e cultural mais moderno.

Migrar para as cidades é uma das opções mais pertinentes quando a ideia é mudar o padrão de vida. Sendo assim, cabe ao migrante analisar se o local destino precisa da necessidade de uma mão-de-obra que atenda as expectativas do mercado de trabalho. Assim, a migração é vista como uma estratégia que tem como objetivo melhorar a vida do migrante e a da família que o acompanha. Nesta conjuntura, cabe ressaltar, segundo Durham (1973), o papel fundamental da família no projeto migratório, pois devido as condições favoráveis as famílias chamam as outras ou mudam-se para onde estão as outras. A autora aponta que a transferência para áreas urbanas são envolvidas por um empreendimento familiar que tende a seguir trajetórias já percorridas por parentes, amigos ou conterrâneos que oferecem informações a respeito das oportunidades de trabalho.

Vê-se, então, a questão das redes migratórias, neste caso pelo entendimento de Massey (1988, p.396) que podem ser definidas como “complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade”.

No entanto, por uma perspectiva sociológica, Germani (1970) ensina que a migração é um processo social que ultrapassa o método do mercado de trabalho e se introduz em uma extensiva mudança social, psicossocial e cultural, tanto individual quanto coletiva dentro da sociedade contemporânea. Sendo assim, os movimentos migratórios são essenciais e funcionais para o desenvolvimento da sociedade.

Os movimentos migratórios internos podem ser entendidos por deslocamentos populacionais dentro do próprio país. Tais movimentos são influenciados por fatores econômicos, como é o caso das oportunidades de trabalho. Deste modo, o número

de habitantes não se altera no território nação, porém as dinâmicas culturais das regiões são modificadas no decorrer desse processo

Neste contexto, Baeninger (2012) afirma que as migrações no Brasil apresentaram características distintas em cada uma das etapas econômicas, uma vez que, embora a migração seja sempre definida como uma mudança de residência, envolve sentido, direções, causas e consequências bastante variadas. Sendo assim, cada tipo de movimento migratório teve sua expressão num momento e pode ter significado diferente noutra etapa e em outro espaço.

Patarra (2003) aponta que o período compreendido pelo avanço da economia cafeeira e os primórdios da industrialização constitui um dos períodos mais ricos para o estudo da dinâmica entre espaço e movimentos migratórios. Os movimentos migratórios foram impulsionados pelas plantações de café no estado de São Paulo que, por sua vez, foi a principal fonte de força de trabalho após o fim da mão de obra escrava (a partir de 1890 até 1920). Desta forma, a partir da década de 1930, com a expansão da industrialização, diminuiu a imigração europeia e iniciou um intenso processo migratório interno no país.

Diante disto, o período da economia cafeeira até os primórdios da industrialização marca uma transição dos movimentos migratórios. Nesta acepção, é entendido por Martine (1990) que as migrações internas na Colônia e no Império se traçaram pelos ciclos de atividade econômica primário-exportadora. Isso teve como consequência uma estruturação territorial marcada pelo início de uma rede diversificada de cidades. Ainda segundo o autor, sobre uma abordagem migratória, cada ciclo (pau-brasil, açúcar, pecuária, mineração, café ou borracha) ao se deslocar geograficamente para a atividade exportadora, também ocupou novos territórios provocando o aparecimento de novos núcleos de assentamento. Assim, a necessidade de mão-de-obra em cada novo ciclo eram supridas por migrações ultramarinas de colonos e escravos.

A partir da década de 1930 com o intuito de satisfazer as necessidades de mão de obra na cafeeira iniciou um crescente fluxo migratório interno no país. Souza (1980) explica que a expansão industrial da cidade de São Paulo, na década de 1930 e nos anos seguintes, atraiu contingentes populacionais do meio rural paulista e de outros estados brasileiros. As razões desse fluxo migratório para São Paulo tiveram como intuito progredir economicamente, já que as áreas rurais não tinham mais esperanças.

O acelerado processo de urbanização provocados pelas transformações capitalistas, principalmente no Sudeste com a industrialização, contribuiu para uma migração rural-urbana. Para um melhor entendimento, Brito (2009) ensina que a teoria de uma migração rural-urbana é um processo acompanhado por dois estágios. O primeiro estágio é definido pelo migrante rural e não-qualificado, onde se direciona para uma área urbana, durante um certo período de tempo, no chamado setor urbano-tradicional (desempregados abertos, subempregados, empregados ocasionais e empregados do setor informal). Em seguida, o segundo estágio o migrante é engajado em um emprego permanente no setor moderno.

No período compreendido entre 1930 e 1950 Patarra (2003) aponta que houve uma expressiva diminuição dos movimentos migratórios internacionais, pois de 835 mil pessoas durante os anos 1921-1930, a imigração decresce para 285 mil e 130 mil, respectivamente, nas décadas de 1940 e 1950 do século passado. Sendo assim, o país inicia com um expressivo ciclo de migrações internas.

Esse processo foi acompanhado de um ciclo de migrações internas que, durante mais de três décadas, fornece mão de obra para as áreas de concentração econômica; isso foi possível porque o crescimento da população brasileira caracteriza-se, após 30, por um forte crescimento vegetativo e amplos deslocamentos populacionais rumo às cidades, que teve o papel de viabilizar um modelo de desenvolvimento espacialmente concentrado, com um mercado urbano relativamente reduzido, apoiado em amplos recursos naturais e na extrema pobreza da população rural (PATARRA, 2003, p. 18).

O estudo da dinâmica da migração interna aponta que o Brasil passou por um crescimento econômico resultado de um movimento de migração rural-urbana, que se verificou em todas as regiões brasileiras. De acordo com os dados de Camarano e Beltrão (2000) o país passou por um intenso processo de desruralização. Por meio de tal processo, aproximadamente 36 milhões de pessoas deixaram as áreas rurais no período compreendido entre as décadas de 1950 e 1980.

Com enfoque nas regiões brasileiras, Camaro e Abramovay (1999) apontam que a década de 1950 foi o período em que houve um intenso êxodo rural da região Nordeste. Dos 11 milhões de migrantes brasileiros rurais desta década, quase metade eram do nordestinos. Os autores também afirmam que na região Sudeste quase 4 milhões de habitantes deixaram o campo que, por sua vez, foi o fator determinante para um expressivo aumento populacional nas regiões metropolitanas. É importante ressaltar que na mesma década 20% da população da região Norte deixaram as áreas

rurais. Por fim, a região Sul contou com um êxodo rural de 18,9%, o que contribuiu com apenas 13% dos migrantes rurais brasileiros.

A década de 1950 é marcada por movimentos migratórios rurais-urbanos, e com isso diversos fatores apontam esses novos rumos das populações rurais, principalmente do Nordeste, onde obteve o maior número de emigrantes. Os autores Camarano e Abramovay (1997) indicam fatores da emigração nordestina como a construção de Brasília, deslocamentos para as áreas metropolitanas, migrações para a colheita de café em São Paulo e norte do Paraná, além das grandes secas que a região Nordeste passou no período.

Os anos da década de 1960 é o único período em que a maior parte dos migrantes rurais não eram nordestinos. No entanto, a década 1960 foi marcada pela emigração do Sudeste rural, em que 6 milhões de pessoas se deslocaram das áreas rurais, ou seja, metade de toda a migração rural nacional (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999). Válido então que, Martine (1990, p. 22) aponta as causas deste referido movimento migratório:

[...] atribui esse movimento às mudanças técnicas por que passou a agricultura da região (sobretudo São Paulo), bem como aos chamados “fatores de atração”, que já estavam operando durante os anos 50 com a expansão das grandes cidades da região. A erradicação de cafezais, sua substituição por pastagens e a dissolução das “colônias” de fazendas que se seguiu à maneira como a legislação trabalhista foi usada em situação de regime militar contribuíram para este impressionante movimento populacional do Sudeste.

As emigrações rurais das regiões Nordeste e Sudeste marcaram os anos da década de 1970. Neste sentido, apontam os autores Camarano e Abramovay (1997) que aproximadamente 5 milhões de migrantes deixaram o Nordeste, enquanto o Sudeste com aproximadamente 1,5 milhões de pessoas. A emigração rural da região Sudeste teve como fator a mecanização, pecuarização e a continuidade das colônias de café associadas ao mercado urbano.

Já na região Nordeste, de outro modo, a emigração esteve associada à expulsão generalizada de “moradores” dos engenhos e, também, à oportunidades de migrações inter-regionais dirigida à trabalhos assalariados de baixa qualificação durante o milagre econômico. Na região Sul, também na década de 1960, aproximadamente metade da população rural (45,5%) saiu do campo. Este fator, nas localidades da região Sul, foram atribuídos aos subsídios, incentivos econômicos e ao

aparato institucional impulsionado para estimular a adoção de técnicas produtivas e culturais poupadoras de mão-de-obra (CAMARANO E ABRAMOVAY, 1997).

Vale ressaltar que o processo de urbanização brasileiro teve como determinante a dinâmica dos processos migratórios internos. É por este ponto de vista que define Brito (2009, p. 12):

O processo de urbanização no Brasil só acelerou e assumiu uma dimensão realmente estrutural na segunda metade do século passado. Somente na década de sessenta é que a população urbana superou a rural. A velocidade do processo de urbanização, muito superior à dos países capitalistas mais avançados, foi a grande novidade do caso brasileiro. Exemplificando, em apenas 50 anos, na segunda metade do século XX, a população urbana passou de 19 milhões para 138 milhões [...].

Através das palavras do autor é possível compreender que o Brasil passou por um expressivo aumento populacional e, com isto, definiu-se grandes concentrações populacionais em aglomerados metropolitanos. Ainda segundo Brito (2009) entre 1950 e 1980 os movimentos migratórios internos contribuíram para consolidar o sistema de cidades, bem como o desenvolvimento da economia e da sociedade. O autor aponta que na segunda metade do século XX as migrações foram decisivas para integrar territorialmente a sociedade brasileira, pois devido à expansão dos sistemas de transportes e de comunicação os migrantes fluíram aceleradamente e contribuíram para a estruturação das cidades.

Já a década de 1970, segundo Martine (1987), é marcada pela explosão do crescimento urbano, com um crescente processo de concentração populacional em cidades cada vez maiores.

A década de 1980 teve como destaque as migrações urbano-urbano. Neste período a economia brasileira passou por um momento de crise. Houve queda na estrutura produtiva do país e alguns setores brasileiros estavam despreparados para se inserir no mercado mundial. Foi um período de desemprego e baixo crescimento econômico. Sendo assim, intensificaram-se as migrações urbano-urbano e, por conta disso, a urbanização continuou a crescer (PATARRA, 2003). Ainda segundo a autora, a década de 1980 aponta transformações significativas quanto às características dos movimentos migratórios no Brasil, bem como uma incidência acentuada de migrações de retorno, predomínio de migrações a curta distância e intrarregionais, crescimento de cidades de porte médio e, também, uma composição generalizada de periferias no entorno do centros urbanos maiores.

Segundo Cunha (2003) em virtude da desconcentração da atividade econômica, a década de 1990 foi marcada pela desconcentração da população. Enquanto algumas metrópoles brasileiras sofreram com a desconcentração populacional, outras regiões começaram um processo de metropolização. As cidades tradicionais com concentração populacional, como Rio de Janeiro e São Paulo, tiveram perdas demográficas, enquanto cidades como Curitiba, Belo Horizonte, Recife, Salvador, entre outras, tiveram um expressivo crescimento da população. A esse processo de desconcentração econômica se soma a queda de fecundidade, o que provoca uma redução no ritmo de crescimento populacional e um redirecionamento das migrações. Deste modo, ocorreram migrações de retorno para o Nordeste, sendo assim, as migrações internas deixam de se dirigir apenas aos grandes centros e iniciam um deslocamento para outras cidades médias.

A década de 1990 é também marcada por um êxodo rural nordestino. Camarano e Abramovay (1999) indicam que de todos os migrantes rurais do país, 54,6% deixaram do Nordeste entre 1990 e 1995, o que representou 31,1% da população de áreas rurais da região no início da década. A população rural nordestina representou uma redução de 1,2 milhão de pessoas nesses cinco anos, como consequência do êxodo rural e da queda da fecundidade. No entanto, a região Centro-Oeste foi a região que mais desruralizou na década de 1990.

Ainda sobre a região Nordeste, Patarra (2003, p. 31) define que:

Nessa região, tradicional área de emigração, ainda marcada por acentuados diferenciais de pobreza e condições de vida, registra-se também um decréscimo, em número absolutos, de sua população rural: de 17,2 milhões, em 1980, para 16,7 milhões em 1991 e 14,8 milhões em 2000.

Nos anos 2000, de acordo com o IBGE, o Brasil contava com uma população de 169,6 milhões de habitantes. A população definida como rural era constituída por 34 milhões de pessoas, ou seja, 18,8% do total populacional. A população urbana, portanto, registrava cerca de 137,9 milhões, neste caso, 81,2% da população total. Neste período, Patarra (2003) aponta que há uma diminuição do volume migratório do país em 7%. A região Sudeste teve um saldo migratório negativo e o Nordeste uma grande perda populacional. O Nordeste, conhecido tradicionalmente como uma área de emigração, ainda marcada por acentuados diferenciais de pobreza e baixas condições de vida, teve registrado um decréscimo em sua população rural. Apesar de concentrar quase a metade da população rural do país, em função das significativas

transformações econômicas, sociais e demográficas, a região Nordeste apresentou no censo de 2000 uma população urbana duas vezes maior que a rural, registrando 33 milhões de pessoas.

O censo de 2000, segundo Oliveira; Ervatti e Neill (2011) confirmou tendências nos movimentos migratórios internos e apontou novos espaços de redistribuição populacional. Os autores apontam que os deslocamentos entre as regiões brasileiras foram de 3,3 milhões de pessoas. A Região Nordeste, entre entradas e saídas, demonstrou a maior perda absoluta, com 760 mil pessoas. Vale ressaltar que a Região Sul, de acordo com o Censo de 2010, teve um pequeno saldo migratório negativo, pelos quais foram intencionados por trocas migratórias da Região Sudeste. Por fim, a Região Sudeste apresentou o maior saldo líquido absoluto, fruto da imigração nordestina, pois as trocas com as outras regiões brasileiras não foram tão expressivas (Tabela 1).

Tabela 1 – Imigrantes, emigrantes e saldo líquido migratório segundo as regiões brasileiras (2000)

Regiões	Imigrantes	Emigrantes	Saldo líquido migratório
Norte	355.436	292.751	62.685
Nordeste	647.373	1.411.421	(-) 764.048
Sudeste	1.404.873	946.286	458.587
Sul	330.618	349.813	(-) 19.195
Centro-Oeste	625.246	363.275	261.971

Fonte: IBGE (2000). Baseado em Oliveira; Ervatti e Neill (2011).

Nota: Exclusive imigrantes vindos de países estrangeiros.

A tabela 1 apresenta dados que confirmam o expressivo saldo negativo migratório da Região Nordeste pelo Censo de 2000. Sendo assim, configurando-a como uma espécie de região expulsora.

2.2 O SÉCULO XXI NO OLHAR DAS MIGRAÇÕES INTERNAS

De acordo com o censo realizado pelo IBGE em 2010, o Brasil contava com uma população de 190.7326.694 pessoas, dentre os quais 84% da população em áreas urbanas e 16% em áreas rurais. Em comparação com o censo realizado no ano 2000, o país teve um aumento de 20.933.524 pessoas. Esse número demonstra que o crescimento da população brasileira no período foi de 12,3%, inferior ao observado na década anterior (15,6% entre 1991 e 2000). O Censo 2010 mostra também que a

população é mais urbanizada que há 10 anos, pois no ano 2000 apontava 81% de população urbana.

Baeninger (2012) descreve que o entendimento dos movimentos migratórios internos contemporâneos tem suas raízes históricas assentadas na passagem de uma sociedade urbana-industrial, bem como uma compreensão dos ciclos migratórios a partir de etapas específicas da dinâmica econômica do país.

Ainda, segundo a autora Baeninger (2012, p. 1), afirma que:

Os movimentos migratórios apresentaram características distintas em cada uma das etapas econômicas, uma vez que, embora a migração seja sempre definida como uma mudança de residência, envolve sentidos, direções, causas, consequências bastante variadas; determinado tipo de movimento migratório teve sua expressão num momento e pode ter significado diferente noutra etapa e em outro espaço.

Válido ressaltar que os ciclos migratórios que o Brasil passou até o final do século XX tiveram sua dinâmica alicerçada em condições econômicas, bem como na inserção do modo de produção capitalista e a urbanização. Diante disto, Harvey (1992) e Sassen (1988) afirmam que ao entrar no século XXI amplia-se o entendimento das migrações internas, pois além do cenário nacional é preciso incorporar as transformações da nova ordem internacional na divisão social do trabalho no mundo.

O século XXI traz um novo olhar para as interações sociais e demográficas atuais, do mesmo modo que permitem afirmar que as migrações urbanas reconfiguram os processos migratórios neste novo século (BAENINGER, 2012).

De acordo com Sassen (1988) o processo de redistribuição produtiva no contexto internacional tem contribuído em nível nacional, regional e local para a composição de espaços urbanos selecionados. Por este motivo, Baeninger (2012) aponta que os espaços têm apresentado transformações em termos políticos, sociais e econômicos que, ao seu turno, modificaram as formas e os processos urbanos vigente até o início do século XXI. Assim, as inovações tecnológicas se acentuaram em pequenas e médias cidades, de maneira que passaram a constituir uma importante fatia do dinamismo regional e conseqüentemente uma mudança na direção e sentido dos fluxos migratórios nacionais.

Diante disto, os autores acima citados apontam que o processo global ligado às atividades econômicas provoca transformações nas estruturas urbanas e populacionais. Por esta abordagem, ainda ensina Baeninger (2012, p. 6):

É importante reter aqui para as análises das migrações internas do século 21 no Brasil, que são a partir desses lugares inseridos na lógica da produção global que se desencadeia a nova configuração migratória nacional: alta rotatividade, oscilação entre as condições da migração (retenção, perda e rotatividade migratória) e a utilização dos espaços como recurso para outros deslocamentos populacionais.

Nesta acepção, a autora acima descreve que a dinâmica das migrações internas no Brasil no início século XXI tem suas raízes de transformações desde a década de 1980 ancorado ao desempenho econômico. Baeninger (2012) defende que atualmente os estudos ligados aos fluxos migratórios internos são abordados em dois aspectos: de um lado as migrações de longa distância e, de outro, as migrações regionais através de especificidades às migrações urbanas-urbanas. Assim, os fluxos migratórios internos atuais são marcados em um novo contexto socioeconômico e urbano por diferentes “condições migratórias”: áreas de retenção de população, áreas de perdas migratórias e locais de rotatividade migratória.

No que tange as regiões brasileiras em aspectos relacionados aos fluxos migratórios nos primeiros anos do século XXI, percebe-se que através da tabela a seguir Baeninger (2012) descreve que no período entre 2001-2006 e 2004-2009 houve, respectivamente, entre 12 a 13 estados com ganhos migratórios, considerando as migrações interestaduais. Vale destacar que neste mesmo período os estados São Paulo e Rio de Janeiro tiveram perdas migratórias no contexto das migrações internas do Brasil.

A tabela a seguir apresenta dados que a Pesquisa Nacional por Amostra e Domicílios (PNAD), elaborado pelo IBGE nos anos de 2001-2006 e 2004-2009, aborda sobre o volume de imigração e emigração nos estados brasileiros.

Tabela 2 – Volume da imigração e emigração – Unidades de Federação (2001-2006 e 2004-2009)

Regiões/UFs	2001-2006		2004-2009	
	Imigração	Emigração	Imigração	Emigração
Rondônia	36.000	56.801	34.249	32.206
Acre	17.762	13.154	13.059	13.026
Amazonas	51.792	54.600	63.102	35.594
Roraima	36.602	7.071	15.351	14.675
Pará	198.152	174.718	118.292	160.200
Amapá	17.823	19.769	19.987	11.073
Tocantins	67.730	90.055	50.491	82.316
NORTE	425.867	416.168	314.531	349.090
Maranhão	154.041	220.748	125.387	154.859
Piauí	99.490	110.842	74.798	104.822
Ceará	174.343	136.014	93.740	98.073
Rio G. do Norte	85.063	54.640	60.182	37.047
Paraíba	112.330	137.991	74.291	70.917
Pernambuco	194.317	204.361	100.769	107.334
Alagoas	70.769	105.894	43.936	80.757
Sergipe	38.472	44.775	37.736	36.573
Bahia	339.133	306.116	203.885	312.211
NORDESTE	1.267.958	1.321.381	814.724	1.002.593
Minas Gerais	417.502	378.067	288.373	276.196
Espírito Santo	137.501	82.150	107.421	54.674
Rio de Janeiro	210.038	251.634	141.459	165.522
São Paulo	765.469	972.567	535.376	588.652
SUDESTE	1.350.510	1.684.418	1.072.629	1.085.044
Paraná	262.629	274.548	203.613	171.868
Santa Catarina	217.714	127.768	194.033	113.545
Rio G. do Sul	93.457	130.950	90.036	104.016
SUL	573.800	533.266	487.682	389.429
Mato G. do Sul	120.126	80.308	57.900	50.205
Mato Grosso	142.130	85.618	78.627	90.654
Goiás	245.943	172.383	264.087	135.031
Distrito Federal	157.092	169.876	149.903	138.037
C. OESTE	665.291	508.185	550.517	413.927

Fonte: IBGE (2006); PNAD (2009). Adaptado de Baeninger (2012).

Com base nos dados da tabela 2, percebe-se o aumento na quantidade de emigrantes da região Nordeste. Este número é mais evidente no estado da Bahia que,

no período entre 2004-2009, sofreu com um aumento da emigração em relação ao período anterior.

Os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, na década de 1970, foram os estados que receberam um número significativo de imigrantes internos, mas, atualmente, os dados apontam perdas migratórias. A autora Baeninger (2012) destaca que a região Nordeste na primeira década do século XXI passa por uma migração de retorno. Os estudos de Coutinho (1998) afirmam que esta atual abordagem da migração de retorno nordestina estão vinculadas ao contexto atual da Região Metropolitana de São Paulo e do Rio de Janeiro, e a reorganização da indústria no território nacional.

Brito (2006, p. 16) complementa sobre esse fenômeno da migração de retorno vivenciado em grandes cidades:

Em síntese, os fundamentos demográficos, econômicos, sociais e culturais do padrão migratório que prevaleceu até a década de oitenta foram fundamentalmente comprometidos. [...] A migração de retorno, que se generalizou nas grandes regiões metropolitanas, é, para muitos, um novo caminho na contramão da possibilidade de ascensão social para o migrante. A sociedade e a economia mobilizam grande parte dos migrantes na região metropolitana, não absorvidos econômica e socialmente, para o caminho de volta, o retorno, ou para se deslocar para as periferias mais distante dos municípios metropolitanos.

Através dos dados do PNAD observa-se que o país passou pelo início do século XXI por uma rotatividade migratória. Assim, Baeninger (2012) ressalta que no início deste século os fluxos migratórios configuraram-se por mais áreas de retenção da migração do que áreas com uma tendência polarizadora de longa permanência, como foi o caso do Sudeste nos últimos cinquenta anos. A autora afirma que essas modificações nas migrações internas do país são fatores de transformações ocorridas no cenário econômico internacional e nacional, e que trouxeram efeitos em termos econômicos e políticos. Sendo assim, essas mudanças influenciam nas decisões de migrar e, em tempos atuais, sobre a decisão de permanecer ou não na região/estado para a qual migrou em tempos passados.

Brito (2009) enaltece que as migrações deixaram de ser tão positivas e necessárias para o desenvolvimento do capitalismo e para a modernização da sociedade. Segundo o autor as grandes cidades e os aglomerados metropolitanos, como resultado, em grande parte, das migrações anteriores, passaram a contar dentro dos seus próprios limites territoriais com o excedente populacional necessário para o

funcionamento satisfatório do mercado de trabalho. Deste modo, na fase atual da transição demográfica, onde a fecundidade já alcança o nível de reposição, não há mais possibilidade de se gerar, nas tradicionais regiões de origem migratória, os mesmo excedentes populacionais do passado e, conseqüentemente, suas enormes transferências interestaduais.

Diante disto, Brito (2009) aponta que atualmente há uma redução na velocidade do crescimento dos grandes aglomerados metropolitanos e um redirecionamento de migrantes para as cidades médias não metropolitanas. Também, dentro dos aglomerados metropolitanos há um crescimento populacional de municípios periféricos e, com isto, saldo negativos de migrantes em capitais evidenciando um processo de inversão espacial.

Os estudos de Brito (2009) também apontam a ampliação das telecomunicações na dinâmica dos fluxos migratórios para o século XXI. Atualmente, as redes de interação social têm tido um efeito divulgando situações negativas em grandes cidades, tais como: a violência urbana, o desemprego, o acesso aos serviços públicos básicos e à moradia. Assim, as virtudes das grandes cidades até então conhecidas acabam se perdendo e, com isto, compromete a esperança do migrante traduzir em realidade a sua "ilusão de melhorar de vida".

O autor ainda enfatiza a dinâmica do mercado de trabalho que atualmente tornou-se rígido e com uma série de pré-requisitos educacionais e de treinamento que são excludentes para a grande maioria da população migrante. Brito (2009) evidencia as dificuldades que um migrante pobre e sem um nível educacional elevado possui em conseguir alguma forma de ascensão social, mesmo dentro dos estreitos limites da classe trabalhadora, como por exemplo, um sujeito do interior nordestino com destino a capital paulista. O autor ainda aponta a questão da discriminação e a exclusão dos mais pobres em uma sociedade urbana mais competitiva e menos solidária.

Por esta abordagem, Brito (2009, p. 16) enaltece sobre a migração de retorno:

A migração de retorno, que se generalizou nas grandes regiões metropolitanas, é, para muitos, um novo caminho na contramão da possibilidade de ascensão social para o migrante. A sociedade e a economia mobilizam grande parte dos migrantes na região metropolitana, não absorvidos econômica e socialmente, para o caminho de volta, o retorno, ou para se deslocar para as periferias mais distantes dos municípios metropolitanos.

Deste modo, as grandes cidades passaram a ser para os migrantes que chegam e até aqueles que se movem uma arriscada busca de sobrevivência. Assim, em muitas casos acontece a migração de retorno para seu local de origem ou até mesmo para municípios distantes dos grandes centros.

2.3 A “LITORALIZAÇÃO”³ EM SANTA CATARINA

O Estado de Santa Catarina ocupa uma superfície de 95.346,181 km² e, segundo os dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2017, o estado conta com uma população de 7.001.161 habitantes. A população de Santa Catarina apresentou, no ano de 2010, um crescimento de 16,6% desde o Censo Demográfico realizado em 2000. Ainda de acordo com os dados do IBGE, a população urbana soma 84% em seu território, enquanto 16% estão em áreas rurais. O estado possui 295 municípios, o que reflete uma realidade de um território composto basicamente por municípios de pequeno porte.

Tabela 3 – População rural e urbana de Santa Catarina (Censos demográficos – 1960 a 2010)

Censo Demográfico	População Urbana	População Rural	População Total
1960	695.347	1.451.562	2.146.909
1970	1.266.709	1.663.702	2.930.411
1980	2.201.350	1.486.302	3.687.652
1991	3.205.600	1.332.648	4.538.248
2000	4.211.979	1.137.601	5.341.580
2010	5.247.913	1.000.523	6.248.436

Fonte: Elaboração do autor (2018). Baseado em IBGE – Censos Demográficos (1960-2010).

A partir dos dados da tabela 3 percebe-se a evolução da população catarinense desde 1960, bem com a mudança na dinâmica rural e urbana a partir da década 1980. Também, é importante destacar o aumento expressivo da população urbana nas

³ O processo de litoralização catarinense constitui-se em um movimento verificado nas últimas décadas caracterizado pela forte presença populacional das mesorregiões Grande Florianópolis, Vale do Itajaí e Norte Catarinense, sobretudo, em suas áreas litorâneas. Isto se dá em relação a uma diminuição relativa da população das demais mesorregiões do estado, tais como: a região Serrana, o Oeste Catarinense, e em menor proporção, a Sul Catarinense (SILVA; MATTEI, 2003). No entanto, também cabe ressaltar que a expressão "litoralização" foi utilizada pelo ex-governador do Estado de Santa Catarina, Luiz Henrique Silveira, no início do seu mandato em 2003, que utilizou como discurso para justificar a criação das Secretarias de Desenvolvimento Regionais (SDR's).

últimas décadas e a diminuição da população rural gradativamente nos últimos censos.

Em uma perspectiva histórica, no século XIX o estado de Santa Catarina é marcado pelo auge da emigração europeia. Mamigonian (1966) afirma que no período compreendido entre 1850 e 1900 os vales atlânticos foram ocupados por pequenas explorações policultoras de alemães, em Joinville e boa parte do Vale do Itajaí, e por italianos no sul do Estado. O autor ainda aborda que as áreas germânicas se industrializaram devido a imigração possuir mão-de-obra especializada, sendo que pequenos industriais e comerciantes, engenheiros e operários especializados foram forçados a abandonar a Alemanha devido às crises econômicas.

De acordo com Mamigonian (1965), os pequenos agricultores, artesãos, operários e comerciantes que se estabeleceram no Vale do Itajaí já praticavam uma significativa divisão social do trabalho na Europa que, por sua vez, já estava em processo de industrialização.

Diante disto, a pequena produção mercantil estabelecida em Santa Catarina revela especificidades na sua composição industrial. Jurgensfeld (2012) aborda que a partir de 1880 a pequena produção mercantil contribuiu para o início do processo de industrialização no Vale de Itajaí, bem como a formação do capital industrial de Blumenau e Brusque.

Por esta abordagem, os autores Seabra; Bez e Bornschein (2010) enfatizam sobre a história da indústria de Santa Catarina em que o processo de colonização, principalmente germânica (1830-1880), no Vale do Itajaí, e italiana em finais do século XIX, no sudeste do Estado, impulsionaram a povoação do território com destaque ao litoral. Os polos industriais estabelecidos nas regiões próximas ao litoral, como os complexos têxteis no Vale do Itajaí, o metal-mecânico na região de Joinville e a indústria carbonífera e de revestimentos cerâmicos no Sul do Estado, influenciaram decisivamente o desenvolvimento dessas regiões no leste do Estado de Santa Catarina. Ainda, segundo os autores, há fatores geoeconômicos que intensificam a tendência da litoralização em Santa Catarina, pois apesar do Estado não possuir metrópoles e deter uma distribuição de renda pessoal entre as melhores do Brasil, o atual processo de liberalização comercial e de maior mobilidade das multinacionais têm acentuado um rápido crescimento econômico em regiões próximas ao litoral.

Portanto, o Vale do Itajaí e, também, a área de Joinville, as cidades nasceram a partir da atividade industrial. Sendo assim, é válido destacar a industrialização das

áreas alemãs e do sul de Santa Catarina que atraíram populações de origem luso-brasileiradas vizinhanças (MAMIGONIAN, 1966).

Não obstante, Mira (2000) afirma que o século XX a imigração estrangeira não foi o principal fator do aumento populacional de Santa Catarina, pois neste século a vinda de imigrantes europeus teve pequena representatividade. No século XX o crescimento populacional de Santa Catarina esteve associado ao seu próprio crescimento vegetativo e ao deslocamento de migrantes provenientes principalmente do Rio Grande do Sul e do Paraná. A autora define que o século XX a ocupação e o povoamento de Santa Catarina não foram realizados no sentido do litoral em direção ao interior, mas sim, por fluxos migratórios do Rio Grande do Sul e do Paraná.

Atualmente, Santa Catarina vem vivenciando um amplo processo de transformação no que se refere à distribuição populacional. Esse processo vem se conformando há várias décadas, incrementando o fenômeno denominado “litoralização”. É que um dos movimentos predominantes no estado é marcado pela redução das populações dos municípios do oeste do estado e pelo aumento do número de habitantes nas regiões próximas ao oceano Atlântico. Também contribui para o aumento populacional das regiões litorâneas o expressivo número de migrantes vindos de outros estados, os quais representam mais de um terço do número de novos habitantes de Santa Catarina (TURNES, 2008).

A região do Oeste do estado de Santa Catarina vem acompanhando fatores determinantes no que se refere a dinâmica demográfica. Os autores Alves e Mattei (2006) demonstram em seus estudos que as transformações na relação entre a agricultura familiar e agroindústrias se constitui como um dos principais efeitos de expulsão nesta região. Os autores apontam sobre um intenso processo de reestruturação agroindustrial que iniciou na década de 1980, pelo qual desencadeou um ambiente de crise na relação entre agroindústrias e produção familiar. A introdução da modernização do campo e o crescimento nas escalas de produção ocasionou mudanças na organização produtiva e com isso passou a interferir a tradicional forma de inserção da agricultura familiar.

Vê-se, então, que no caso da região Oeste de Santa Catarina o processo de “litoralização” está acompanhando pela inserção das novas tecnologias na região que, por sua vez, a necessidade de aumentar a produção excluiu alguns pequenos agricultores que não conseguiram acompanhar o processo de modernização na agropecuária da região. Os autores Alves e Mattei (2006) abordam, ainda, em sua

pesquisa, a diminuição no total de suinocultores nos períodos entre 1995 e 2003. Entretanto, verifica-se um aumento de cerca de 24,9% na produção de suínos no estado. Deste modo, esta contradição é perceptível pela intensa concentração produtiva no setor expressada pelo aumento percentual de estabelecimento com com mais de 200 animais, acompanhado da diminuição de estabelecimentos com menos de 10 animais.

Sobretudo, os autores acima citados evidenciam que com a introdução das tecnologias e transformações da agricultura familiar e agroindústria, o Oeste do estado tem se demonstrado como uma região emissora de migrantes.

Por esta abordagem, Turnes (2008) apresenta dados compreendido no período entre 2000 e 2005 que aborda os principais saldos migratórios para as áreas litorâneas de Santa Catarina (Tabela 4).

Tabela 4 – Principais saldos migratórios para regiões litorâneas de Santa Catarina (2000-2005)

Região	Saldo Migratório		
	Masculino	Feminino	Total
Jaraguá do Sul	8.920	7.970	16.890
Blumenau	13.417	13.001	26.418
Joinville	16.476	15.191	31.667
Itajaí	24.459	24.004	48.463
Grande Florianópolis	32.690	33.172	65.862
Total	95.962	93.338	189.300

Fonte: Turnes (2008).

Turnes (2008) indica que as regiões próximas ao litoral catarinense consistem no principal ponto de referência para as pessoas que migram. Também, além de atrair pessoas do interior do estado, a região também recebe migrantes de outras regiões do Brasil. O autor justifica que os bons níveis de qualidade de vida, expressos por índices elevados para o padrão brasileiro, e o dinamismo econômico destas regiões são fatores de atração para estes migrantes.

Por esta análise os dados do IBGE apontam que a região do Vale do Itajaí é a que mais atrai migrantes. A região possui uma economia diversificada e com grande participação no PIB estadual. O crescimento econômico das últimas décadas consolidou o Vale do Itajaí com uma das regiões mais dinâmicas de Santa Catarina.

Os municípios de Brusque, Itajaí e Blumenau são os que apresentam maior intensidade no que se refere à atração de migrantes.

O Vale do Itajaí caracteriza-se pelo forte dinamismo das indústrias têxtil-vestuarista e metal-mecânica. O município de Brusque, por exemplo, conta com um rico parque fabril, constituindo-se como destino importante da população oriunda de outras regiões.

Atualmente, o município de Brusque vem apresentando um número expressivo em seu saldo migratório. A partir dos dados do Censo de 2000, juntamente com a contagem populacional de 2007 e as estatísticas do registro civil entre os anos 2000 a 2006, os dados da autora Miotto (2008) expressam um saldo migratório positivo de 13.887 pessoas para o município de Brusque entre os anos de 2000 e 2006.

Tal fato também é constatado na obra "Brusque: Ontem, Antes e Hoje, pela autora Maffezzoli (2015), o qual explica, por exemplo, que na década de 1980 Brusque é marcada por um intenso fluxo de paranaenses. Os estudos de Mira (2000) também explicam que o século XX é marcado por intenso fluxo migratório de gaúchos e paranaenses para o litoral de Santa Catarina. Brusque não está no litoral, porém, é vizinha de municípios litorâneos que atraíram e ainda atraem migrantes de todas as regiões do Brasil.

3 OS NORDESTINOS EM BRUSQUE/SC: OS “NOVOS IMIGRANTES” QUE CHEGAM À CIDADE

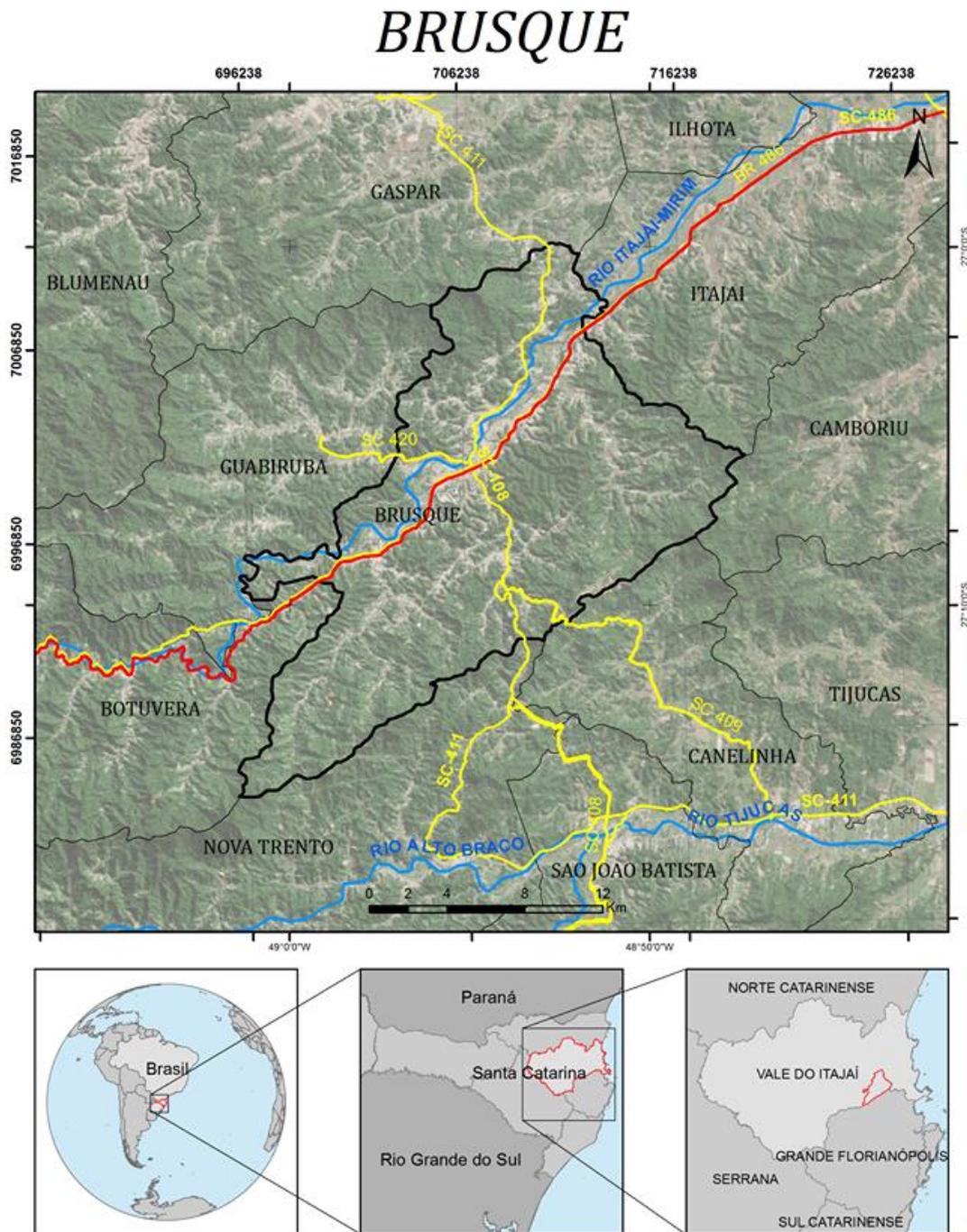
Esta seção tem o propósito de discutir a respeito de como as dinâmicas culturais e socioeconômicas da migração nordestina repercutem no município de Brusque a partir do início deste século, bem como fatores que motivaram o fluxo migratório à cidade.

Após uma apresentação geral, passo a descrever parte da realidade de Brusque no contexto da migração nordestina. A seção traz uma abordagem sobre o que disse a imprensa e, também, sobre a audiência pública realizada no Município em 2014 com o tema migração. Desta forma, a pesquisa utilizou de entrevistas semiestruturadas com migrantes nordestinos e um representante político brusquense e, complementarmente, uma coleta de dados com base em matérias jornalísticas publicadas entre os anos de 2014 e 2015 que abordam a chegada dos migrantes nordestinos em Brusque.

3.1 BRUSQUE/SC: UMA CIDADE ALEMÃ?

O município de Brusque localizado no estado de Santa Catarina pertence a Região do Vale do Itajaí. Brusque é considerada a 12^o maior cidade em população do estado e seus municípios limítrofes são: Botuverá, Camboriú, Canelinha, Gaspar, Guabiruba, Itajaí e Nova Trento.

Figura 1 – Localização do Município de Brusque



Produto cartográfico elaborado com recursos do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental - PPGPLAN da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC com apoio do Laboratório de Geoprocessamento - Geolab
Elaboração: João Daniel Barbosa Martins e Tafarel Cassaniga
Orientação: Profa. Dra. Glaucia de Oliveira Assis

INFORMAÇÕES TÉCNICAS
SIST. DE PROJEÇÃO UTM
DATUM SIRGAS 2000 22S
ESCALA 1:250.000 (folha A4)
INFORMAÇÃO VETORIAL: IBGE
RASTER: Esri Imagery 2018
DATA: 20/02/2018

Fonte: Elaboração do autor e de MARTINS (2017). Baseado em IBGE (2017).

Mostra-se relevante o crescimento populacional da cidade nas últimas décadas (Tabela 5).

Tabela 5 – Estimativa da população de Brusque por gênero e localidade (últimos censos)

Ano	Gênero		Localidade	
	Homens	Mulheres	Urbana	Rural
1980	20.565	20.663	37.934	3.294
1990	28.634	29.337	53.488	4.483
2000	37.386	38.672	73.256	2.802
2010	52.400	53.103	102.025	3.478

Fonte: Elaboração do autor (2018). Baseado em IBGE (1980; 1990; 2000; 2010).

Em 1980, segundo os dados do IBGE, Brusque possuía 41.228 habitantes e em 1991 contava com 57.971. No ano de 2000 a população de Brusque era de aproximadamente 76 mil e, em 2010 de acordo com o Censo, o Município chegou a 105.503 habitantes. Por fim, em 2017 o IBGE registrou aproximadamente 128 mil habitantes, considerada, então, uma cidade média (Tabela 6).

Tabela 6 – Estimativa da população de Brusque/SC nos últimos anos

Ano	População
2010	105.503
2011	107.764
2012	109.950
2013	116.634
2014	119.719
2015	122.775
2016	125.810
2017	128.810

Fonte: IBGE – Estimativa da população (2010-2017).

Por meio da análise do processo histórico de sua formação sociocultural, o município de Brusque revela a existência e as características de uma localidade fundada e colonizada por imigrantes europeus, em sua maioria alemães. Assis (2013), a partir dos dados de Herbert Klein, aponta que o Brasil recebeu até 1880 em torno de 455 mil imigrantes europeus que se dirigiram para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Estes imigrantes eram principalmente trabalhadores rurais que vieram da Alemanha e do norte da Itália. Ainda segundo a autora os imigrantes europeus neste período foram atraídos por políticas de colonização para trabalhar em colônias

agrícolas no sul do país e, mais tarde, se se dirigiram para a região cafeeira e cidades como São Paulo.

A Colônia Itajahy, atualmente município de Brusque, foi fundada em 1860 em decorrência de uma política pública de imigração promovida pelo governo imperial do Brasil. Fazia parte de uma tentativa de modernizar o país e não repercutiu de maneira igual em todo o território nacional, inclusive na formação de colônias do Vale do Itajaí, na então Província de Santa Catarina (MAFFEZZOLLI, 2012).

Por esta abordagem, Seyferth (1981) enfatiza que a história de colonização e povoamento do Vale do Itajaí-Mirim (no caso os municípios de Brusque e Guabiruba):

O povoamento teve início em 1860 com um grupo de imigrantes alemães, num projeto de colonização levado a cabo pelo governo provincial de Santa Catarina. O objetivo era estabelecer uma colônia agrícola de pequenos proprietários. Durante os quinze primeiros anos, com raras exceções, entraram na região apenas colonos teutos, procedentes dos Estados de Baden, Schleswigcas, Holstein, Prussia, Baviera, Oldenburg e Hesse. Só a partir de 1875 as estatísticas registraram a chegada de imigrantes vindos de outros países europeus – Itália, Áustria e França e, em número reduzido, da Polônia – sem que com isso diminuísse o fluxo de alemães (SEYFERTH, 1981, p. 12).

É importante ressaltar que a colonização⁴ do sul do Brasil foi marcada por trabalhadores livres europeus (alemães, italianos, açorianos, poloneses entre outros). A colonização que demarcou o território culminou no surgimento de uma sociedade culturalmente diferente das outras regiões brasileiras.

Cabe ressaltar que os imigrantes eram provenientes de várias regiões germânicas que, por sua vez, veio a se tornar Alemanha em 1870. No entanto, no período da imigração para o Brasil (em 1860) se tornaram alemães e que, toda a construção identitária é realizada a partir de uma Alemanha imaginada vista pelos colonos. Sendo assim, tal imaginário construído no Brasil, no contexto da migração, é os que torna alemães.

Seyferth (1981) apresenta que a composição étnica da área está vinculada às fases do desenvolvimento econômico de Brusque. A primeira fase, correspondente ao período de colonização, tem-se uma colônia de pequenos agricultores de origem alemã e posteriormente italiana. Essa fase marca o período que entrou na região o

⁴ Segundo Seyferth (2002) a colonização não seguiu, exclusivamente, o princípio civilizatório que exigia imigrantes brancos europeus; tampouco significou uma recusa ao modelo escravista de exploração agrícola. Surgiu de uma lógica geopolítica de povoamento, articulada à ocupação de terras públicas consideradas “vazias” e sem qualquer consideração pela população nativa, classificada como nômade e incivilizada.

maior número de imigrantes europeus (segunda metade do século XIX). Ainda segundo a autora, o início do século marca o começo da industrialização em Brusque. É que nela, a médio prazo, parte dos agricultores passaram a constituir mão-de-obra nas fábricas de tecidos. Vale ressaltar que as fábricas colocaram em contato mais estreito os descendentes de colonos da mais diversas origens. Os imigrantes alemães que chegaram após a Primeira Guerra Mundial entraram na área com um propósito de ocupar cargos técnicos nas indústrias.

Já a segunda fase do desenvolvimento econômico de Brusque, Seyferth (1981) aponta que a fase foi caracterizada pela implantação das indústrias têxteis e pela entrada esporádica de imigrantes. A autora destaca que a presença alemã era tão forte que mesmo alguns descendentes de italianos estabelecidos nestes distritos falavam a língua alemã.

A terceira fase de desenvolvimento econômico em Brusque, por fim, é compreendida pela autora como o período entre meados da década de 1930 até 1950. Neste período as indústrias têxteis progrediram rapidamente. Algumas delas chegaram a dobrar ou triplicar o número de operários. A possibilidade de emprego nas fábricas atraiu para Brusque um número razoável de brasileiros dos municípios vizinhos, tais como: Tijucas, Itajaí e Porto Belo (SEYFERTH, 1981).

Os fluxos de migração para Brusque contribuíram para diferentes composições culturais presentes desde então. Seyferth (1981) ensina que desde a fundação das indústrias têxteis na cidade criou-se um estereótipo acerca do trabalhador alemão para diferenciá-lo de trabalhadores de outras etnias, que também se estabeleceram em Brusque como operários de fábricas. Tal estereótipo, ainda segundo a autora, refere-se ao colono-operário alemão que era aquele que em um turno se dedicava ao trabalho fabril e, em outros momentos, por exemplo, dedicava-se a atividades como cuidar de sua própria roça e o jardim da sua casa, buscando sempre melhorar seu nível de vida. O brasileiro, neste caso, é aquele que após o turno da fábrica, vai se divertir, beber no botequim, e não procurava trabalhar mais e nem realizar outras atividades com o intuito de melhorar a sua vida.

No entanto, o brasileiro, nesse caso, descendente de português ou açoriano, era construído nesse imaginário como o contraponto ao trabalhador europeu. O estereótipo se cristaliza num preconceito que se enraíza e cria um “nós”, descendente de europeus povo empreendedor e trabalhador e, um “outro”, que não se esforçava ou trabalhava o suficiente - o brasileiro, como era chamado os não descendentes.

Este estereótipo se aplica aos imigrantes que chegam à cidade, em particular aqueles que não tem origem europeia, como é o caso dos imigrantes que vêm do Nordeste.

Deste modo, Seyferth (1981) em sua obra “Nacionalismo e identidade étnica” aponta que as implicações étnicas citadas acima são mais ou menos claras, pois essa “dedicação” ao trabalho é um efeito do *Deutschtum*, ou seja, a capacidade do trabalho dos que tem origem alemã. De outro modo, esse ponto de vista remete a ideia de que os brasileiros são incapazes de enfrentar um ritmo de trabalho igual.

A partir das décadas de 1970 e 1980, o setor têxtil começou a se expandir no Vale do Itajaí, principalmente em Brusque e Blumenau. Tal aumento resultou na ampliação de polos comerciais, no aumento da exportação e na instalação de novas fábricas. Neste sentido, movidas pela economia próspera e pela oportunidade de emprego, muitas pessoas deixaram sua terra natal e migraram em direção a Brusque, buscando melhores perspectivas de vida.

No entanto, o primeiro fluxo migratório intenso ocorreu na década 1980, com migrantes vindos do estado do Paraná. Desde então, o município recebeu diferentes fluxos migratórios vindos também do oeste de Santa Catarina, de São Paulo, do Rio Grande do Sul e, em menor quantidade, de outros estados brasileiros. A partir da primeira década do século XXI se iniciou um fluxo migratório vindo do Nordeste brasileiro, especialmente do estado da Bahia (MAFFEZZOLLI, 2015).

De acordo com Jungerfeld (2012) as empresas têxteis de grande porte tiveram um declínio nas décadas de 1990 e 2000. Sobretudo, ao mesmo tempo e no mesmo setor, houve um crescimento do número de pequenas e médias empresas.

Goularti Filho (2002) aponta que o segmento têxtil-vestuário foi o setor mais atingindo em Santa Catarina nos anos de 1990 com o processo de abertura comercial e sobrevalorização do dólar. Sendo assim, destaca o autor:

Com a abertura comercial, reduzindo as alíquotas de importação de 105% em 1990 para 20,0% em 1993, e a recente sobrevalorização cambial, ocorreu uma maciça importação de produtos acabados nos ramos têxtil e vestuário, fazendo com que as exportações catarinenses no ramo têxtil caíssem de 423,6 milhões de dólares em 1993 para 258,7 milhões em 1999, uma queda de 63,7%, reduzindo a participação do total exportado no Estado para 10,1%, ou seja, uma queda de 50,0%. Dentro do segmento, o item mais prejudicado foi o de confecção em geral (Secex/SED-SC). Uma empresa como a Hering, que em 1992 chegou a exportar 100 milhões de dólares, em 1998 exportou apenas 18 milhões. Do total exportado pela Hering, 50,0% era destinado aos EUA e Canadá, este índice caiu para zero em 1998 (GOULARTI FILHO, 2002, p. 18).

No entanto, Jungerfeld (2012) aborda que em 2010, Brusque gerou aproximadamente 18 mil empregos no setor têxtil (concentrado em pequenas e médias empresas). Tais números, juntamente com o município de Blumenau, representaram cerca de 30% do emprego têxtil catarinense e 4,73% do emprego têxtil nacional. Assim, os números demonstram o crescimento econômico de Brusque apenas na área têxtil (isso sem contar o número de empregos gerados em outros setores produtivos).

Como consequência do acima exposto, o crescimento urbano e demográfico é intenso desde a ascensão comercial e industrial ocorrida na década de 1980, as quais atraíram muitos migrantes de outras partes do país e mudando as características socioculturais da cidade.

O Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Santa Catarina (Sebrae), no ano de 2013, juntamente aos dados do IBGE e da Secretaria de Estado do Planejamento de Santa Catarina, em 2009, apontaram que o PIB catarinense atingiu o montante de R\$ 129,8 bilhões. Tal número deu ao estado a 8ª posição relativa no ranking nacional. No mesmo ano, Brusque aparece na 10ª posição do ranking estadual, assumindo por 1,87% da composição do Produto Interno Bruto (PIB) catarinense. No comparativo da evolução do PIB ao longo do período de 2002 a 2009, o município apresentou um crescimento acumulado de 124,35%, contra um aumento estadual de 132,91%. Este crescimento econômico está relacionado às principais atividades econômicas do Município de Brusque, nos quais referem-se à confecção de artigos do vestuário e acessórios, tecelagem, fabricação de peças e acessórios para veículos automotores, comércio varejista e atacadista, entre outros.

De acordo com Sebrae (2013) a população de Brusque apresentou, no ano de 2010, um crescimento de 38,71% desde o Censo Demográfico realizado em 2000. Segundo dados do censo 2010, Brusque contava 105.503 habitantes o equivalente a 1,69% da população do Estado (102.025 habitantes urbanos e 3.478 habitantes rurais) em uma extensão territorial de 283,223 km² e uma densidade demográfica de 372,51 hab/Km². O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Brusque é de 0,795 (considerado alto), sendo o 12º índice mais alto de Santa Catarina.

Com base nesses dados o IBGE divulgou uma pesquisa que apontava o número de pessoas por local de nascimento, correspondente a cada região, conforme a tabela a seguir:

Tabela 7 – População de Brusque/SC quanto à naturalidade (2010)

Descrição	Número de habitantes
População total de Brusque em 2010	105.503
Nascidos Região Norte	398
Sexo	
Masculino	115
Feminino	283
Nascidos Região Nordeste	2.749
Sexo	
Masculino	1420
Feminino	1329
Nascidos Região Sudeste	3.624
Sexo	
Masculino	2.111
Feminino	1.513
Nascidos Região Sul	97.532
Sexo	
Masculino	48.213
Feminino	49.319
Nascidos Região Centro-Oeste	685
Sexo	
Masculino	309
Feminino	376
Nascidos em outros países	110
Não especificaram naturalidade	405

Fonte: Elaboração do autor (2018). Baseado em IBGE (2010).

Os dados do censo de 2010 da tabela acima revelam que a maior parte dos habitantes nasceram na região Sul. No entanto, consta a presença nordestina na cidade com 2.749 nascidos na região Nordeste (2,60%). Na verdade, a mera observação da realidade cotidiana já permite perceber a grande diversidade cultural no município. Contudo, a presença do perfil trabalhador que possui identificação com a origem europeia (alemães e italianos) ainda continua presente na imagem que se tem do município.

Embora muito visível na mídia e nos discursos cotidiano da cidade, a migração da região Nordeste, segundo os dados do IBGE, não aponta um número representativo. Mas tal migração da Região Nordeste se faz acompanhar de discursos preconceituosos a respeito de migrantes nordestinos, que não se observa quando se fala de migração de outros estados da Região Sul. Um episódio marcante, nessa acepção, aconteceu no ano de 2013, quando um grupo de moradores distribuiu cartas pela cidade com o título “Aviso para os baianos”. O documento trazia ameaças aos migrantes nordestinos e também conteúdos de cunho violento e criminal. Entre outras

situações, a carta responsabilizava os baianos por problemas na cidade, como o som alto durante a madrugada.

3.2 A CHEGADA DOS MIGRANTES NORDESTINOS

A imprensa e os dados oficiais do IBGE abordam que os nordestinos marcaram o início do século XXI em Brusque em termos migratórios. Ao levar em conta os números do IBGE não significa um número expressivo, pois o último censo revela que dos 105.503 habitantes contabilizados em Brusque no ano 2010, apenas 2.749 eram nascidos na Região Nordeste. No entanto, os discursos apontados pela mídia e até mesmo pelos brusquenses mostra que esse fluxo migratório tem um valor muito mais qualitativo do que quantitativo.

No contexto das migrações internas no Brasil, a Região Nordeste tem se caracterizado como uma intensa área de movimentos migratórios. Fatores desta imigração são analisados por Oliveira e Jannuzzi (2005) que apontam como a estagnação econômica, as diversas manifestações de desigualdades sociais, sobretudo os elevados níveis de desemprego nas áreas urbanas da região.

No entanto, o fenômeno da migração de retorno para o Nordeste foi revelado pelo Censo Demográfico de 2010. Cunha e Baeninger (2000) afirmam que o processo de desconcentração econômica, amparado pelas políticas de incentivo ao investimento industrial no Nordeste, influenciou a migração nordestina na década de 1980, pelo qual destacam-se as migrações de retorno. Ou seja, muitos nordestinos retornaram a suas regiões de origem nos anos 80.

Mas em que pese o aludido fenômeno de migração de retorno, fato é que, segundo o IBGE, atualmente o Nordeste ainda é a região que sai a maioria dos migrantes. Dentre os nove estados da região, a Bahia é o que mais perdeu população. Porém, a maioria dos migrantes são de municípios localizados no semiárido, onde praticamente localizam-se metade dos municípios baianos.

O Município de Brusque recebeu contingente de migrantes nordestinos no início do século XXI, que procuraram a cidade em busca de novas oportunidades.

Vale ressaltar que o auge da migração em Brusque ocorreu em 2013, quando a crise financeira nacional ainda não havia atingido o país em cheio. Naquele ano, o crescimento populacional foi de 6,04%. Segundo o IBGE, 5,5 mil migrantes chegaram a Brusque.

Tabela 8 – Estimativas da migração em Brusque (2012-2015)

Ano	Número de imigrantes
2012	1.441
2013	5.589
2014	1.978
2015	1.938

Fonte: IBGE (2017).

A chegada dos migrantes nordestinos, em especial da Bahia, foi alvo de discussões da mídia local. Um exemplo disso foi a reportagem repassada no Jornal do Almoço pela “afiliada” da Globo, a então Rede Brasil Sul / RBS⁵, de Santa Catarina. A matéria exibida no dia 11 de julho de 2015 promoveu uma discussão entre o governo da Bahia e governantes do Município de Brusque. As conversas resultaram em um plano de investimentos devido a quantidade de imigrantes baianos que Brusque recebeu naquele ano. Na oportunidade, estava presente o vice-governador da Bahia que apontou um plano de investimentos com o intuito de gerar empregos e consequentemente diminuir a migração baiana para Brusque.

Se Brusque se torna uma cidade que atraiu os imigrantes nordestinos, em particular os baianos, nos cabe perguntar: o que aconteceu na Bahia para que tantos imigrantes saíssem da mesma região, ou seja, quais os fatores de expulsão que contribuíram para a configuração desse fluxo?

3.3 O SUL DA BAHIA: A CRISE DO CACAU

A repercussão sobre a saída de muitos nordestinos com destino à Brusque foram influenciadas por vários fatores. Ao analisar a história da migração nordestina é perceptível várias razões dos movimentos migratórios para vários estados do Brasil. Motivados pela busca de uma vida melhor, os autores Bosco e Jordão Neto (1967) mostram em seus estudos que desde 1901 acontecem movimentos migratórios de nordestinos para a região Sudeste, em especial para os estados de Rio de Janeiro e São Paulo.

⁵ Matéria na íntegra disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/jornal-do-almoco/videos/v/governo-da-bahia-e-prefeitura-de-brusque-discutem-a-chegada-de-migrantes-baianos-ao-vale/4315080/>>.

No entanto, a Bahia é um dos estados nordestinos que apontaram grandes perdas migratórias no decorrer das décadas (Tabela 9).

Tabela 9 – População de 10 anos de residência, por condição migratória, segundo o estado da Bahia (1970-2000)

1970/1980		1981/1991		1990/2000	
Imigrante	Emigrante	Imigrante	Emigrante	Imigrante	Emigrante
350.471	727.815	455.169	876.900	619.172	1.133.797

Fonte: Elaboração do autor (2017). Baseado em Cunha (2003).

Todavia, de acordo com a Assistência Social e Habitação de Brusque, boa parte dos migrantes cadastrados na secretaria, em 2014, eram dos municípios de Buerarema, Itabuna e Ilhéus, todos situados na Bahia.

Os municípios Buerarema, Itabuna e Ilhéus estão situados no sul da Bahia e possui o cacau como uma referência na economia da região, neste caso, conhecida desde então, pela “região cacaeira”. O fruto por décadas gira o dinheiro por parte de agricultores e latifundiários. Por várias décadas a figura do cacau era vista como ícone principal na região, uma vez que influenciava os segmentos da cidade, que percorria os movimentos migratórios, economia, a hierarquia social, literatura e artesanato (SANTOS, 2013).

A região cacaeira sempre teve importância fundamental no que refere-se a economia do estado da Bahia. O estudo de Adonias Filho (1976) aponta um histórico sobre cinco ciclos do cacau que perpassaram a região do sul do Estado da Bahia. O primeiro, entre 1746 a 1820, é o período que acontece o desbravamento das terras do sul da Bahia. O segundo ciclo, entre 1820 a 1895, é o estágio que a exportação atinge mais de 100 mil sacos. Já o terceiro ciclo, compreendido entre 1895 a 1930, o cacau é a base econômica do Estado da Bahia, e o Brasil um dos maiores produtores mundiais. O quarto ciclo que vai de 1930 a 1957, ocorreram a estagnação e o declínio da produção. Neste ciclo há um desenvolvimento regional e a transformação dos distritos da região em municípios. Por fim, o quinto ciclo inicia em 1957 e é lembrado como o período em que os métodos de produção se modernizaram e novas bases agrícolas e tecnológicas são motivadas pela revolução verde.

Diante da consolidação do cacau como produto para exportação, ocorreram profundas alterações no sistema produtivo da região, uma vez que, a agricultura familiar passa a produção comercial, substancialmente monocultora e gradativamente assalariada (SANTOS, 2013). Ou seja, a produção do cacau concentrou terras e

colocava os pequenos agricultores como meeiros ou trabalhadores assalariados que, por sua vez, os deixa sem terra.

Visto este panorama, uma migrante do Município do Ilhéus, na Bahia, que atualmente reside em Brusque há um ano, apontou que por muitos anos o cultivo do cacau foi a renda principal da família: *Desde meus 10 anos de idade trabalhei na roça do cacau. Os meus seis filhos também trabalhavam na safra desde pequenos. O dinheiro era dividido entre meus irmãos no final da colheita. Os sacos no final eram vendidos e cada um tinha uma parte. A única renda da família era da roça, mas a colheita demorava e ficávamos esperando muito tempo para receber o salário*⁶.

Joana, nome fictício pelo qual escolheu para se identificar, é uma migrante do Município de Ilhéus e reside em Brusque desde o início do ano de 2016. Atualmente trabalha informalmente como faxineira e possui seis filhos com idades que variam entre 7 a 15 anos. Em seu depoimento afirma que desde criança a fonte de renda familiar foi por conta do cacau, desde seus pais, irmãos e recentemente seus filhos.

No início da produção do cacau muitos se instalavam nas terras do Sul da Bahia com a esperança de ser regularizada a situação fundiária, e com isso, tornar-se proprietário e produtor de cacau (SANTOS, 2013). A autora ainda afirma as dificuldades do sistema de crédito e comércio da safra do cacau, sem contar, também, com a demora da primeira colheita. Assim, por vezes, em situações muitos perdiam suas terras e assim eram incorporadas às grandes propriedades.

Diante das dificuldades econômicas apontadas, soma-se o fator da natureza. Joana, em seu relato, explica as dificuldades encontradas: *A gente perdia muitas vezes a colheita do cacau por ser muito quente. A folha do cacau queimava e não tinha o que fazer. Uma benção era quando chovia, pois assim dava para colher o cacau. Mas aí que está o problema, pois já demorou um ano para ter chuva por lá. Até os rios secavam.*⁷

O relato de Joana mostra as dificuldades climáticas que a região sofre e, conseqüentemente atinge a safra do cacau. O estudo de Santos (2013) aponta que os produtores de cacau ficam a mercê da natureza. Ora falta de chuvas, ou enchentes, variações climáticas e também as pragas e moléstias que surgiam.

As pragas é outra realidade que atinge a as colheitas de cacau. Joana enfatiza o caso da “vassoura de bruxa”, uma doença que compromete a produtividade

⁶ Joana, 33 anos, migrante de Ilhéus/BA. Brusque, 19 fev. 2018.

⁷ Joana, 33 anos, migrante de Ilhéus/BA. Brusque, 19 fev. 2018.

cacaueira: *O pior ainda é quando tinha a “vassoura de bruxa”. Acabava com todo o cacau. O meu irmão que ainda está lá comenta que alguns utilizam remédio para acabar com a praga. Mas mesmo assim a gente perdia muito a produção. Sem cacau não tinha renda. Foi quando decidi me mudar para Brusque.*⁸

Diante de extremas dificuldades ocorridas no município de Ilhéus, o comentário de Joana menciona a situação da praga denominada vassoura de bruxa. Segundo Santos (2013) a região cacaueira já estava em um período crise, que foi iniciado em 1986 com a crise dos preços e a uma superprodução mundial do cacau. No entanto, o alastramento do fungo *moniliophthora perniciosa*, popularmente conhecido como “vassoura de bruxa”, agravou ainda mais a situação. A doença se alastrou no início de 1989 e compromete, até então, muitos pés de cacau impossibilitando a produção.

À frente das extremas situações apontadas na produção do cacau, bem como a superprodução mundial, variações climáticas, a crise dos preços e a “vassoura de bruxa”, os municípios da região cacaueira se depararam com o desemprego, resultando assim, a crise do cacau. Assim, a crise do cacau pode ser considerado um fator que agravou as condições de vida de pequenos agricultores e trabalhadores rurais.

No entanto, visto a esta situação, Joana e seus familiares e amigos viram como forma de uma nova oportunidade de vida a migração para Brusque/SC: *Antes vieram para Brusque alguns conhecidos de Ilhéus/BA e Itabuna/BA, que comentaram das possibilidades de emprego e qualidade de vida a cidade aqui oferece. Eu e minha família não pensamos duas vezes e viemos em 16 pessoas com um ônibus. Veio vários familiares, entre eles, filhos, marido, irmãos e cunhados.*⁹

O depoimento de Joana mostra que já tinha-se um conhecimento sobre o que Brusque poderia oferecer. Também, foi através de uma rede de amigos que a migrante teve uma segurança de migrar à nova cidade e, com isto, a oportunidade de mudar de vida. Por esta abordagem, verifica-se as funções das redes sociais, verificado por Kelly (1995, p. 219) “como agrupamentos de indivíduos que mantêm contatos recorrentes entre si, por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos”.

Por meio da análise do autora percebe-se a importância das redes sociais pelo qual possibilitam uma certa confiança ao migrante no momento que decide migrar. Deste modo, as informações passadas para a migrante Joana deixou o sonho da

⁸ Joana, 33 anos, migrante de Ilhéus/BA. Brusque, 19 fev. 2018.

⁹ Joana, 33 anos, migrante de Ilhéus/BA. Brusque, 19 fev. 2018.

migração mais perto, principalmente pela tranquilidade em saber que existiam parentes e amigos na cidade de Brusque que usufruíam os serviços oferecidos pela cidade de forma conveniente.

Ao ser questionada, Joana também comentou sobre a facilidade de estudo para seus filhos. Atualmente, a migrante de Ilhéus e sua família estão trabalhando e todos seus filhos estão na escola que, por sua vez, é do lado de casa e facilita todo o deslocamento, pois em Ilhéus Jonas comentou que a escola era muito longe e comprometia a continuidade dos estudos: *Eu gosto de Brusque. Gosto da escola dos meus filhos e dos professores. Cheguei em um dia e no outro já estavam matriculados, com uniforme e material escolar. A primeira condição que pensei ao migrar foi ter a oportunidade de um futuro melhor para meus filhos.*¹⁰

3.4 O QUE DISSE A IMPRENSA?

A chegada dos migrantes nordestinos e sua relação com o Município de Brusque repercutiu em veículos de comunicação de Brusque e do município de Buerarema, no estado da Bahia. No entanto, a repercussão de migrantes 'baianos' na mídia são de temas dirigidos à saída e chegada dos migrantes em Brusque, como também estigmas direcionado ao modo de vida do migrante na cidade.

Em uma pesquisa realizada no portal do site de notícias Macuconews, do município de Buerarema, revelou que a saída de baianos do município foi tema recorrente de inúmeras publicações. As notícias revelaram a triste realidade do município pelo qual a população está deixando sua terra natal com destino à Brusque.

O Portal Macuco News¹¹ é um site de notícias da cidade de Buerarema que atua há oito anos com notícias locais, regionais e do Brasil. O site fez referência nos anos de 2014 e 2015 com várias publicações sobre pessoas da cidade de Buerarema e de municípios vizinhos como Ilhéus e Itabuna que migraram para Brusque.

Buararema é um município situado ao sul do estado da Bahia. Localizado às margens da rodovia BR 101, a cidade, que já foi chamada de Macuco devido a presença de aves com essa nome na região, perdeu um grande número de habitantes devido à falta de empregos e investimentos.

¹⁰ Joana, 33 anos, migrante de Ilhéus/BA. Brusque, 5 fev. 2018.

¹¹ Portal de notícias Macuco News. Disponível em: <<http://www.macuconews.com.br/>>.

Tal perda vem registrada em dados oficiais. De acordo com os dados do IBGE, Buerarema vem perdendo habitantes nos últimos anos. Nos anos 2000 o município contava com 19.117 habitantes, em 2007 com 19.956 e, por fim, o último censo em 2010 revelou 18.605 habitantes.

A seguir segue um trecho da notícia intitulada 'Buararema: sem emprego, população vai embora':

Mais um ônibus partiu de nosso município, com destino à cidade adotiva de Brusque! Saiu neste sábado, levando mais jovens, sem nenhuma perspectiva de trabalho! Esses jovens vão buscar uma vida melhor, por não encontrar emprego aqui, buscam se aventurar a procura de trabalho, em terras estranhas e distantes. Passamos pelo local e percebemos o sofrimento e a dor de muitos deles por abandonar os pais e familiares, levando com eles a vontade de melhoria de vida, de uma valorização humana através de um emprego! (MACUCONEWS, 2015).

A notícia acima informa que população do município de Buerarema está diminuindo devido à falta de emprego. A falta de planejamento e investimentos no município fez com que muitos jovens comprassem passagens de ônibus com destino a Brusque em busca de novas oportunidades.

Figura 2 – Ônibus de Buerarema com destino a Brusque/SC



Fonte: Macuco News (2014b).

As notícias apresentaram episódios sobre a saída de habitantes da cidade de Buerarema nos anos de 2014 e 2015. As matérias abordavam os dois principais motivos desta emigração: o primeiro era devido a falta de emprego e, o segundo, era os investimentos por parte do governo. A seguir, uma outra matéria intitulada 'Buerarema: mais buerareenses vão em busca do seu futuro em Brusque', apontou que semanalmente saiam ônibus com destino a Brusque:

[...] Por semana, saem 15 a 20 pessoas que viajam de ônibus clandestino. Eles saem da praça principal aos sábados. A partir de hoje, sairá um ônibus fixo, com 45 passageiros, toda quinzena para Brusque e região de Santa Catarina, a procura de empregos. (MACUCONEWS, 2014).

Vale ressaltar que as notícias discutiam a saída semanal de ônibus carregando jovens e adultos com destino à Brusque em busca de empregos. Ainda segundo o Portal de Notícia Macuco News com a matéria intitulada 'Buerarema: sem emprego, população vai embora', na edição do dia 29 de janeiro de 2015, abordou que no mês de janeiro do mesmo ano uma agência da cidade transportou cerca de 96 passageiros com destino à Brusque. Esse número, que aumentava toda semana, não contabilizava os migrantes que utilizavam o transporte aéreo.

Figura 3 – Passageiros buerareenses com destino a Brusque



Fonte: Macuco News (2014c).

O Portal de Notícias Macuco News, na edição do dia 13 de abril de 2014, relatou mais um episódio em uma matéria intitulada ‘Buerarema: mais uma leva de jovens em busca de emprego no sul’. A notícia relatou sobre o caso de uma família que foi escorraçada de sua roça devido a invasão do irmão do pai da família que diz ser índio. A notícia acabou por apontar um posição, quando lamentou o ocorrido, pois apontou que seu irmão de sangue não é índio.

O ocorrido sobre a demarcação de terras indígenas¹² também gerou comentários na mídia brusquense. O Jornal Município, na edição do dia 22 de novembro de 2013, em uma matéria intitulada “Exôdo baiano preocupa cidades” entrevistou o prefeito de Buerarema que estava em exercício naquele período. A

¹² A questão da demarcação das terras indígenas no Sul da Bahia é analisado por Alarcon (2013) pelo qual discute as “retomadas de terras” levadas a cabo pelos Tupinambá da aldeia Serra do Padeiro. A autora em sua obra “O retorno da terra: as retomada na aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, no sul da Bahia, aponta que as retomadas consistem em processos de recuperação, pelos indígenas, de áreas por eles tradicionalmente ocupadas, no interior das fronteiras da Terra Indígena Tupinambá de Olivença, já delimitada, e que se encontravam em posse de não-índios. Entre os anos de 2004 e 2012, os Tupinambá retomaram 22 fazendas e, a despeito das tentativas de reintegração de posse, ocorreram prisões de lideranças e prática de tortura contra os indígenas. Os indígenas visam a conclusão do processo demarcatório, pois entendem que, no sistema de relações interétnicas em que estão (estamos) inseridos, o reconhecimento de Terras Indígenas por parte do Estado brasileiro contribui para resguardar, em alguma medida, os povos indígenas e os territórios por eles tradicionalmente ocupados.

entrevista, dirigida pela jornalista Miriany Farias, debateu sobre o movimento migratório presenciado em Buerarema e os fatores que ocasionaram tal movimento.

O prefeito argumentou que indígenas reivindicavam 47 hectares de terra e por conta da situação ocuparam territórios de alguns habitantes do município. Também comentou o prefeito que festividades da cidade daquele ano não foram realizadas devido a ocupação dos indígenas na praça da cidade onde era de costume acontecer os eventos.

Cabe ressaltar que o *Jornal Município* surgiu no de 1954, em Brusque, com circulação diariamente nas cidades de Brusque, Botuverá, Guabiruba, Nova Trento e São João Batista. Além de possuir o jornal diário impresso, atua também em um portal na internet que é atualizado durante o dia.

Não obstante, em Brusque, os migrantes também ganharam destaque na mídia local. O veículo de comunicação acima citado debateu o fenômeno migratório baiano em diversas publicações. Em uma de suas matérias, o jornal abordou sobre as questões dos ônibus que são fretados da Bahia com destino a Brusque e, também, discutiu sobre os estranhamentos entre baianos e brusquense ocorridos na cidade.

Figura 4 – Chamada de notícia da capa do Jornal Município em 6 jan. 2015



MIGRANTES DA BAHIA

Destino: Brusque

Fonte: Eichwald (2015).

A notícia acima intitulada “Migrantes da Bahia”, que foi capa do jornal na edição do dia 6 janeiro de 2015, retratou que habitantes de municípios baianos como Buerarema e Itabuna compravam passagem de ônibus com destino a Brusque. A matéria escrita pela jornalista do Jornal Município, Juliana Eichwald, apontou informações em que moradores de Brusque fretavam ônibus particulares com o intuito de trazer novos migrantes para a cidade. A notícia mostrou que anúncios em cartazes, carros de som e rádio eram divulgados nos municípios de Itabuna e Buerarema e que anunciavam o parcelamento da viagem em duas ou até três vezes.

A forma em que os migrantes chegavam em Brusque e os motivos de sua chegada na cidade não foram os únicos assuntos debatidos pela imprensa. Os

estranhamentos entre baianos e brusquenses renderam muitos comentários tanto nos discursos do cotidiano da cidade quanto na mídia local e estadual. Um episódio marcante foi a carta intitulada “Aviso aos baianos” que repercutiu no Estado de Santa Catarina.

Na carta, que não é assinada, os autores ameaçam matar os migrantes baianos que, segundo eles, perturbam o sossego da população local. O documento, que também circulou pelas redes sociais, diz que Brusque foi invadida nos últimos cinco anos por migrantes de outros estados, principalmente da Bahia, dos municípios de Itabuna, Buerarema e Ilhéus.

Segue o conteúdo da carta na íntegra:

Figura 5 – Carta “Aviso para os baianos” (Parte 1)

AVISO PARA OS BAIANOS

Nossa Brusque deixou de ser uma cidade boa para viver, nos últimos 5 anos foi invadida por imigrantes de outros estados, principalmente da Bahia das cidades de Itabuna, Ilhéus Buerarema etc.

Sabemos que todos tem o direito de ir em busca de uma vida melhor, mas sabemos também que quem chega numa nova cidade, deve respeitar os costumes e estilo de vida do povo local. Os mais sensatos respeitam e são bem sucedidos em tudo, podem estudar, fazer curso técnico no SENAI e conseguem empregos bons, agindo assim, conquistam amizades, afinal **TODOS PRECISAM DE AMIGOS.**

Infelizmente junto com os bons vem também os ruins (não civilizados, ignorantes mesmo), que são a maioria e estão incomodando a vida dos moradores locais fazendo um INFERNO como: Ouvir música em alto volume, tanto nos carros como em casa mesmo e em qualquer hora, falam muito alto e os vizinhos são obrigados a suportarem isso, se alguém reclama eles ficam bravos, se alguém chama a polícia, ao verem a viatura da PM baixam o som e se comportam como gente civilizada, mas quando a PM vai embora, voltam a fazer bagunça.

~~Brusque é uma cidade de povo ordeiro, trabalhador e honesto e NÃO MERECEMOS ISSO.~~
Em muitos casos que foram registrados BO (boletim de ocorrência) não deu em nada, então vamos fazer justiça com nossas mãos, **ESTAMOS CANSADOS E REVOLTADOS.**

Desde o mês de março deste ano formamos um grupo com 28 pessoas, somos cidadãos trabalhadores, honestos e honrados, estamos bem preparados, resolvemos dar um BASTA nessa situação nosso grupo é discreto e bem estruturado. Estamos publicando este AVISO para depois não reclamarem do pior que vai acontecer, estamos dando uma chance de mudarem de comportamento.

Fonte: G1 Santa Catarina (2013).

Figura 6 – Carta “Aviso para os baianos” (Parte 2)

Moro em Águas Claras há 26 anos, tenho filhos que moram em outros bairros, e também estão sofrendo. Não vamos nos mudar por causa desses desordeiros!

Fizemos um levantamento nos bairros: Aguas claras, Azambuja, Sta. Terezinha, Nova Brasilia, 1º de maio, Bateias e Steffen, constatamos que é absurdo, inaceitável o que acontece nos bairros, além do barulho, até trafegam contramão com carros e motos em alta velocidade e alguns com a descarga aberta (sem o silencioso), na Bateia por exemplo teve várias discussões por PERTUBAÇÃO DO SOSSEGO ALHEIO entre vizinho local e baiano e os baianos se juntaram para agredir o que estava certo. No Azambuja uma senhora de 62 anos tem que tomar remédio para dormir e calmante durante o dia.

No Steffen teve também discussão por PERTUBAÇÃO DO SOSSEGO ALHEIO e os baianos armados com faca quiseram ter razão, e disseram o seguinte: “Essa rua é nossa é nós que manda aqui é pronto, os incomodados que vão embora, pagamos aluguel e podemos fazer o que quiser a qualquer hora”.

Durante esses 8 meses de levantamento, já temos as placas dos carros que são 34, e motos são 22, temos também a foto desses desordeiros.

Fiquei feliz ao comentar com 2 policiais sobre essa carta (antes de ser publicada) para saber a opinião deles e os 2 disseram assim: “Finalmente acordaram, é bom mesmo que alguém faça alguma coisa para acabar com esses alienígenas” porque 90% dos casos envolvem baianos. “Não diga à ninguém nosso nome” - eu disse tudo bem.

BAIANOS, vocês conseguiram deixar o povo revoltado, TOMEM CUIDADO e tratem de mudar de comportamento URGENTE. VAMOS ELIMINAR VOCÊS, ISSO MESMO, VAMOS MATAR OS RUINS e acabar com essas pragas.

Nosso grupo, composto por 28 cidadãos, onde 11 estão ansiosos para começar a matança, nem queríamos publicar esse aviso, porém, a maioria decidiu avisar antes.

Nossa Brusque será de novo uma cidade boa para viver, CUSTE O QUE CUSTAR.

Fonte: G1 Santa Catarina (2013).

Conforme a carta, a maioria desses migrantes estaria perturbando a vida dos moradores locais como o hábito de ouvir música em alto volume. No entanto, o aviso também apresenta situações de crime racial. A carta informa que foi formado um grupo com 28 pessoas com ameaças de matança aos migrantes "ruins".

A repercussão da carta gerou polêmica em veículos de comunicação de municípios baianos e de mídias de maior visibilidade no Estado de Santa Catarina. De acordo com uma matéria publicada no G1 Santa Catarina (filhada a Rede Brasil Sul de Televisão – RBS) a Polícia Civil foi acionada para investigar o caso.

A notícia de ameaça aos baianos também chegou ao conhecimento das autoridades da cidade de Buerarema. Em uma matéria publicada pela jornalista Miriany Farias do Jornal O Município, de Brusque, na edição do dia 22 de novembro de 2013, abordou que as autoridades de Buerarema acionaram o Ministério Público do Estado da Bahia. Vale lembrar que o Município de Buerarema, segundo o Jornal o Município, registrou um aumento expressivo de migrantes baianos para Brusque naquele período.

De acordo com o Jornal de Santa Catarina (Portal do Clicrbs) em uma matéria publicada no dia 08 de novembro de 2013 foram distribuídas cópias da carta em estabelecimentos comerciais e também circulou pelas redes sociais. O jornal A Tarde, um dos maiores da Bahia, publicou a informação no portal da internet que no dia seguinte a notícia tinha aproximadamente 169 comentários e havia 78 compartilhamentos.

O caso repercutiu fortemente em Brusque. Na Câmara de Vereadores, o assunto foi bastante discutido pelos parlamentares. O mesmo ocorreu nas ruas da cidade e nas redes sociais.

3.5 A AUDIÊNCIA PÚBLICA

Diante dos ocorridos relacionado ao fluxo migratório nordestino em Brusque nos anos de 2013 e 2014, o Plenário da Câmara Municipal tomou a iniciativa de realizar uma audiência pública¹³ com o tema migração em Brusque. O debate foi proposto pelo vereador Jean Daniel dos Santos Pirola (PP) e contou com a presença de autoridades políticas, empresários, secretários municipais e de outros membros da comunidade.

É válido destacar que os anos 2013 e 2014 atuei minha docência no Centro Educacional de Jovens e Adultos, de Brusque. Na qualidade de professor de Geografia, foram dois anos de aprendizado e discussões acerca de alunos com diferentes perfis, cujas faixas etárias iam de 15 a 75 anos. Possuíam eles costumes distintos daqueles até então conhecidos na cidade e histórias de superação, vitórias e conquistas.

Durante as referidas aulas de Geografia e, também, na presença de alunos migrantes de vários estados do Brasil, o tema migração era discutido por meio das mais diferentes abordagens, tais como: oportunidades de trabalho, qualidade de vida e até mesmo o preconceito. Diante disto, os alunos foram convidados a participar de uma audiência pública, devido ser um tema pertinente pela situação do perfil de estudantes do EJA (Educação de Jovens e Adultos). Como professor da disciplina de Geografia, acompanhei os alunos para a referida audiência, que foi realizada no dia 29 de maio de 2014. A turma do EJA que participou da audiência era composta por 15 alunos, entre jovens e adultos, de 18 a 45 anos. Juntamente com a presença de

¹³ ATA da Audiência n. 22/2014 - 29/05/2014 (Anexo B).

alguns membros da comunidade, autoridades locais e empresários, a audiência contou com um expressivo público no seu debate (Figura 7).

Figura 7 – Audiência pública debate migração em Brusque



Fonte: Câmara Municipal de Brusque (2014).

A audiência iniciou com uma fala do vereador Jean Daniel dos Santos Pirola que abordou uns questionamentos relacionado a projetos migratórios, oportunidades de emprego e casos de discriminação. Tais assuntos mereciam ser debatidos devido a demanda de migrantes nordestinos que Brusque estava presenciando, bem como estratégias para acolher estes migrantes e o combate ao preconceito. Diante disto, o vereador comentou sobre a carta 'Aviso aos baianos' que circulou nas redes sociais e enfatizou sobre as dificuldades de municípios baianos atenderem a demanda de emprego local que, conseqüentemente, leva ao movimento migratório.

A audiência também discutiu sobre os ônibus de migrantes que chegavam lotados em Brusque toda semana.

Foi diante destes episódios, a audiência pública e também a convivência com os migrantes alunos do EJA, que surgiu a indagação da pesquisar sobre o fenômeno da migração, bem como sobre a forma de adaptação e reprodução social do migrante na cidade de Brusque.

Desta forma, procurei o vereador Jean Daniel dos Santos Pirola que iniciou os debates sobre migração em Brusque nas audiências. Aquele atualmente é o vereador Presidente da Câmara Municipal de Brusque. Vale ressaltar que o Jean foi meu professor na faculdade Uniasselvi (Centro Universitário Leonardo da Vinci – Brusque) e também acompanhou meu trabalho como professor no município. Diante disto, realizei uma entrevista com intuito de complementar a pesquisa sobre o fenômeno migratório em Brusque.

Marquei uma conversa com Jean e apontei como estava o andamento da dissertação, pois o mesmo já tinha conhecimento sobre a pesquisa desde o início da minha entrada no programa de mestrado. A princípio conversamos sobre o fenômeno migratório em Brusque nas últimas décadas e os grupos de migrantes que vieram até Brusque: *Vale considerar que Brusque é uma cidade de migrações. Nós tivemos aqui na cidade nas últimas décadas três grandes movimentos migratórios expressivos. Na década de 1980 tivemos um movimento migratório gaúcho, mais precisamente na rua Azambuja com um grande número de comércios. Em seguida, a década de 1990 teve um movimento migratório paranaense que veio para trabalhar, em grande parte, na construção civil. Eram trabalhadores para o serviço pesado, na construção de prédios e galpões. Em 2005 e 2006 iniciou uma um fluxo migratórios de nordestinos, em especial baianos.*¹⁴

O depoimento acima citado por Jean destaca que as últimas décadas Brusque passou por diferentes fluxos migratórios internos. Tal fato justifica que em Brusque existem grupos migratórios de todas as regiões do Brasil, em especial paranaenses, gaúchos, paulistas e no recente período nordestinos. Estes grupos são perceptíveis no cotidiano da cidade, bem como na circulação das ruas, em comércios, nos serviços públicos, entre outros.

Em seguida, Jean comentou sobre sua relação com os migrantes nordestinos e os fatores que levaram muitos migrantes a saírem de seu local de origem: *Tenho contato com vários migrantes nordestinos, mais precisamente com migrantes da região do cacau da Bahia, em municípios como Buerarema e Itabuna. Nestes municípios teve como episódio a “vassoura de bruxa”, que acabou com o cacau e, também, a demarcação de terras indígenas que provocou a saída de muitos habitantes para outras regiões, e até mesmo aqui para Brusque. Foi um período que*

¹⁴ Jean Daniel dos Santos Pirola, Presidente da Câmara de Vereadores de Brusque. Brusque, 18 jan. 2018.

*começou a chegar muitos migrantes que através de uma rede de amigos e familiares começaram a se comunicar devido a oferta de empregos aqui na cidade.*¹⁵

A referida audiência pública organizada por Jean levou em discussão diversos temas sobre o fenômeno migratório, entre eles o impacto negativo sobre a demanda de serviços públicos que o Município não conseguia suprir devido ao aumento de migrantes chegando à Brusque. *Essa migração em massa começou a ter um impacto na cidade em situações como a falta de vagas nas creches e grandes filas em postos de saúde. Um episódio marcante quando fui a primeira vez em Buerarema, na Bahia, foi um carro de som passando nas ruas que anunciava passagens para Brusque e opções de até seis vezes o parcelamento. O problema é que não dava uma segurança se tinha emprego ou moradia. Apenas vendiam o sonho da migração. Lá em 2014 chegavam em Brusque em média dois a três ônibus por semana. E também, devido a expansão de migrantes nos bairros, teve alguns aumentos significativos, tais como: os valores dos aluguéis, a procura de vagas em creches e escolas, e serviços nos postos de saúde.*¹⁶

O sonho da migração citado acima pelo vereador teve grande repercussão no Município de Brusque. Vale destacar que boa parte dos migrantes nordestinos chegaram a Brusque para ocupar trabalhos secundários em empresas do ramo têxtil, metalúrgico, entre outros.

A autora Assis (2013) em sua obra 'Migrantes no passado e presente' cita os teóricos da segmentação do mercado de trabalho como Michael J. Piore e Peter Doeringer. Explicam estes, as características do mercado de trabalho primário e secundário destinado aos migrantes. O mercado de trabalho primário, segundo os já mencionados teóricos, é destinado a trabalhadores nativos e se caracteriza pela alta qualificação e melhores salários. Já o mercado de trabalho secundário é ocupado por trabalhadores migrantes jovens. Oferece baixos salários e é caracterizado pela alta rotatividade e baixa qualificação. Diante disto, os migrantes nordestinos, assim como os analisados por Piore e Doeringer, se inserem no mercado secundário de trabalho.

O vereador Jean também comentou sobre a situação de preconceito e discriminação com os baianos. O assunto teve grande repercussão nos anos de 2013, 2014 e 2015, porém, ainda é presente nos discursos de cidadãos da cidade de

¹⁵ Jean Daniel dos Santos Pirola, Presidente da Câmara de Vereadores de Brusque. Brusque, 18 jan. 2018.

¹⁶ Jean Daniel dos Santos Pirola, Presidente da Câmara de Vereadores de Brusque. Brusque, 18 jan. 2018.

Brusque. *O preconceito e a discriminação foi muito forte no período entre 2013 a 2015 aqui na cidade. O choque cultural foi grande por conta da chegadas destes migrantes. Esse choque levou uma discriminação forte nas redes sociais e na imprensa. O episódio marcante foi a carta “Aviso aos baianos” que posso dizer foi o ícone para a luta contra o preconceito que começamos a realizar naquele ano. E até hoje trabalhamos isso. Ainda existe, porém, tem diminuído comparado aos anos de 2013, 2014 e 2015.*¹⁷

O relato de Jean aponta o choque cultural presente no Município de Brusque devido a resistência em que os brusquenses possuem por conta desta diferente cultura que chega à cidade. O vereador comenta, também, que o preconceito já aconteceu com outros grupos, como os paranaenses e gaúchos, por exemplo. No entanto, ao lembrar sobre o episódio da carta que circulou na mídia, Jean aponta que o preconceito foi mais expressivo com os nordestinos. Diante disto, Martins (1988) ensina que os estranhamentos dos grupos não são relacionados a aspectos econômicos, mas também e principalmente cultural, social e ideológicos.

¹⁷Jean Daniel dos Santos Pirola, Presidente da Câmara de Vereadores de Brusque. Brusque, 18 jan. 2018.

4 A VIDA DOS IMIGRANTES NORDESTINOS: ENTRE A ACOLHIDA E OS ESTRANHAMENTOS

Nesta parte da pesquisa constam de forma detalhada os dados coletados por meio dos instrumentos de coleta, confrontados com a fundamentação teórica e assim resultando na sua análise. Nesta seção, estão descritos a técnica de grupos focais junto ao universo de alunos migrantes nordestinos e os nascidos e criados em Brusque. Diante disto, procurei compreender como se inseriam na sociedade brusquense, seus projetos migratórios e sua vida cotidiana.

Ao buscar compreender sua inserção, um dos lugares onde se encontram os migrantes é o EJA de Brusque, local onde realizei a pesquisa, pois já tinha contatos prévios e também conhecimento que nessa instituição encontraria migrantes.

4.1 UMA OPORTUNIDADE PARA OS JOVENS MIGRANTES – A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino na educação voltada para jovens e adultos que por algum motivo abandonaram os estudos, ou até mesmo, não tiveram acesso ao ensino fundamental e médio. Trata-se de uma modalidade que atualmente vem ganhando espaço devido às circunstâncias exigidas pelo mercado de trabalho e, também muitas vezes, o sonho de voltar à escola para a busca do conhecimento. Paiva (1997) ensina que compreender a Educação de Jovens e Adultos como um fenômeno humano produzido em situações sócio-históricas, em um processo de conquistas e elaborações sociais de significados, permite apostar na modalidade EJA como direito e não apenas a ideia de resgate da oportunidade perdida. Assim, o autor traz a concepção de que para aprender não há idade e que a todos devem ser assegurados direitos iguais.

No entanto, a EJA surge com uma modalidade que enfatiza a abordagem pela formação ao mercado de trabalho, a construção do pensamento crítico e o envolvimento de práticas sociais e culturais. Desta forma, Di Pierro e Haddad (2000) apontam que o ensino de jovens e adultos é um campo de práticas e reflexão que transborda os limites da escolarização em sentido estrito. Inicialmente, porque abarca processos formativos diversos, onde podem ser incluídas iniciativas visando à qualificação profissional, o desenvolvimento comunitário, a formação política e questões culturais pautadas em outros espaços que não o escolar.

A modalidade EJA é possivelmente mais adaptada ao contexto migratório, surge com a ideia de que o migrante busca no ensino uma maneira de melhorar sua condição que, por sua vez, não teve tal oportunidade em sua terra natal. Neste sentido, Sposito (1988, p. 17) menciona que:

No sonho da educação, da ida à escola, da conquista de um diploma, está a vontade de melhoria, de ascensão, mas está escondido, também, o desejo de poder mudar a vida, a possibilidade de romper com a mera repetição e projetar-se como um ser diferente do que lhe foi imposto pela realidade social que o engendrou como um destituído, que não pode ter necessidades ou carecimentos.

Desta forma, neste momento a pesquisa perpassa pelo universo de alunos migrantes no Centro Educacional de Jovens e Adultos de Brusque. Vale lembrar que o CEJA de Brusque foi a instituição que iniciei minha docência na disciplina de Geografia, no ano de 2014. Todavia, foram três anos como professor na escola em uma experiência de aprendizado e contato com culturas e costumes diferentes.

Atualmente, o CEJA de Brusque é procurado, principalmente, por migrantes em busca de qualificação profissional. O Município de Brusque tem vivenciado um aumento na demanda de empregos e, conseqüentemente, a exigência do mercado de trabalho fez com que muitos migrantes procurassem a instituição com o intuito de adquirir o diploma do ensino fundamental ou médio.

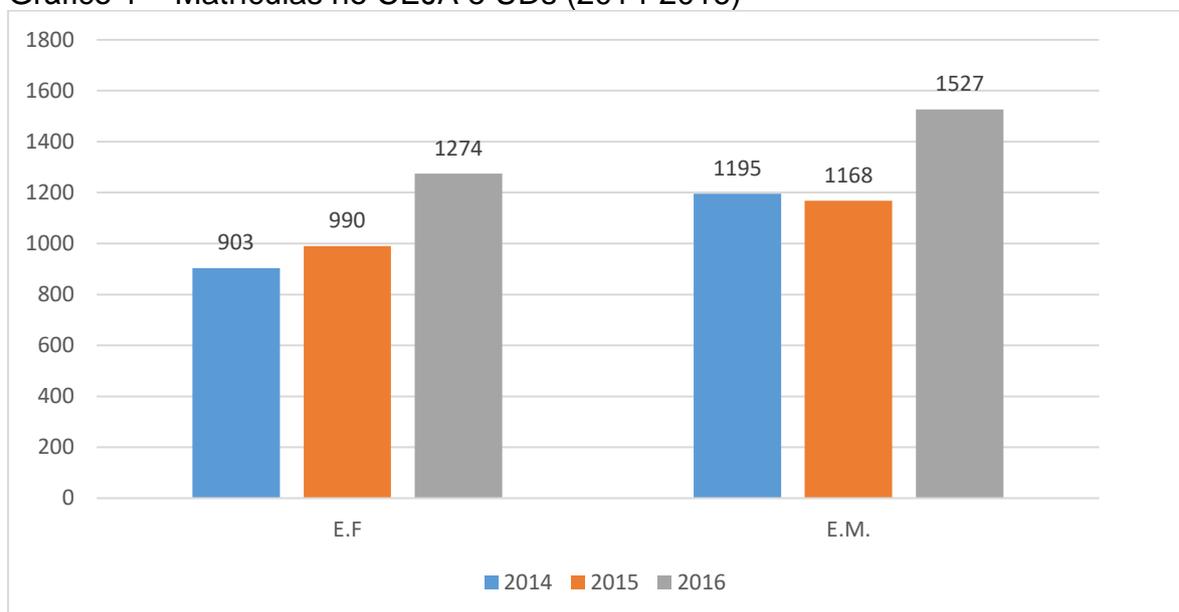
O CEJA de Brusque é uma instituição submetida a Secretaria de Estado da Educação, sob a atribuição da 16ª Gerência Regional de Educação. Localiza-se na Rua Adriano Schaefer, 42, Centro, Brusque. A escola oportuniza vagas para jovens e adultos com idade mínima de 15 anos para ingresso no Ensino Fundamental e 18 anos para o Ensino Médio. Fundado em 1997 tem como missão: proporcionar às pessoas que no seu devido tempo não tiveram oportunidade de frequentar a escola, a possibilidade de buscar a sua formação no Ensino Fundamental e Médio, seja por necessidade em função do mercado de trabalho ou por anseio pessoal.

Quanto as modalidades de ensino o CEJA disponibiliza: a alfabetização, e o ensino por disciplina para o ensino fundamental (anos finais) e ensino médio, nos três turnos: matutino, vespertino e noturno.

De acordo com os dados fornecidos pela secretaria, o CEJA atendeu mais de mil alunos no ano de 2017 em todos seus níveis. Também, é válido destacar que a instituição atende alunos em seis Unidades Descentralizadas (UD's) por intermédio

de convênios com os municípios vizinhos de Brusque, entre eles: São João Batista, Nova Trento, Canelinha, Botuverá, Guabiruba e Major Gercino.

Gráfico 1 – Matrículas no CEJA e UD's (2014-2016)



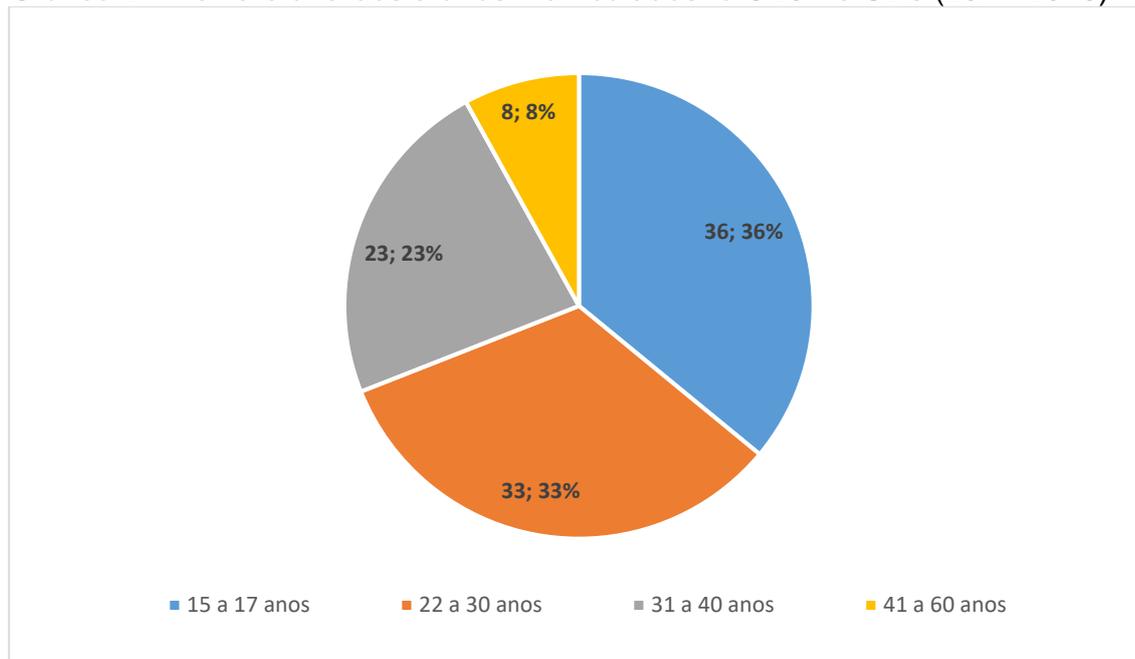
Fonte: Secretaria do CEJA a partir do Censo Escolar (2017).

Com base nos dados do Gráfico 1 é possível perceber que os alunos procuram mais o ensino médio do que o fundamental, porém, a diferença é pequena. Também, vale destacar o aumento da procura pelos estudos a cada ano. O diretor do CEJA, Paulo Sérgio Batista Pereira, que está há 10 anos no cargo, comenta sobre o aumento da procura de matrículas no decorrer dos anos: *A cada ano percebemos o aumento de alunos que procuram os estudos com a finalidade de ter um espaço no mercado de trabalho. Muitas empresas aqui de Brusque e região estão exigindo o diploma do Ensino Fundamental ou Médio.*¹⁸

O diretor enfatiza que a procura pelo ensino é devido a circunstâncias da exigência do mercado de trabalho. Neste sentido, muitos jovens e adultos que não terminaram o Ensino Fundamental ou Médio procuram a instituição com o intuito de garantir um melhor emprego. Paulo argumenta que o perfil dos alunos do CEJA é basicamente o mesmo número quando refere-se a homens e mulheres. No entanto, a faixa etária que são mais efetivadas as matrículas variam entre jovens de 15 a 21 anos.

¹⁸ Paulo Sérgio Batista Pereira, diretor do CEJA. Brusque, 06 fev. 2018.

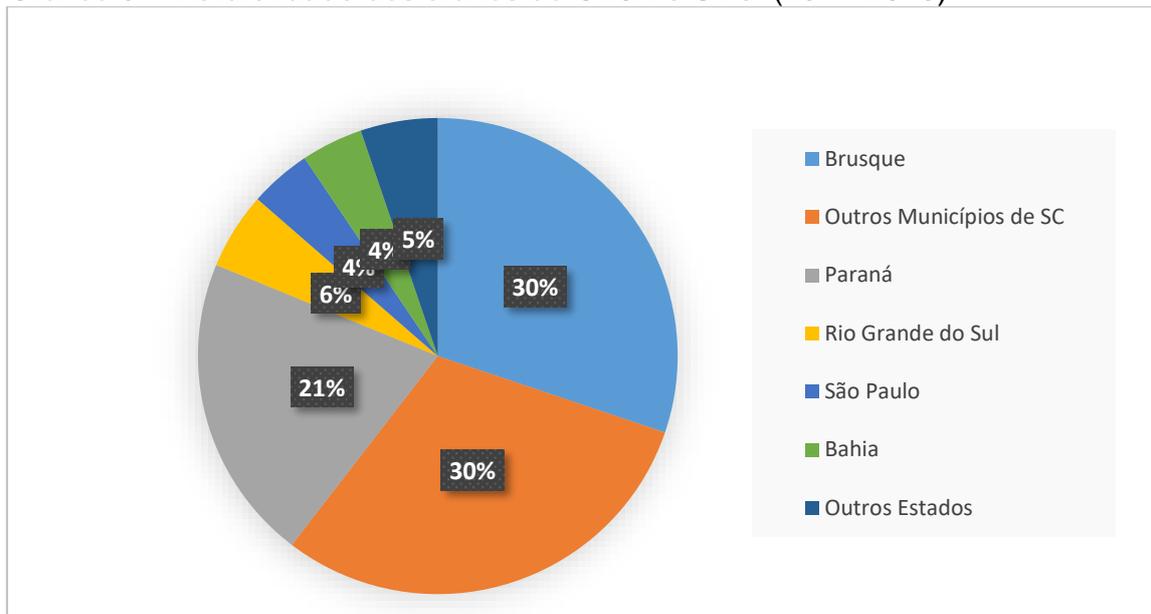
Gráfico 2 – Faixa etária dos alunos matriculados no CEJA e UD's (2014-2016)



Fonte: Secretaria do CEJA a partir do Censo Escolar (2017).

Os dados do gráfico 2 obtidos pela secretaria da escola comprovam que as faixas etárias que variam entre 15 e 21 anos e, também, dos 22 aos 30 anos, são as faixas etárias que mais procuram o CEJA para terminar os estudos. O diretor, por meio dos dados obtidos da escola, aponta que existem alunos nascidos em vários estados brasileiros. Entretanto, o maior número matrículas efetivadas entre 2015 e 2016 são de alunos catarinenses (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Naturalidade dos alunos do CEJA e UD's (2014-2016)



Fonte: Secretaria do CEJA a partir do Censo Escolar (2017).

O gráfico 3 mostra que o CEJA também recebe estudantes nascidos em outros estados do Brasil. Os estados do Paraná e Rio Grande do Sul, ambos da Região Sul, prevalece em matrículas efetivas. No entanto, vale destacar a presença do Estado da Bahia nas matrículas dos últimos anos. Fato este, que deve-se ao índice migratório nordestino que Brusque vem presenciando nos últimos anos.

A professora e pedagoga, Bianca Baron Martins, comenta que na sua trajetória de 10 anos na docência do CEJA presencia migrantes de vários estados do Brasil: *Leciono com turmas de nivelamento aqui no CEJA, que são séries iniciais. O trabalho de alfabetização com adultos é muito forte. São alunos migrantes de todo o Brasil. No entanto, nos últimos anos teve a presença dos estudantes nordestinos, em especial mulheres da Bahia*¹⁹.

A professora em seu depoimento enfatiza a presença de mulheres no Ensino de Jovens e Adultos. O nível de ensino que Bianca leciona é com estudantes que muitas vezes não estão alfabetizados e procuram o CEJA com o intuito de aprender a ler e escrever: *Nos últimos anos nas minhas turmas de alfabetização é perceptível um aumento no número de alunos migrantes. Muitos procuram o básico, que é aprender a ler e escrever. Alguns chegam sem escrever o nome e sonham com o desafio de aprender a ler e a escrever.*²⁰

¹⁹ Bianca Baron Martins, professora do CEJA. Brusque, 6 fev. 2018.

²⁰ Bianca Baron Martins, professora do CEJA. Brusque, 6 fev. 2018.

O relato da professora demonstra que em suas turmas de alfabetização e nivelamento muitos alunos são migrantes. A professora foi questionada quanto ao convívio deste alunos que possuem diferentes culturas. Bianca afirmou que a socialização entre os estudantes é promissora, e que nunca presenciou nenhum tipo de preconceito relacionado à estes alunos.

É comum no Ensino de Jovens e Adultos a presença de alunos migrantes, principalmente em cidades que estão em crescimento e desenvolvimento, como é o caso de Brusque.

Embora 30% dos migrantes sejam de Santa Catarina e outros do Paraná e Rio Grande do Sul e apenas 4% sejam baianos, o estigma e o preconceito com que são tratados os torna mais visíveis e, por isso, pretende-se analisar o cotidiano de suas vidas em Brusque.

Em Brusque, existem quatro núcleos que atendem a demanda de Educação de Jovens e Adultos. Dois núcleos são ofertados pela iniciativa pública, uma pela Secretaria Estadual de Educação por meio do CEJA, localizado no centro da cidade, e a outra pela EJA da Secretaria Municipal de Educação, concentrada em algumas escolas dos bairros. Já os outros dois núcleos do EJA são pela iniciativa privada: a Cooperativa de Educação de Professores e Especialistas (COOEPE) e pelo Serviço Social da Indústria (SESI).

Deste modo, como comentado anteriormente, o CEJA foi a instituição que iniciei minha docência e o local que durante minha experiência foi perceptível o número de migrantes. Além do mais, o espaço da educação de jovens e adultos se evidenciou como um dos lugares onde chegam os migrantes e onde essa presença, mesmo numericamente pouco relevante em relação aos demais, é muito evidenciada. Sendo assim, o espaço se torna um bom lugar para analisar como se dá o processo de encontro e diálogo intercultural entre os estabelecidos na cidade e os outsiders, para recorrer a um termo de Norbert Elias, que nos parece interessante para pensar a relação que se constrói entre brusquenses e os nordestinos recém chegados.

Com o propósito de tornar visível a repercussão do movimento migratório em Brusque nos últimos anos, bem como os estranhamentos das dinâmicas culturais entre nordestinos e brusquenses, foram organizados dois grupos focais com o intuito de debater temas pertinentes ao processo de chegada dos migrantes em Brusque. Os temas discutidos nos grupos focais permitiram aproximar suas experiências com a

realidade que perpassa o município de Brusque relacionado ao movimento migratório nordestino atual.

Os entrevistados são estudantes que participam da modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA), situado no Centro Educacional de Jovens e Adultos de Brusque (CEJA). Deste modo, os grupos focais foram compostos por homens e mulheres com faixa etária entre 17 e 75 anos

4.2 INICIANDO O GRUPO FOCAL – “A CARTA PARA OS BAIANOS”

Foram realizados dois grupos focais com alunos do Centro Educacional de Jovens e Adultos de Brusque (CEJA) que apresentam perfis distintos. O primeiro grupo é composto por migrantes nordestinos e o segundo por alunos nascidos e criados em Brusque. No entanto, os nomes das pessoas entrevistadas foram substituídos por nomes fictícios com a intenção de resguardar a identidade dos respondentes, dentro de um procedimento ético da pesquisa. Deste modo, cada integrante escolheu um nome para sua identificação no momento da entrevista.

No dia 21 de novembro de 2017 foi realizado o primeiro grupo focal com um grupo de cinco migrantes nordestinos, dentro os quais duas mulheres e três homens. No primeiro momento, me apresentei ao grupo e expliquei sobre o procedimento da técnica de grupo focal. Também, fiz uma breve introdução sobre o que é migração e as razões de se realizar uma pesquisa sobre o tema “migração em Brusque”. Neste momento, Pedro me interrompe e acrescenta: “*é para falar sobre preconceito aqui em Brusque, o racismo*”?²¹ Em resposta, justifico ao Pedro e também aos demais, que a ideia é compreender o fenômeno da migração em Brusque em seus mais variados aspectos, entres eles, o preconceito e a discriminação com migrantes.

A interrupção de Pedro deixou claro que ao discutir migração em Brusque vem à tona a ideia do preconceito existente na cidade. Em seguida, foi repassado aos participantes que o grupo focal contaria com a minha mediação (e que no momento das explicações teria que falar o nome fictício escolhido por cada um).

Comecei a falar de migração no mundo, pois como são estudantes do ensino fundamental é um tema recorrente em aulas de geografia e história. Em seguida, questioneei sobre a carta intitulada “Aviso aos baianos”²² que foi distribuída na cidade

²¹ Pedro, 49 anos, migrante de Senhor do Bonfim/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

²² Carta na íntegra inserida em anexos.

em 2013. Sendo assim, levei uma cópia da carta e apresentei aos participantes. Neste momento, perguntei aos entrevistados se tinham conhecimento deste episódio que aconteceu na cidade. Pedro e Marcelo disseram que ouviram falar, mas que não tinham lido o conteúdo da carta. Os demais participantes não ouviram falar, até porque não moravam em Brusque em 2013 e não acompanharam o caso nas mídias. Para um melhor entendimento, li na íntegra o conteúdo da carta como instrumento de iniciação de discussões para o grupo focal.

Marcelo, neste momento, argumenta que na época lembra que a carta circulou as redes sociais: *Não li o conteúdo da carta, mas lembro que minha filha viu circular no facebook e comentou exatamente isso que você leu. Que ofensa, é vergonhoso*²³.

Carla, ao ouvir a carta e o relato de Marcelo, complementa: *Cheguei em 2002 em Brusque, e ainda após 11 anos esses comentários existem. Mas o conteúdo desta carta foi muito mais além. Como assim matar os baianos? Que absurdo!*²⁴

Em seguida, sugeri aos participantes que enfatizassem algumas palavras que vieram a mente sobre o conteúdo da carta. Assim, o grupo abordou os termos: preconceito, racismo, baianos, trabalho, e negro referindo-se a raça/etnia. Com base nas respostas argumentei que iria lançar umas perguntas referente aos termos com ênfase ao contexto migratório inserido atualmente.

4.3 POR QUE PARTIR? O PROJETO MIGRATÓRIO

No início da conversa foi questionado ao grupo as motivações pelo qual levaram a migrar para o município de Brusque. Diante das discussões foi perceptível que a falta de trabalho era a principal motivação. A migrante Rose relatou que Ilhéus, sua cidade natal, estava passando por intensos problemas quanto à falta de empregos: *Não tinha mais emprego em Ilhéus. Faltava trabalho tanto no comércio, como na agricultura, em especial nas plantações de cacau. Várias cidades da Bahia estavam com o problema de falta de emprego. Muita gente está saindo do Nordeste.*²⁵

A saída em massa de nordestinos de sua terra natal é evidente na história das migrações internas no Brasil. Bosco e Jordão Netto (1967) apontam que a partir da década de 1930 os Estados São Paulo e Rio Janeiro, eixos industriais brasileiros,

²³ Marcelo, 38 anos, migrante de Maceió/AL. Brusque, 21 nov. 2017.

²⁴ Carla, 36 anos, migrante de Itabuna/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

²⁵ Rose, 34 anos, migrante de Ilhéus/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

receberam grande quantidade de nordestinos neste período. Os migrantes, principalmente da Bahia, eram motivados em busca de uma vida melhor.

A migrante Rose, em seu relato, deixou evidente que já pensava em mudar para uma cidade onde houvesse um índice mais elevado de urbanização: *Já ouvia muito falar de Brusque. Falavam que cidade era tranquila, que tinha empregos, transportes públicos eficientes e, ainda, na maioria dos casos, o povo comentava que podia morar perto do trabalho. Em Ilhéus sempre trabalhei longe de casa*²⁶.

A escolha do município de Brusque, pelo relato da migrante baiana acima, implicou diversos fatores a fim de garantir uma qualidade de vida. Tal fato é entendido por Singer (2002) em que a decisão pela migração é adotada, em muitos casos, em escolher um lugar onde já possui uma elevada urbanização. O autor ensina que tal decisão é devido a motivos subjetivos, entre eles, o tipo de vida que a cidade oferece e, também, a moradia nas proximidades do trabalho. Assim, a decisão migratória assume, ao seu turno, características próprias capitalismo, ao passo que percorre as perspectivas micro e macroeconômicas.

Entretanto, o migração nordestina perpassa até os dias atuais. As regiões Sul e Sudeste são apontadas como destino de muitos migrantes do Nordeste. Pedro, em seu relato, aborda que seu primeiro movimento migratório foi na década de 1980 para o Estado de São Paulo: *Vou falar para vocês que eu tenho muitos anos de mundo. Sai da Bahia na década de 1980 e fui para São Paulo. Com 18 anos eu casei e morei por 30 anos na capital paulista. Muitos conhecidos migraram para São Paulo na época*²⁷.

O Estado de São Paulo foi o destino de Pedro para mudar de vida nos anos de 1980. Sendo assim, Beaninger (1999) aponta as décadas de 1970 e 1980 o Estado de São Paulo teve uma redução em seus volumes imigratórios. No entanto, ainda era considerado o polo de atração populacional, principalmente por estados nordestinos.

O migrante Sérgio também compartilhou ao grupo sua experiência migratória, porém na Região Sul, no Estado do Paraná: *Sai da Bahia e fui para Londrina, no Paraná. Fui tentar a vida por lá e não deu muito certo. Tinha decidido voltar para a Bahia quando minha irmã comentou que meus sobrinhos estavam em Brusque e se dando bem com trabalho. No outro dia liguei para eles e vim pra cá.*²⁸

²⁶ Rose, 34 anos, migrante de Ilhéus/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

²⁷ Pedro, 49 anos, migrante de Senhor do Bonfim/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

²⁸ Sérgio, 46 anos, migrante de Salvador/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

Além de Sérgio, os participantes abordaram que a comunicação através de uma rede de familiares e amigos foram um dos meios que possibilitaram a ideia e uma garantia do ato migratório. Diante disto, Marcelo expôs sua experiência: *Em Maceió eu trabalhava como garçom e não estava muito bom. Tinha meses que eu trabalha e outros não. Minha cunhada veio antes e falou que aqui era bom de emprego e mais fácil de conseguir as coisas. Ela disse que também aqui era mais fácil de estudar. Quando ela falou tudo isso e disse que estava dando certo pra ela, no mesmo momento, também quis vir.*²⁹

O relato de Marcelo deixa evidente que a comunicação familiar possibilita uma segurança quando o migrante toma a decisão de mudar de cidade. Desta forma, os participantes do grupo apontaram que os familiares, entre eles, cunhados, sobrinhos, tios e irmãos, já viviam em Brusque. Sendo assim, comentaram sobre a demanda da oferta de emprego em diversas áreas que a cidade oferece.

Essa rede de famílias citadas pelos membros do grupo é entendido por Assis (2013) em que os migrantes partem para lugares onde existem pessoas da mesma região, bem como familiares, amigos, parentes e até mesmo conterrâneos. A autora enfatiza que as migrações recentes resultam também de um desenvolvimento de redes sociais, e não apenas uma decorrência de crises econômicas. Assim, as redes de informações pessoais com familiares, amigos, parentes depositam uma certa confiança no ato de migrar, e por conta disso diminui os riscos de certas inseguranças do migrante para o local de destino.

Outros fatores discutidos foram a qualidade de vida que Brusque oferece em termos de violência. Sérgio, migrante de Salvador, enaltece que a violência em grandes centros prejudicaram sua qualidade de vida e foram umas das razões para migrar à Brusque: *A violência, o roubo, as drogas, tudo isso é complicado. A gente quer um bom futuro para nossos filhos. São episódios tristes que a gente vê nos grandes centros no dia a dia. Uma cidade mais tranquila, como Brusque, oferece uma qualidade nestes aspectos.*³⁰

A decisão de migrar consiste, também, nos fatores que o lugar de destino pode oferecer em termos de qualidade de vida. Brito (2006) deixa evidente que as redes sociais têm um efeito preponderante na divulgação da violência nos grandes centros. Sendo assim, elas têm efeito de fazer circular várias informações, dentre elas a de

²⁹ Marcelo, 38 anos, migrante de Maceió/AL. Brusque, 21 nov. 2017.

³⁰ Sérgio, 46 anos, migrante de Salvador/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

violência, mas, também, de oportunidade de emprego e moradia que, por sua vez, atenuam os riscos da migração de longa distância.

Contudo, o autor aponta que outros aspectos negativos, como o acesso aos serviços públicos básicos e a moradia, compromete a decisão de migrar para as grandes cidades. Tal fato delimita fatores que divulgam aspectos negativos nos grandes centros que, em muitos casos, redirecionam os fluxos migratórios para outras localidades.

Nesta abordagem, Pedro comenta sobre as dificuldades na cidade de São Paulo nos últimos anos e enfatiza que Brusque mostrou um novo olhar sobre melhorar as condições de vida: *Eu me estressei da cidade grande. Um dia sai da capital paulista e vim passear em Brusque. Cheguei aqui, conversei com conhecidos e acabei gostando. Liguei para minha mulher e falei que ia ficar por Brusque, porém quando me estabilizasse no trabalho iria buscá-la. No entanto, arrumei um trabalho rápido, fiquei bem e fui buscar a mulher e filhos.*³¹

Pedro devido sua experiência com as migrações era o que mais tinha histórias para compartilhar no grupo. O seu relato que migrou para São Paulo há 30 anos, junto aos estudos sobre migrações internas no Brasil, mostra que a década de 1980 foi período em que a capital paulista recebeu um expressivo número de migrantes, em especial do Nordeste. Vale lembrar que, de acordo com estudos realizados na década de 1980 pelo Centro de Estudos Migratórios (1993), um dos motivos do êxodo para as grandes metrópoles foi a impossibilidade de sobrevivência no campo, pela falta de investimento no pequeno agricultor. Diante disto, a agricultura ficou voltada para as exportações, e assim pequenos produtores ficaram no abandono ocasionando a fileira dos miseráveis, “bóias-frias”, diaristas e clandestinos.

O depoimento de Pedro também apresenta que a princípio tinha que garantir um emprego em Brusque para em seguida trazer a mulher e filhos. Esse relato evidencia como a migração é uma estratégia familiar e nesse caso, o caminho percorrido foi o de primeiro migrar o homem, chefe da família, que depois trouxe sua mulher e filhos, numa demonstração que a decisão de migrar não é uma decisão individual, mas ocorre dentro de um contexto familiar.

Assis (2007) evidencia que nos estudos clássicos da migração, as mulheres eram invisibilizadas no processo migratório, reveladas como aquelas que acompanhavam ou esperavam por seus maridos e filhos, sem revelar, por exemplo, a

³¹ Pedro, 49 anos, migrante de Senhor do Bonfim/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

importância dos seus ganhos para a renda da familiar ou que participavam das decisões de partir, ficar ou retornar, como é evidenciado no relato de Pedro.

Além de revelar a importância das redes de familiares e conterrâneos, os relatos evidenciaram também como os amigos conterrâneos ajudaram no acolhimento à nova cidade. *Os amigos deixam a gente mais à vontade em um lugar novo. Quando cheguei fui para casa de uma amiga, que também é baiana. As meninas que trabalham comigo na limpeza também são baianas. Fiquei bem à vontade com elas aqui.*³²

A narrativa de Carla afirma que as amigas auxiliaram no processo de fixação em Brusque, pois foi realizada a tradução do lugar feito por quem está antes. E vale ressaltar que as amigas citadas por Rose também são migrantes nordestinas. As duas mulheres do grupo focal, Carla e Rose, compartilharam ao grupo que vieram sozinhas à Brusque em busca de novas oportunidades. Os motivos para migrar apontados por elas foram as condições de trabalho e o bem-estar que a nova cidade oferece.

Rose, que migrou em 2017 para Brusque, relata que veio sozinha para a nova cidade: *Cheguei sozinha no início do ano. Sou solteira, mas tenho dois filhos que ficaram em Ilhéus/BA. Precisava de trabalho e uma amiga comentou que em Brusque era mais fácil. No mesmo mês já consegui um emprego como auxiliar de limpeza. Pretendo trazer meus filhos para cá também, mas primeiro preciso me estabilizar financeiramente.*³³

Por meio do depoimento de Rose, a outra mulher participante do grupo, Carla, também se manifestou: *Eu já cheguei muito nova aqui em Brusque. Vim sozinha também, mas foi no ano de 2002. No meu caso a minha irmã tinha vindo antes e falou que era mais fácil pra conseguir trabalho aqui na cidade. Sou solteira e tenho três filhos que vivem aqui comigo. Também sou auxiliar de limpeza e já trabalhei em vários lugares, como em consultório de dentista, supermercado, padaria, entre outros*³⁴.

Assis (2017) demonstra em sua obra “Mulheres migrantes no passado e presente” que embora as mulheres, em sua maioria, migram em grupos familiares, elas também migram sozinhas, em busca de autonomia e até mesmo para fugir das poucas oportunidades existentes no local de origem.

³² Carla, 36 anos, migrante de Itabuna/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

³³ Rose, 34 anos, migrante de Ilhéus/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

³⁴ Carla, 36 anos, migrante de Itabuna/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

4.4 ESTRANHAMENTOS CULTURAIS ENTRE “BAIANOS” E BRUSQUENSES

O migrante ao chegar na terra de origem leva consigo uma nova cultura e novos hábitos, do ponto de vista fala, etnia e costumes. Este contato é ensinado por Castro (2005, p.26) que “[...] o migrante é um estranho que joga o nativo a se confrontar com seu estranhamento”. No entanto, o estranhamento é analisado por Vieira (1997) que sua difusão traz consigo um não-reconhecimento da realidade que a própria espécie humana criou. A transformação da condição do indivíduo é um dos traços mais característicos do estranhamento. Desta forma, é por esse caminho que os homens não se reconhecem naquilo que são e naquilo que fazem.

Diante disto, a migração adaptada ao contexto migratório no Município de Brusque no início deste século revela que a vinda de nordestinos ocasionou estranhamentos por parte da comunidade local. Neste sentido, o grupo focal realizado com os alunos migrantes entrou na discussão sobre as relações sociais existentes na nova cidade, bem como os estigmas dirigidos aos migrantes nordestinos. O tema preconceito foi alvo de trocas de experiências com todos os integrantes do grupo. Todavia, Sérgio se manifesta sobre o assunto: *Brusque é um lugar ótimo para se viver. O único problema é o preconceito, o racismo com o ‘baiano’, o próprio nordestino. O mundo é para todos! Se tem gente ruim na Bahia, tem gente ruim em Santa Catarina, no Paraná, no Rio Grande do Sul. O pessoal tem um jeito de olhar diferente para o baiano. Sabe por que? Você, Tafarel, tem a cor branca, mas o sangue é vermelho da mesma cor que o meu. A cor fazem eles olharem a gente de outro jeito.*³⁵

O relato de Sérgio demonstra que o fato de ser negro já deixa evidente um olhar diferente ao migrante do Nordeste. A questão dos estigmas dirigidos aos imigrantes nordestinos é perceptível nos relatos pelos participantes do grupo.

Goffmann (1988) em seus estudo demonstra que o estigma é um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo no sentido inferior apontado a alguém que, por sua vez, leva a surgir vários tipos de discriminações. Nesta abordagem, o autor ainda aponta o perigo que tal fato representa, pois é visto por um ideologia que explica sua inferioridade.

No entanto, a discussão sobre preconceito e estigmas dirigidos aos imigrantes ocasionou em histórias e debates no grupo focal. Pedro comentou aos colegas do grupo que já sentiu muitas vezes vontade de voltar à Bahia, o seu lugar de origem: *Já*

³⁵ Sérgio, 46 anos, migrante de Salvador/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

*senti vontade de voltar por causa do racismo. Pensei em ir embora deste lugar pois na Bahia não ia sofrer com isso. Mas Deus não fez cercas para as pessoas no mundo. Então, busquei forças e fiquei, pois eu vim para vencer e isso não irá me abater.*³⁶

A vontade de voltar para sua terra não foi apenas um comentário de Pedro. Os demais migrantes apontaram que o preconceito foi uma das razões a se pensar no retorno. No entanto, a renda salarial por conta de um trabalho motivou a permanência. O relato de Sérgio demonstra que já convivia com o preconceito antes mesmo de chegar à Brusque: *É visível que o pessoal daqui tem um preconceito com o nordestino. E vou te falar que isso não me incomoda muito, pois presenciei esse preconceito já em São Paulo, na década de 1990. Era a gente que pegava no pesado por lá. Nós, nordestinos, erguemos São Paulo*³⁷.

Os estigmas dirigidos aos nordestinos foram amplamente discutidos no grupo focal. Além do fato de ser negro, outros discursos foram apontados pelos participantes, tais como: ignorantes, lentos no trabalho, cheio de filhos e vadios. Corroborando, Marinelli (2017) entende que o estigma é apontado com uma marca diferenciadora, visível ou não, e que não se apaga facilmente. Assim, o autor ainda ensina que a marca estigmatizante constitui-se numa representação social que leva a um sentimento de rejeição, decorrente de visões preconceituosas e estereotipadas em relação ao sujeito.

No caso do nordestinos em Brusque é visível quanto ao fato de que o Nordeste e o Sul carregam visões distintas quanto ao seu povo, que em muitos casos remete a algo pejorativo quando fala-se do Nordeste. A autora Vasconcelos (2006) evidencia em sua obra um aspecto visto pelo historiador Durval M. Albuquerque Jr em seu livro “A invenção do Nordeste e outras artes”, pelo qual o Sul seria eleito naturalmente o fundamento da nação e explica que tal situação se deve ao fato de que, tanto o Sul quanto o Norte, de formas diferentes, afirmavam o Norte enquanto espaço associado ao rural. O primeiro claramente, de forma pejorativa, como o lugar de representação do atraso, da violência, do barbarismo e da miséria, e o segundo como o lugar da brasilidade mais pura, distante das influências estrangeiras, lugar do homem forte do sertão, mas também como lugar onde, de fato, a seca era um dos mais fortes elementos de constituição da região, alarmando a necessidade de grandes investimentos para a superação da pobreza e do abandono.

³⁶ Pedro, 49 anos, migrante do Senhor do Bonfim/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

³⁷ Sérgio, 46 anos, migrante de Salvador/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

Deste modo, Carla comenta sobre o termo 'baiano' empregado aos nordestino como um sujeito inferior: *O nordestino aqui é 'baiano'. É 'baiano' pois trabalha lento, é 'baiano' quando faz algo errado. Não importa o estado do Nordeste, tudo que vem a ser um problema é 'coisa' de 'baiano'*.³⁸

Segundo Marinelli (2007) em sua obra 'A saga do migrante nordestino em São Paulo', as imagens atribuídas às pessoas tornam-se estereótipos. O autor deixa evidente que no caso do migrante nordestino, ser chamado de 'baiano', o qual não é, causa um sentimento depreceativo e de inferioridade e, com isto, os diferencia dos outros de sua classe.

Marcelo é alagoano e comenta que o termo 'baiano' foi utilizado várias vezes, mesmo sendo de outro estado nordestino: *Chamam todo nordestino de 'baiano'. Eu sou de Alagoas, porém sou visto como 'baiano'. Migrante, com sotaque nordestino e a cor negra são características utilizadas para chamarem a gente de 'baiano'*.³⁹

Nota-se que são utilizados estereótipos de inferioridade com o migrante nordestino. Ainda nesta abordagem Marinelli (2007) menciona que criam-se rótulo, geralmente degradante, para indivíduos e grupos, sem que tenham informações a respeito deles.

Vale destacar que o preconceito vem antes mesmo de qualquer estigma. O nordestino, neste caso negro, ainda é visto como um obstáculo nas interações sociais. Os autores Batista; Leite; Torres e Camino (2017), em uma pesquisa realizada em 2014 sobre os estereótipos raciais e regionais entre negros e nordestinos, apontam que o processo de categorização utilizado para a atribuição do grupo dos negros mantém-se sujeito a critérios essencialistas que consideram imutáveis determinadas características desse grupo. Os autores indicam que, mesmo que procurem melhores condições sociais para os negros, o processo de construção dos estereótipos decorrente da naturalização desse grupo ainda permanece como obstáculo na luta pela redução da discriminação.

No entanto, são histórias de discriminação das mais variadas formas, como no trabalho, nas ruas, redes sociais, entre outros. A participante Carla, que é natural da Bahia, comentou ao grupo que atualmente sua relação é muito afetiva com as pessoas no trabalho e nas ruas. Sobretudo, comenta sobre um triste episódio que aconteceu há 15 anos quando chegou em Brusque: *Foi bem difícil o processo de fixação aqui na*

³⁸ Carla, 36 anos, migrante de Itabuna/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

³⁹ Marcelo, 38 anos, migrante de Maceió/AL. Brusque, 21 nov. 2017.

*cidade. No primeiro emprego eu era auxiliar de limpeza em uma padaria. As colegas do trabalho faziam comentários que eu era uma 'tartaruga'. Os olhares já soavam estranho, até por que sou negra. Até esgoto fizeram eu limpar no trabalho.*⁴⁰

É notório na descrição de Carla o preconceito e discriminação que sofreu ao chegar em Brusque. Por meio da história de Carla os demais membros do grupo mencionaram que o processo de fixação para o migrante nordestino em Brusque não é o do melhor. Neste sentido, o geógrafo Milton Santos (1987, p. 82) ensina que:

Pensamos, antes de tudo, que o espaço não é uma estrutura de aceitação, de enquadramento ou coisa que o valha, mas uma estrutura social como as outras. Consideramos também que o valor do homem, assim como o do capital em todas as suas formas, depende de sua localização no espaço[...] Indivíduos que disponham de uma soma de capital, formação cultural e capacidade física equivalente, ocupados num mesmo tipo de atividade [...] são, sem embargo, dotados de possibilidades efetivas sensivelmente desiguais conforme os diferentes pontos do espaço em que se localizem.

O autor deixa claro que o processo de fixação em determinado espaço depende de sua localização. No que diz respeito aos migrantes soma-se os aspectos culturais e econômicos que em determinadas ocasiões são particulares de cada espaço. No depoimento de Carla, no processo de fixação do seu primeiro emprego, envolveu situações que o fato de ser migrante, nordestino e até mesmo negra, teve um tratamento diferenciado nas suas funções no trabalho.

É válido ressaltar, segundo Novaes (2006), que gênero e raça são fatores que interferem no problema, pois as moças pobres podem até se favorecer do crescimento do emprego doméstico, mas ganham menos que os rapazes quando estão ocupando os mesmos postos de trabalho. A autora ainda enfatiza a 'boa' aparência exigida para os empregos, pelo qual exclui os jovens e as jovens considerados pobres e, ainda, quando essa exigência exclui, particularmente, as moças e rapazes negros. No entanto, empregos não podem mais exigir boa aparência para o processo de recrutamento, embora subjetivamente isso possa ocorrer, não pode estar nos anúncios de empregos.

Depois das discussões sobre o preconceito, o grupo focal entra em uma discussão comparativa do modo de vida da cidade natal e a cidade que desejam se estabelecer, após migrar – Brusque. Na conversa foram debatidos assuntos sobre o lazer, amigos e estudo. Os participantes apontaram que moram em lugares periféricos

⁴⁰ Carla, 36 anos, migrante de Itabuna/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

da cidade, porém são localidades com a presença de migrantes de vários estados do Brasil, bem como, também, sujeitos nascidos e criados em Brusque.

Neste momento, Pedro relata sua experiência nas horas vagas em sua casa: *Eu gosto de estar com a família e amigos. Gosto de fazer um “churrasco” com meus colegas. E é povo de tudo quanto é lugar. São amigos brusquenses, paulistas, nordestinos e gaúchos.*⁴¹

Os demais membros do grupo comentam que atualmente possuem amizades de vários estados do Brasil. Mencionam, é claro, que com seus conterrâneos é muito mais fácil os laços de amizade. Porém, não descartam os ‘novos’ amigos brusquenses que moram em localidades próximas as suas residências. Alguns comentam que costumam ir à igreja, outros já aproveitam a folga para descansar e, até mesmo, uma praia nos finais de semana nas cidades vizinhas. Sérgio, Carla e Rose possuem a religião evangélica e frequentam a igreja constantemente, bem como afirmam que muitos dos seus círculos de amigos têm envolvimento com a participação na igreja.

Em sequência, a migrante Rose, que chegou neste ano em Brusque, compara a nova vida aqui na cidade com sua terra natal, em Ilhéus, na Bahia: *Aqui foi muito fácil conseguir emprego. Eu cheguei em Brusque e na mesma semana consegui um trabalho como auxiliar de limpeza. Em Ilhéus era difícil conseguir emprego, e quando conseguia, era um salário muito baixo. E também o estudo aqui é mais fácil, tanto para mim quanto para meus filhos. Foi muito bom voltar a estudar.*⁴²

O Ensino de Jovens de Adultos possibilitou os participantes do grupo uma nova oportunidade e, também, uma maneira de socializar suas experiências e histórias com os demais alunos de todas as regiões do Brasil, principalmente os brusquenses.

A partir das histórias dos participantes, relacionado ao fato de voltar a estudar, observou-se que muitos não tiveram a oportunidade quando jovens e crianças. *Minha vida foi sempre trabalhar. Meu pai falava que o estudo não garantia a vida pra ninguém. Então só trabalhei desde pequeno. Desde que fui para São Paulo, aos 16 anos, minha vida só foi trabalhar.*⁴³

Pedro compartilhou aos demais colegas que sua família não priorizava os estudos quando era criança. Neste momento, Rose concorda com o depoimento de Pedro e afirma que passou pela mesma situação, porém com uma dificuldade ainda maior: *Passamos por várias dificuldades em que o estudo não era a prioridade, e sim*

⁴¹ Pedro, 49 anos, migrante do Senhor do Bonfim/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

⁴² Rose, 34 anos, migrante de Ilhéus/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

⁴³ Pedro, 49 anos, migrante do Senhor do Bonfim/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

*a sobrevivência. Até fui para a escola nos primeiros anos da infância, e depois tive que parar para ajudar em casa. E, também, devido as situações precárias que vivíamos, minha mãe biológica me deu para uma outra família que também não conseguiu me oportunizar o estudo.*⁴⁴

Os membros do grupo comentaram que por muitos anos a vida sempre foi trabalhar, e que quando crianças e até mesmo adolescentes o estudo não era a prioridade da família. Contudo, todos afirmaram que voltar a sala de aula é retomar o tempo perdido e garantir, em muitos casos, um emprego no mercado de trabalho altamente competitivo na atualidade. Todavia, a proposta curricular elaborada pelo Ministério da Educação, com base no Ensino de Jovens e Adultos, deixa claro que os jovens e adultos procuram programas de elevação de escolaridade, em sua maioria, objetivando melhorar suas chances de inserção no mercado de trabalho. De certo modo, atualmente é comum muitas instituições exigirem o certificado do ensino fundamental e/ou ensino médio para determinadas funções. Sendo assim, em muitos casos, devido a falta da certificação, muitos sujeitos não são submetidos a concursos ou processos seletivos (BRASIL, 2002).

Um fato que marcou a discussão sobre voltar à escola foi o depoimento de Pedro, que procurou o CEJA para se qualificar e conseguir tirar a carteira de motorista: *Fui três anos para a escola na época e aprendi muito pouco sobre ler e a escrever. Há alguns anos fui tentar tirar a carteira de motorista e não fui aprovado. Não conseguia passar na prova teórica. Percebi, então, que necessitava do estudo para conseguir tirar a 'carta'. Sempre dirigi sem a carteira de motorista. Agora, com o estudo, vou conseguir passar na prova e concretizar esse objetivo.*⁴⁵

Outro relato compartilhado foi o de Marcelo, que viu a necessidade de estudar para ajudar sua filha nas tarefas escolares: *Lá em Maceió minha escola era no interior e só ia até a 3ª série. Depois disso parei e fiquei um bom tempo sem retomar. Aí chegou minha filha, que me pede para ajudar nas tarefas da escola que, em muitos casos, não consigo ajudar. Quando vim à Brusque o estudo foi fácil. O CEJA é perto do terminal rodoviário e consigo me deslocar facilmente até aqui.*⁴⁶

Marcelo, assim como os demais, relataram que a localização do CEJA é muito boa e facilita para muitos que necessitam do transporte público. O CEJA está

⁴⁴ Rose, 34 anos, migrante de Ilhéus/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

⁴⁵ Pedro, 49 anos, migrante do Senhor do Bonfim/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

⁴⁶ Marcelo, 38 anos, migrante de Maceió/AL. Brusque, 21 nov. 2017.

localizado no centro de Brusque e próximo ao terminal rodoviário. Devido aos horários de circulação dos ônibus muitos conseguem conciliar o trabalho com os estudos.

O voltar à escola tem possibilitado novas oportunidades aos membros do grupo. O conhecimento adquirido ajuda e está ajudando a mobilidade no mercado de trabalho com o intuito de melhores remunerações.

O quadro abaixo aponta um comparativo do grau de escolaridade dos migrantes do grupo. As informações apontam sobre o período em que viviam em sua cidade de origem e agora na sua cidade de destino.

Quadro 3 – Grau de escolaridade dos nordestinos do grupo focal (origem-destino)

Nome	Idade	Ano de chegada	Escolaridade no local de origem	Escolaridade no local de destino
Rose	34	2017	Ens. Fun Incompleto	Ens. Fun Incompleto
Carla	36	2002	Ens. Fun Incompleto	Ens. Fun Incompleto
Pedro	49	2013	Ens. Fun. Incompleto	Ensino Fund. Completo
Marcelo	38	2002	Alfabetizado	Ens. Fun. Incompleto
Sérgio	46	2005	Alfabetizado	Ens. Fun. Incompleto

Fonte: Elaboração do autor (2018).

A partir dos dados representados na tabela percebe-se que Marcelo e Sérgio já conseguiram elevar o grau de escolaridade. Sobretudo, vale ressaltar que os demais estão terminando o Ensino Fundamental (anos finais), porém, chegaram em Brusque apenas com o anos iniciais completos. Diante disto, é perceptível que a escola é um espaço que permite a melhor inserção como cidadãos críticos no meio social. Carla comenta que no próximo ano já pretende iniciar o Ensino Médio e com isso buscar uma melhor adequação no mercado de trabalho: *Já com o Ensino Médio consigo trabalhar em caixas de supermercado, por exemplo, pelo qual o salário é melhor. Tenho conhecidas que começaram como auxiliar de limpeza e hoje já trabalham em empregos com melhores salários devido aos estudos*⁴⁷.

Todos os membros do grupo deixaram evidente que a busca pelo conhecimento irão permitir novas oportunidades no mercado de trabalho. Os participantes enfatizaram que não pretendem parar de estudar e, ainda, ir à luta por trabalhos melhores remunerados. O grupo concordou com o depoimento de Carla e enfatizou

⁴⁷Carla, 36 anos, migrante de Itabuna/BA. Brusque, 21 nov 2017.

que seus filhos já estão na escola e possuem todo o apoio para uma qualificação profissional.

Sobretudo, com o intuito de complementar a pesquisa, bem como uma abordagem sobre os estranhamentos entre ‘bairianos’ e brusquense, foi realizado um segundo grupo focal. Neste sentido, a noite do dia 28 de novembro de 2017 foi marcada por um novo rumo nas discussões acerca dos movimentos migratórios em Brusque. Foram convidados a participar do segundo grupo focal alguns alunos do CEJA que são naturalizados brusquenses. Deste modo, participaram do grupo duas mulheres e três homens, entre eles, dois jovens rapazes de 17 anos.

A estratégia metodológica também foi iniciada com a leitura da carta de “Aviso aos bairianos”, devido a repercussão que teve no Município no ano de 2013. Vale lembrar que a carta foi escrita por um morador brusquense que informou estar incomodado com o comportamento de migrantes bairianos.

Contudo, após a leitura iniciou-se as discussões acerca do tema. O brusquense João, de 74 anos, que possui descendência alemã e atualmente está cursando o Ensino Fundamental (anos finais) deixa claro a indignação do conteúdo da carta: *Eles comentam na carta o que ainda falam por aí. Que os bairianos vieram tirar o emprego dos brusquenses. Mas é totalmente ao contrário, pois teve até empresas que foram buscar mão-de-obra na Bahia para trabalhar por aqui. Os migrantes vieram para cá pois tinha trabalho em Brusque. E, também, a gente percebe que existe um preconceito com o “bairiano”.*⁴⁸

O relato de João mostra que muitos migrantes são motivados pelas oportunidades de trabalho que Brusque oferece. No entanto, a indignação da carta parece que vai muito além, como a questão do preconceito.

Quanto às oportunidades de emprego que Brusque oferece, Singer (1975) justifica que a força de trabalho é um fator de atração que orientam os fluxos migratórios. O autor enfatiza que a procura de força de trabalho é uma função do tamanho e da composição do produto gerado pela economia urbana.

Quanto à convivência com os migrantes, todos os participantes do grupo comentaram que, além da escola, é comum a presença de migrantes no trabalho, nas áreas de lazer e até mesmo na própria família. José, nascido em Brusque, comenta que convive diariamente com migrantes: *Além da escola percebo migrantes também*

⁴⁸ João, 74 anos, nascido e criado em Brusque/SC. Brusque, 28 nov. 2017.

*no meu trabalho. Trabalho em uma pizzaria em que alguns garçons são migrantes baianos, gaúchos, paraenses e paranaenses.*⁴⁹

Já o brusquense Djonata, de 17 anos, aponta que a relação com os migrantes é mais além do que um convívio no trabalho: *O meu cunhado é paraense. Minha irmã conheceu ele aqui em Brusque e já estão há mais de dois anos juntos. A relação dele com os membros da minha família é muito boa. Ele comentou que no começo o cunhado tinha receio devido a comentários que dirigiam aos nordestinos. Mas, logo se adaptou e vive muito bem.*⁵⁰

Os comentários dos jovens brusquenses, José e Djonatan, revelaram que possuem convívio com migrantes de diferentes regiões do Brasil. O último Censo, realizado em Brusque pelo IBGE no ano de 2010, divulgou a presença de 2.749 nordestinos e 398 nortistas, e este último com destaque ao estado do Pará. Além dos próprios ‘baianos’, os discursos na mídia apontaram a chegada de migrantes paraenses no município. O Jornal no Município, de Brusque, em uma matéria intitulada “Migração Paraense” na edição do dia 9 de janeiro de 2015, mostrou o dia a dia de migrantes paraenses no bairro Águas Claras (bairro próximo ao centro). A reportagem, que foi escrita pela jornalista Juliana Eichwald, aborda que atualmente o bairro possui um grande índice de migrantes do Pará e que aos poucos chegam ônibus fretados por migrantes. A reportagem do Jornal Município captou imagens da chegada de dois ônibus no dia 6 de janeiro de 2015, ambos com placas do município Peixe Boi, no Pará. A matéria também abordou o chamado “efeito cascata” lembrado pela brusquense Eliza no grupo focal: *A gente vê bastante migrantes na cidade. É povo de todas as regiões do Brasil. É bem comum o “efeito cascata” pelos nordestinos. Muitos acabam vindo e conseguem se estabelecer apropriadamente e, assim, acabando informando amigos e familiares que em seguida migram para cá também. É um “efeito cascata”.*⁵¹

Diante disto, os brusquenses percebem a migração, ocorrendo em rede, o que chamam de efeito cascata, ou seja, observam no cotidiano que os migrantes chegam e têm contatos na cidade, seja de amigos ou parentes. Assim, o efeito cascata observado, seria a evidência da importância das redes sociais nos fluxos de longa distância. São as redes sociais atuando e construindo conexões entre a cidade de destino, Brusque, e as regiões de origem.

⁴⁹ José, 17 anos, nascido e criado em Brusque/SC. Brusque, 28 nov. 2017.

⁵⁰ Djonata, 17 anos, nascido e criado em Brusque/SC. Brusque, 28 nov. 2017.

⁵¹ Eliza, 59 anos, nascida e criada em Brusque/SC. Brusque, 28 nov. 2017.

A mera observação da presença migrante na cidade de Brusque foi debatido por todos os integrantes do grupo focal. No entanto, os estigmas direcionados aos migrantes nordestinos foram alvo de discussões entre os participantes brusquenses. João, nascido e criado em Brusque, comentou que a princípio o preconceito era mais presente no trabalho, porém, atualmente é visível em todos os segmentos da cidade: *Ouçõ muitos comentários preconceituosos. Até donos de empresas argumentam que não gostam de contratar 'bairanos', neste caso, os próprios nordestinos. Comentam que são devagar no trabalho e faltam às vezes. Hoje, esse preconceito com o migrante 'bairano' é visível nas lanchonetes, nas redes sociais, no supermercado, entre outros lugares de circulação de pessoas.*⁵²

Os comentários citados pelo relato de João ainda são presentes no cotidiano do município de Brusque. No entanto, o migrante com diferente cultura, costume e, principalmente, com a etnia negra, é alvo de discursos preconceituosos. Diante disto, a brusquense Mikaela, de 39 anos, compartilhou um triste episódio preconceituoso que aconteceu na escola com sua filha que, neste caso, não é migrante: *O que vem em primeira instância é que se a pessoa é negra já sofre uma rejeição por parte de algumas pessoas. Minha filha é brusquense, porém, é negra. Ela tem 15 anos e já sofreu bullying na escola. Hoje, por ser adolescente, ela já nem comenta muito. Mas, quando criança sofria comentários na escola.*⁵³

O preconceito em relação aos nordestinos cruza raça, origem regional e classe. Contudo, o preconceito em relação a cor não é exclusivo com os nordestinos, embora sintam com mais frequência. Percebe-se, também, que os brusquenses que são negros sofrem discriminação e preconceito semelhantes.

O racismo apontado no relato de Mikaela é visto diariamente na sociedade. Seyferth (1995), por meio de seus estudos, ensina que no Brasil termos categóricos como negro, preto, crioulo, mulato, baiano e outros referidos à cor da pele têm, em diversas situações sociais, caráter depreciativo e discriminatório. Ainda segundo a autora, existem hierarquias de classificação social com base na ideia de raça, utilizados como desqualificadores de indivíduos e grupos. São critérios estes, por exemplo, que vão da cor da pele até o tipo de cabelo do sujeito.

O termo 'bairano' apontado pela autora acima como uma categoria de inferioridade é um estigma que acompanha os migrantes nordestinos,

⁵² João, 74 anos, nascido e criado em Brusque/SC. Brusque, 28 nov. 2017.

⁵³ Mikaela, 39 anos, nascida e criada em Brusque/SC. Brusque, 28 nov. 2017.

independentemente de qual é o estado do Nordeste que nasceu. A brusquense Eliza compartilha aos demais participantes que o termo ‘baiano’ é comum em vários discursos: *Existem comentários que o ‘baiano’ é preguiçoso e malandro. Comentam, também, que o ‘baiano’ veio tirar o emprego do brusquense. Mas, se o brusquense não trabalha no pesado, quem vai trabalhar? Neste caso, a mão de obra ‘baiana’ supre essa demanda.*⁵⁴

Seyferth (1995) comenta sobre o termo ‘baiano’ que é atribuído aos migrantes nordestinos, pelo qual refere-se a uma categoria particularizada que remete diretamente à questão racial. O ‘baiano’ é construído sistematicamente como uma categoria racial e inferior, sinônimo de negro e, também, de africano. Neste caso, a cor da pele é, sem dúvida, o principal critério de classificação.

Neste momento, o grupo focal finaliza com a discussão sobre a cultura alemã presente em Brusque. Até os dias atuais, a cultura de grupos migrantes recentes são percebidas como algo ‘estranho’. E ainda, quando o sujeito é negro, fica mais evidente tal estranhamento. Neste sentido, Pedro expressa sua análise sobre a diferença cultural entre ‘bairanos’ e brusquenses: *O ‘baiano’ é calmo, educado e muito fácil de fazer amizade. A gente percebe que o ‘baiano’ se diverte bastante. Já o brusquense tem uma interferência da cultura alemã que já desconsidera o negro.*⁵⁵

Segundo Seyferth (1981) em sua obra, “Nacionalismo e Identidade Étnica”, o município de Brusque se constituiu a critérios apropriados da cultura alemã. Sendo assim, soma-se um componente étnico que ainda hoje existem distinções. Contudo, Maffezoli (2015), nos estudos sobre a formação cultural da sociedade brusquense, ensina que o grupo étnico formado por germânicos se manteve homogêneo por muito tempo, mesmo relacionando com diferentes etnias.

Deste modo, perante a história da colonização brusquense, bem como o fluxo das migrações internas para a cidade, contribuem para o entendimento da Brusque contemporânea e suas distintas identidades culturais.

4.5 IMIGRANTES CONTEMPORÂNEOS EM BRUSQUE: UMA NOVA FACE DA IMIGRAÇÃO

O processo migratório interno conhecido pelo Brasil desde a década 1960, período em que a população urbana superou a rural, permite analisar a história de

⁵⁴ Eliza, 59 anos, nascida e criada em Brusque/SC. Brusque, 28 nov. 2017.

⁵⁵ Pedro, 49 anos, migrante do Senhor do Bonfim/BA. Brusque, 28 nov. 2017.

Brusque e compreender a dinâmica de sua imigração contemporânea. O cenário descrito avaliza as constatações de Brito (2009) quando afirma que a migração interna no período compreendido entre 1950 a 1980 contribuiu para a consolidar a cidades, bem como um aumento nos fluxos migratórios do país. Os fatores analisados pelo autor, como a ampliação da comunicação e transportes, fez que com muitas cidades começassem a ser destino para oportunidades de vida para muitas pessoas.

Nesta conjuntura, o município de Brusque, hoje considerada uma cidade de porte médio, atraiu migrantes tanto do próprio estado, bem como de várias regiões do Brasil, notadamente da Região Sul (Paraná, Rio Grande do Sul), São Paulo e mais recentemente os nordestinos, cuja a visibilidade como demonstrado ao longo deste trabalho está muito relacionado aos estigmas e preconceitos em relação ao outro.

Por meio dos dados obtidos no decorrer da pesquisa, percebe-se que a quantidade de nordestinos na cidade são poucos expressivos comparados com o estados vizinhos (Rio Grande do Sul e Paraná). Sobretudo, a chegada destes novos imigrantes com marcadores sociais de raça/classe, bem como negros, pardos, mais pobres e menos escolarizados são tratados com preconceito e discriminação. A Brusque atual ao ver os nordestinos chegarem de ônibus e se concentrarem em certas regiões da cidade, os torna mais visíveis em uma cidade que ao construir-se como branca e europeia se sente de certo modo “invadida”. Ressentimento de insegurança de perda de predomínio do lugar, gerando discursos compensatórios (preconceitos).

A Brusque contemporânea permite entender, através do dados obtidos pelo IBGE, que o aumento de imigrantes neste século foi motivado pelo desenvolvimento econômico na cidade. Em 2015 os dados do IBGE apontam que Brusque é a décima economia de Santa Catarina, com destaque para a indústria e serviços.

Ao analisar este aumento no fluxo migratório de Brusque desde a década de 1990 se assemelham as pesquisas de Brito (2009) e Baeninger (2010). Estas apontam as diferenças marcantes nos ritmos de crescimento das cidades médias (neste caso, os municípios com 50 a 100 mil habitantes).

Deste modo, remete o Município de Brusque no desenvolvimento de políticas públicas para este ‘novo’ migrante. Este cenário se assemelha com os estudos de Singer (2002) ao explicitar que a medida que a aumenta a densidade de ocupação humana e econômica do espaço urbano, as autoridades públicas locais são solicitadas investir somas crescentes na ampliação dos serviços urbanos.

Entender o Município de Brusque no cenário atual das migrações internas remete a um entendimento de 'frutos' que atualmente estão sendo 'colhidos' por migrantes que há anos vieram à Brusque em busca de oportunidades. Neste sentido, a migrante baiana, Michele Caroline Cardoso Pedreira, aponta que houveram mudanças na sua vida social e profissional desde sua chegada em Brusque há aproximadamente doze anos: *Muita coisa mudou na minha vida desde o dia que cheguei em Brusque/SC. Na minha cidade anterior, em Buararema/BA, não tinham muitas oportunidades de emprego e de qualificação profissional. E isso foram um dos fatores que decidi migrar.*⁵⁶

A realidade vivida por Michele mostra que em doze anos sua vida avançou em termos profissionais. Em seu relato aponta que sua cidade anterior não oportunizava fatores para crescimento profissional e, com isto, foi motivada pelas condições favoráveis oferecidas por Brusque. *Em Buararema/BA trabalhava como auxiliar de sala de aula em uma escola. Lá eu conseguir terminar o Ensino Médio, porém foi Brusque que oportunizou eu iniciar o Ensino Superior e conseguir um emprego melhor remunerado.*

Deste modo, no contexto dos movimentos migratórios, o depoimento da migrante evidencia a similitude aos estudos de Turnes (2008); Santos (2004) e Singer (1973) em que os fluxos migratórios estão ligados à organização da economia do lugar que, por sua vez, são atraídos por áreas dinâmicas e com mudanças nos seus padrões de vida.

A esse respeito, Michele evidencia as oportunidades de emprego que Brusque ofereceu quando migrou e, também, o fato de ter influenciado outros membros da família à migrar: *Meu primo veio antes e comentou sobre a abundância de emprego em diversas áreas na cidade de Brusque. E deu muito certo, pois em doze anos na cidade já estou na minha segunda faculdade e trabalho como educadora social em uma escola. Em em 2012 quando eu e meu marido chegamos conseguimos emprego logo no início. Depois, veu meu cunhado, primos e amigos.*⁵⁷

Corroborando com o relato de Michele, pesquisas apontam o forte dinamismo econômico de Brusque na primeira década do século XX em diversos setores de produção. Este cenário é descrito por Julgerfeld (2012) que explicita o crescimento no

⁵⁶ Michele Caroline Cardoso Pedreira, educadora social e migrante de Buararema/BA. Brusque, 12 fev. 2018.

⁵⁷ Michele Caroline Cardoso Pedreira, educadora social e migrante de Buararema/BA. Brusque, 12 fev. 2018.

número de pequenas e médias empresas em Brusque e Blumenau na primeira década do século XX. Assim, gerando empregos em diversas áreas e aumentando as oportunidades de emprego.

Ainda nesta perspectiva, as afirmações da entrevistada revela a influência da família no projeto migratório. Deste modo, a comunicação entre os familiares sobre a situação que se encontra no local de destino, muitas vezes, deposita uma confiança ao sujeito no ato de migrar. Contudo, deixa evidente os estudos de Assis (2003) e Durham (1973) em que o papel da família e de sua articulação em redes sociais é fundamental no projeto da migração, pois remete uma segurança ao migrante quando as condições do local de destino são favoráveis. Ou seja, se as desigualdades regionais e os diferenciais de renda explicam porque os migrantes partem, as teorias de redes sociais ajudam a compreender as conexões que se construíram entre as cidades do sul da Bahia e a cidade de Brusque. Desta forma, evidenciando a importância das redes sociais no processo migratório.

Brusque face à imigração e, principalmente, aos ‘novos’ imigrantes, permite compreender essa nova formação e heterogeneidade de culturas existentes em seu cotidiano. Tanto os relatos dos migrantes entrevistados do grupo focal e, também, da educadora social Michele, revelam que a cidade está crescendo e se desenvolvendo pela mão de obra migrante. Uma mão de obra que precisa se manter, se expandir e que, principalmente, a base econômica necessita.

O desafio que a presente dissertação coloca é a necessidade de diálogo intercultural que possibilite aos estabelecidos, descendentes de imigrantes que chegaram no século XIX, ou na segunda metade do século XX, estejam dispostos ao diálogo intercultural com os migrantes vindos de outras regiões do país, principalmente do Norte e Nordeste. Posto isto, a ponto de desconstruir estereótipos e preconceitos a fim de contribuir para que Brusque se torne uma cidade mais multiétnica e menos preconceituosa em relação ao “outro”, principalmente quando este for “não branco”. Sendo assim, as escolas podem ser importantes lugares para discutir práticas de acolhimento e diálogo e, por isso, a importância desta pesquisa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar as motivações e características do movimento migratório nordestino em Brusque/SC no início do século XXI. Assim, buscou compreender as modificações que vêm ocorrendo no perfil sociodemográfico do Município por meio das relações sociais existentes entre nordestinos e brusquenses.

A pesquisa foi inspirada pela vivência no município de Brusque por meio de estranhamentos dirigidos aos ‘novos’ migrantes no cotidiano e, também, pela minha atuação profissional como professor de geografia da rede pública de ensino de Brusque na categoria de Ensino de Jovens e Adultos.

Compreender que o Município de Brusque nas últimas décadas têm presenciado novos hábitos e novas culturas em seu cotidiano, requer um olhar específico para os movimentos migratórios. A cidade, que se construiu historicamente como uma cultura europeia, começou a perceber uma cultura distinta em seu território. Contudo, Brusque teve um grande crescimento populacional nas últimas décadas e, por conta disso, passou e ainda passa por modificações no seu perfil sociodemográfico, por meio de marcadores sociais de classe, raça e origem regional. Os migrantes nordestinos, chamados de maneira discriminatória de ‘bairianos’, trazem consigo uma identidade que, através de relações com moradores locais, são sujeitos a estigmas e estranhamentos pejorativos ao seu modo de vida.

Brusque é uma cidade de migrações. Teve a presença das imigrações internacionais pelos primeiros colonizadores, de migrantes regionais do século XX e, também, os ‘novos’ migrantes do início do século XXI. Tais deslocamentos populacionais realçaram o estudos sobre migrações por Paul Singer e Everett Lee. Os autores, explicitaram as teorias e apontaram nos seus estudos as caracterizações dos movimentos migratórios, bem como a compreensão das migrações nas transformações nas estruturas sociais e econômicas. As teorias, entre outros aspectos, apontaram que os critérios para escolha do destino do migrante depende de razões como características econômicas, políticas, sociais e físicas do território.

Embora os condicionantes estruturais estabeleçam as condições para migrar, as redes sociais, por meio dos estudos de Gláucia de Oliveira Assis e Eunice Durham, são importantes para atenuar os riscos da migração de longa distância. Sobretudo, são essas redes que ajudam a compreender como um município baiano, Buararema,

construiu uma conexão com Brusque, criando uma rede migratória que produz um ir e vir entre as duas cidades.

No Brasil, os movimentos migratórios internos no século XX descrevem a realidade atual de Brusque, no que diz respeito à urbanização e o desenvolvimento local. Desde a década de 1950 o Brasil passa por modificações no seu processo de urbanização. No entanto, o êxodo rural passou por um período crescente na história, pelo qual grandes metrópoles acabaram sendo destino de milhares de pessoas por busca de novas oportunidades. Na história das migrações internas no Brasil, a região Nordeste entra em evidência quando trata-se de uma região com alto índice de emigração, perdendo habitantes para grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Atualmente, ainda segue como uma região com perdas migratórias, com destaque para o estado da Bahia.

Sobretudo, o estado de Santa Catarina tem vivenciado um crescimento populacional em decorrência de fluxos migratório. O Vale do Itajaí possui um parque industrial altamente diversificado, que foi fruto de uma colonização alemã com experiência em pequenas produções mercantis. Deste modo, ao longo dos anos, mais precisamente no final do século XX, o estado é marcado pela diminuição de populações dos municípios da parte oeste e o aumento nas cidades próximas ao Oceano Atlântico. Todavia, há um aumento demográfico nos municípios litorâneos oriundos de movimentos migratórios tanto de outras regiões do estado como também de outros estados do Brasil. Constata-se, então, um fenômeno conhecido como “litoralização”, pelo qual migrantes se direcionam para estes municípios devido seu amplo parque industrial e com índices elevados nos indicadores sociais e econômicos.

O cenário migratório descrito no Brasil e em Santa Catarina justifica um aumento populacional no município de Brusque, que está situado na região do Vale do Itajaí. Brusque, nos últimos anos, tem apresentado um parque fabril diversificado ofertando empregos em diversas áreas. Em decorrência disto, eis que surge um ‘novo’ movimento migratório formado, agora, por nordestinos. O Nordeste, uma região tradicionalmente conhecida com perdas migratórias, têm passado por diversas situações que levam o ato migratório, tais como: as variações climáticas provocando a seca, falta de investimentos e crises econômicas como, por exemplo, a crise do cacau. A pesquisa utilizou entrevistas para compreender o fenômeno migratório nordestino em Brusque e, através dos comentários, percebeu-se a influência da crise

do cacau que comprometeu a renda de muitas famílias onde resultou o projeto migratório.

Os movimentos migratórios nordestinos presenciados por Brusque no início deste século repercutiram na imprensa local e, também, na mídia de cidades nordestinas que presenciou a perda de população. Em Brusque, a mídia abordou aspectos sobre a procedência dos migrantes nordestinos e, também, sobre os discursos preconceituosos direcionados a este 'novo' migrante. Neste sentido, várias situações foram polemizadas na cidade, tanto sobre os estranhamentos por parte da sociedade local, como também sobre a urgência de políticas públicas para atender os migrantes. As audiências públicas realizadas na cidade, pelo qual participei com meus alunos do Ensino de Jovens e Adultos, possibilitaram um melhor entendimento sobre o fenômeno migratório em Brusque. A presença da sociedade civil, empresários e membros políticos foram importantes para a discussão sobre a repercussão da migração nordestina na cidade, que julga 'estranha', porém é necessária para o desenvolvimento econômico da cidade.

A fim de compreender estes estranhamentos e também a vida dos migrantes nordestinos em Brusque, os dois grupos focais realizados com alunos do EJA possibilitaram um maior entendimento sobre as características, motivações e a histórias da referida migração.

O primeiro grupo focal, realizado por migrantes nordestinos, permitiu analisar suas histórias, procedência e o projeto migratório. Os entrevistados, compostos por homens e mulheres, explanaram suas vivências em Brusque e em sua cidade de origem. Os comentários permitiram compreender os motivos que levaram o ato migratório e perceber as razões que motivaram migrar à Brusque. Por meio das histórias, constatou-se que a migração veio acompanhado por uma rede de amigos e familiares, em que a comunicação possibilitou a maior segurança para concretizar o projeto migratório. Também, ao debatar sobre os estigmas dirigidos aos nordestinos, discutiu-se, no primeiro momento, sobre a carta 'Aviso ao Baianos' que polemizou na cidade em 2013 e 2014 com ameaças aos 'baianos'. São histórias que deixam evidente a busca por oportunidades e melhores condições de vida em um território que muitas vezes vê esta determinada migração como algo pejorativo. Assim, enfatizou-se a questão do estereótipo, neste caso, o negro nordestino. Ainda, infelizmente, os fatos relatados mostraram que o preconceito existe e perdura no território, julgando a cor, os hábitos e o modo de vida.

As entrevistas do segundo grupo focal com os estudantes do EJA nascidos e criados em Brusque também iniciou com a carta intitulada “Aviso aos Baianos”. Entre outros assuntos, percebeu-se a presença do migrante nordestino no cotidiano dos entrevistados, inclusive no próprio anseio familiar. Por meio das pesquisas realizadas no Centro Educacional de Jovens e Adultos, a inserção do migrante continua crescendo em seus respectivos espaços. A escola, como ambiente de aprendizado e socialização, busca trabalhar com as identidades a fim de compreender que a migração envolve sentido, direções, causas, cujo objetivo remete a uma qualidade de vida. No CEJA, o número de migrantes de todas as regiões têm aumentado em seu corredores escolares e, com isto, o conhecimento sobre culturas e hábitos acabam se tornando cada vez mais frequentes.

Convencionalmente, os estudos sobre as identidades apontados por Giralda Seyferth mostraram que ainda soma-se um componente étnico com diferenças na cidade de Brusque. No entanto, percebe-se que há tentativa de homogeneizar uma cultura germânica ao longo do tempo que, por sua vez, se depara com os diversos grupos de imigrantes que chegam a região. Porém, com a chegada dos nordestinos esse choque cultural parece se acentuar, pois coloca em questão a branquitude construída na cidade.

A Brusque contemporânea face à imigração discute que a cidade está crescendo economicamente, pelo qual aumenta a demanda de empregos. Sendo assim, tal aumento resulta em fluxos migratórios de regiões de todo o Brasil. Por meio das entrevistas e discussões, a busca por uma qualificação profissional, através dos estudos, veio à tona quando fala-se em projeto migratório. Os alunos migrantes têm o objetivo de terminar os estudos e, até mesmo como no caso da educadora social, conseguir ter uma qualificação e o sonho do curso superior.

A literatura abordou as situações do Nordeste quanto suas condições de vida e, a partir dos dados empíricos da pesquisa, viu-se a situação pelo qual passa muitos habitantes que vivenciam de perto o problema da falta de emprego. O dilema da crise do cacau, por exemplo, possibilita novas pesquisas, visto que migrantes em Brusque fugiram de suas cidades da Bahia por problemas naturais, sociais e econômicos.

O sonho da migração existe e perdura no dia a dia de qualquer nordestino e até mesmo outro brasileiro. A migração transforma, tanto a economia quanto o conhecimento pela sociedade.

Finalizo, então, com uma frase de um entrevistados: “*Deus não fez cercas para as pessoas no mundo*”⁵⁸. Sendo assim, a cidade precisa de políticas públicas para acolher todos os migrantes sem segregá-los por sua cor, classe ou origem regional.

⁵⁸ Pedro, 49 anos, migrante do Senhor do Bonfim/BA. Brusque, 21 nov. 2017.

REFERÊNCIAS

ADONIAS FILHO. **Sul da Bahia**: chão de cacau. São Paulo: Bertrand do Brasil, 1976.

ALARCON, D. F. **O retorno da terra**: as retomadas na aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, Sul da Bahia. 2013. 343 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados sobre as Américas) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

ALVES, P. A.; MATTEI, L. F. Migrações no oeste catarinense: história e elementos explicativos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, XV., 2006, Caxambú. **Anais...** Campinas: Abep, 2006. p. 1-19.

ASSIS, G. O. **Migrantes no passado e no presente**. In: Almeida, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José. (Orgs.) 1. ed. São Paulo: Berlindis&Vertecchia, 2013, p. 90-124, 2013.

ASSIS, G. O. Mulheres migrantes no passado e presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 745-772, set./dez., 2007.

BAENINGER, R. **Migrações internas no Brasil no século 21**: entre o local e o global. In: XVIII ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 2012, Águas de Lindoia: ABEP, 2012. p.1-24.

BAENINGER, R. **Região, metrópole e interior**: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes: Brasil, 1980-1996. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade de Campinas, 1999.

BATISTA, J. R. M.; LEITE, E. L.; TORRES, A. R. R. et.al. Negros e nordestinos: similaridade nos estereótipos raciais e regionais. **Psicologia Política**, [S. l.], v. 14, n. 30, 2014.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, ano 3, p. 68-80, jan./jun. 2005.

BOSCO, S.; JORDÃO NETO, A. **Migrações**: estudo especial sobre as migrações internas para o Estado de São Paulo e seus efeitos. São Paulo: Edições Paulinas, 1967.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para Educação de Jovens e Adultos**: segmento do ensino fundamental: 5.^a a 8.^a série. Brasília: [s. n.], 2002.

BRITO, F. **As migrações internas no Brasil**: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2009.

BRITO, F. Expansão urbana nas grandes metrópoles: o significado das migrações intrametropolitanas e da mobilidade pendular na reprodução da pobreza. **Revista Perspectiva**, São Paulo, jan. 2009.

CAMARA MUNICIPAL DE BRUSQUE. **Audiência pública debate migração em Brusque**. Disponível em: <<http://br41.dialhost.com.br/web/noticia.php?id=2028:audi%C3%A2ncia-p%C3%ABblica-debate-migra%C3%A7%C3%A3o-em-brusque>>. Acesso em: 27 set. de 2016.

CAMARA MUNICIPAL (Brusque). **Ata nº 22/2014. 29 de mai. de 2014**. Disponível em: <<http://www.legislador.com.br/LegislatorWEB.ASP?WCI=ExpedienteTexto&ID=11&inExpedienteAta=2&dtReuniao=29/05/2014&tpReuniao=9&dsVerbete=>>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

CAMARANO, A. A; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil**: panorama dos últimos 50 anos. Rio de Janeiro: [s. n.], 1999.

CAMARANO, A. A; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil**: panorama dos últimos 50 anos. Rio de Janeiro: IPEA, 1997. (Texto para discussão; 621).

CAMARANO, A. A; BELTRAO, K. I. **Distribuição espacial da população brasileira**: mudanças na segunda metade deste século. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. (Texto para discussão; 766).

CASTRO, M. G. Estranhamentos e identidades: direitos humanos, cidadania e o sujeito migrantes - representações em textos diversos. **R. Bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 5-28, jan./jun. 2005.

CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIO DE SÃO PAULO (CEM). **O vaivém da sobrevivência**. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

CUNHA, J. M; BAENINGER, R. **A migração nos estados brasileiros, no período recente: principais tendência e mudanças**. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÃO, 2., 2000, Belo Horizonte: ABEP, 2000, p. 117-165.

CUNHA, J. M. P. Redistribuição espacial da população: tendências e trajetória. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 218-233, jan. 2003.

DEMO, P. Demarcação científica. In: **Metodologia científica nas ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1981. p. 13-28.

DI PIERRO, M. C. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 92, p. 1.115-1.139, out. 2005.

DURHAM, E. **A caminho da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

EICHWALD, J. Ônibus fretados por brusquenses trazem migrantes para a cidade. **O Município**, Brusque, 6 jan. 2015. Caderno Geral, p. 4.

ELIAS, N; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FARIAS, M. Êxodo baiano preocupa cidades. **O Município**, Brusque, 22 nov. 2013. Caderno Geral, p. 24 A.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

G1 Santa Catarina. 7 nov. 2013. **Polícia Civil investiga carta que ameaça baianos no Vale do Itajaí**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2013/11/policia-civil-investiga-carta-que-ameaca-baianos-no-vale-do-itajai.html>> Acesso em: 15 nov. 2017.

GERMANI, G. **Sociologia de lamodernization**. Buenos Aires: Paidós, 1970. (Cap. IV, VI e VII).

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOULARTI FILHO, Alcides. A formação econômica de Santa Catarina. **Ensaio Fee**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 977-1007, 2002.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IBGE. **Censo demográfico 2010**. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

IBGE Cidade: **Brusque**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017a.

IBGE. **Estimativas da população**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017b.

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios (2001-2006 e 2004-2009)**: microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JURGENFELD, V. F. **Transformações dos grandes grupos têxteis de Blumenau e Brusque após 1970**: a financeirização e o novos espaços de acumulação. 2012. 216 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

LEE, E. S. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, Hélio A. de (Coord.). **Migração Interna**. Fortaleza: BNB, 1980. p. 89-115.

- MACUCO NEWS. 17 ago. 2014a. **Buerarema**: até quando vamos suportar isso? Disponível em: <<http://www.macuconews.com.br/2014/08/buerarema-ate-quando-vamos-suportar-isso.html#more>>. Acesso em: 27 nov. 2017.
- MACUCO NEWS. 13 mar. 2014b. **Buerarema**: mais buerareenses vão em busca do seu futuro em Brusque!. Disponível em: <<http://www.macuconews.com.br/2014/03/buerarema-mais-buerareenses-vaio-em.html#more>>. Acesso em: 27 nov. 2017.
- MACUCO NEWS. 13 abr. 2014c. **Buerarema**: mais uma leva de jovens em busca de emprego no sul. Disponível em: <<http://www.macuconews.com.br/2014/04/buerarema-mais-uma-leva-de-jovens-em.html#more>>. Acesso em: 27 nov. 2017
- MAFFEZZOLI, G. **Um encontro sociocultural em contexto migratório**: os sentidos da diversidade cultural em escola pública de Brusque, Santa Catarina (SC). 2015. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2015.
- MAFFEZZOLLI, G. Imigrações e diversidade: elementos da formação sociocultural na Colônia Itajaí. In: NIEBUHR, Marlus (Org.). **Brusque 150 anos**: tecendo uma história de coragem. Brusque: Prefeitura de Brusque, 2012.
- MAMIGONIAN, A. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**, [S. l.], jul./set. 1965.
- MAMIGONIAN, A. **Vida regional em santa Catarina**. São Paulo: Orientações, 1966.
- MARINELLI, E. B. A saga do migrante nordestino em São Paulo. **Revista Educação**, São Paulo, v. 2, n. 1, 2007.
- MARTINE, G. **As migrações de origem rural no Brasil: uma perspectiva histórica**. In: ABEP/IUSSP/CELADE: História e População. São Paulo: Fundação SEADE, 1990.
- MARTINS, J. D. B.; CASSANIGA, T. **Mapa adaptado da Malha Municipal IBGE, 2017**. (Material não publicado).
- MARTINS, J. S. **Não há terra para plantar neste verão**: o acervo das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- MASSEY, D. "Economic development and international migration in comparative perspective". **Population and Development Review**, [S. l.], v. 14, p. 383-413, 1988.
- MIOTO, B. T. Movimentos migratórios em Santa Catarina no limiar do século XXI. 2008. 84 f. TCC (Graduação em Ciências Econômicas) - Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- MIRA, M. A. F. B. A sócio-demografia de Santa Catarina no Século XX. In:

MELLO, O. F.; LINS, H. G.; PEREIRA, N. V. **A realidade catarinense no século XX**. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2000.

NOVAES, R. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, M. I. M.; EUGÊNIO, F. (Orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

OBSERVATÓRIO SOCIAL DE BRUSQUE. 20 nov.2013. **Conheça como cresce a população de Brusque**. Disponível em: <<http://www.osbrusque.com.br/web/noticia.php?noticia=434:conheca-como-cresce-a-populacao-em-brusque>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

OBSERVATÓRIO SOCIAL DE BRUSQUE. 17 abr. 2015. **OSBr realiza pesquisa populacional da região**. Disponível em: <<http://www.osbrusque.com.br/web/noticia.php?noticia=646:osbr-realiza-pesquisa-populacional-da-regiao>>. Acesso em: 29 set. 2016.

OLIVEIRA, A. T. R.; ERVATTI, L. R.; O'NEILL, M. M. V. C. O panorama dos deslocamentos populacionais no Brasil: PNADs e censos demográficos. In: OLIVEIRA, K. F.; JANNUZZI, P. M. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. **São Paulo Perspec.**, [S. l.], v. 19, n. 4, São Paulo, out./dez. 2005.

OLIVEIRA, L. A. P.; OLIVEIRA, A. T. R. (Eds.). **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. [S. l.]: IBGE, 2011.

PAIVA, J. Trabalho: a mão na massa. In: **Programa um salto para o futuro**. Rio de Janeiro: Fundação Roquette Pinto, 1997.

PATARRA, N. L. **Movimentos migratórios no Brasil: tempos e espaços**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2003. 50 p. (Textos para discussão).

SANTOS, M. L. S. **Fluxos migratório no Sul da Bahia: da realidade identitária do cacau à realidade do ensino superior**. 2013. 195 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SANTOS, M. **O espaço dividido**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2004. 440 p.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SAYAD, A. **A imigração**. São Paulo: Edusp, 1998.

SEABRA, F.; BEZ, R.; BORNSCHEIN, F. C. O efeito litoralização e a distribuição regional de renda e de população em Santa Catarina. **Ensaio Fee**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 197-216, jun. 2011.

SEBRAE (SC). **Santa Catarina em números: Brusque/Sebrae/SC**. Florianópolis: Sebrae/SC, 2013. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

SEYFERTH, G. **A invenção da raça e o poder discricionário dos esteriótipos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. (Anuário Antropológico; 93).

SEYFERTH, G. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. **Revista Usp**, São Paulo, v. 53, p.117-149, maio 2002.

SEYFERTH, G. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SILVA, M. C. da; MATTEI, L. Breves notas sobre a demografia na região da Grande Florianópolis na primeira década do século XXI. **Revista Necat**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 89-101, jun. 2013.

SINGER, P. **Economia política da urbanização**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo. In: **Economia política da urbanização**. São Paulo: Brasiliense; 1975.

SINGER, P. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, H. A. de (Coord.). **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: BNB, 1980. p. 211-245.

SOUZA, I. **Migrações internas no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1980. 142 p.

SPOSITO, M. P. O migrante e a educação: o sonho nutre a luta. **Travessia**, São Paulo, n. 2, ano 1, 1988.

TURNES, V. A. Reflexões sobre fluxos migratórios internos de populações no estado de Santa Catarina. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 4, n. 1, p. 155-194, abr. 2008. Trimestral.

VASCONCELOS, C. P. A construção da imagem do nordestino/sertanejo na constituição da identidade nacional. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, II., 2006, Salvador: Enecult, 2006. p. 1-13.

VEIGA, L.; GONDIM, S. M. G. A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político. **Opinião Pública**, [S. l.], p. 1-15, 2001.

VIEIRA, L. **Cidadania e globalização**. Rio de Janeiro: ABDR, 1997.

ANEXO A - Carta "Aviso para os baianos"

AVISO PARA OS BAIANOS

Nossa Brusque deixou de ser uma cidade boa para viver, nos últimos 5 anos foi invadida por imigrantes de outros estados, principalmente da Bahia das cidades de Itabuna, Ilhéus Buerarema etc.

Sabemos que todos tem o direito de ir em busca de uma vida melhor, mas sabemos também que quem ~~chega numa nova cidade~~, deve respeitar os costumes e estilo de vida do povo local. Os mais sensatos respeitam e são bem sucedidos em tudo, podem estudar, fazer curso técnico no SENAI e conseguem empregos bons, agindo assim, conquistam amizades, afinal **TODOS PRECISAM DE AMIGOS.**

Infelizmente junto com os bons vem também os ruins (não civilizados, ignorantes mesmo), que são a maioria e estão incomodando a vida dos moradores locais fazendo um INFERNO como: Ouvir música em alto volume, tanto nos carros como em casa mesmo e em qualquer hora, falam muito alto e os vizinhos são obrigados a suportarem isso, se alguém reclama eles ficam bravos, se alguém chama a polícia, ao verem a viatura da PM baixam o som e se comportam como gente civilizada, mas quando a PM vai embora, voltam a fazer bagunça.

~~Brusque é uma cidade de povo ordeiro, trabalhador e honesto e NÃO MERECEMOS ISSO.~~
Em muitos casos que foram registrados BO (boletim de ocorrência) não deu em nada, então vamos fazer justiça com nossas mãos, ESTAMOS CANSADOS E REVOLTADOS.

Desde o mês de março deste ano formamos um grupo com 28 pessoas, somos cidadãos trabalhadores, honestos e honrados, estamos bem preparados, resolvemos dar um BASTA nessa situação nosso grupo é discreto e bem estruturado. Estamos publicando este AVISO para depois não reclamarem do pior que vai acontecer, estamos dando uma chance de mudarem de comportamento.

Moro em Águas Claras há 26 anos, tenho filhos que moram em outros bairros, e também estão sofrendo. Não vamos nos mudar por causa desses desordeiros:

Fizemos um levantamento nos bairros: Águas Claras, Azambuja, Sta. Terezinha, Nova Brasília, 1º de maio, Bateias e Steffen, constatamos que é absurdo, inaceitável o que acontece nos bairros, além do barulho, até trafegam contramão com carros e motos em alta velocidade e alguns com a descarga aberta (sem o silencioso), na Bateia por exemplo teve várias discussões por PERTUBAÇÃO DO SOSSEGO ALHEIO entre vizinho local e baiano e os baianos se juntaram para agredir o que estava certo. No Azambuja uma senhora de 62 anos tem que tomar remédio para dormir e calmante durante o dia.

No Steffen teve também discussão por PERTUBAÇÃO DO SOSSEGO ALHEIO e os baianos armados com faca quiseram ter razão, e disseram o seguinte: "Essa rua é nossa é nós que ~~manda aqui é pronto~~, os incomodados que vão embora, pagamos aluguel e podemos fazer o que quiser a qualquer hora".

Durante esses 8 meses de levantamento, já temos as placas dos carros que são 34, e motos são 22, temos também a foto desses desordeiros.

Fiquei feliz ao comentar com 2 policiais sobre essa carta (antes de ser publicada) para saber a opinião deles e os 2 disseram assim: "Finalmente acordaram, é bom mesmo que alguém faça alguma coisa para acabar com esses alienígenas" porque 90% dos casos envolvem baianos. "Não diga à ninguém nosso nome" - eu disse tudo bem.

BAIANOS, vocês conseguiram deixar o povo revoltado, TOMEM CUIDADO e tratem de mudar de comportamento URGENTE. VAMOS ELIMINAR VOCÊS, ISSO MESMO, VAMOS MATAR OS RUINS e acabar com essas pragas.

Nosso grupo, composto por 28 cidadãos, onde 11 estão ansiosos para começar a matança, nem queríamos publicar esse aviso, porém, a maioria decidiu avisar antes.

Nossa Brusque será de novo uma cidade boa para viver, CUSTE O QUE CUSTAR.

ANEXO B - Audiência Pública (29/05/2014)

29/05/2016 Câmara Municipal de Brusque _ Ata - 29/05/2014 - Audiência Pública

Ata - 29/05/2014 - Audiência Pública

ATA Nº 22/2014 DATA: 29/05/2014

Ata da Audiência Pública da Câmara Municipal de Brusque, no 1º Período Legislativo, na Segunda Sessão Legislativa, da Sétima Legislatura. Em 29 de maio de 2014, reuniu-se a Câmara Municipal de Brusque, tendo na Presidência o Vereador Guilherme Marchewsky; como Secretário "ad hoc" o Vereador Jean Daniel dos Santos Pirola. Havendo número legal, o Senhor Presidente deu por aberto os trabalhos, convidando para tomar acento à Mesa os Senhores: Janio Natal, Deputado Federal; Evandro de Farias, vice-prefeito de Brusque; Mirella Zucco, Secretária Municipal de Assistência Social e Habitação; Norival Fischer, representante da Acibr; Mathias Kohler, Prefeito de Guabiruba; Ingo Fischer, representante da Fiesc; Valdemiro Dalbosco, Presidente da Câmara de Guabiruba; Almir Zirke, Vice Prefeito de Guabiruba e Esperidião Amin, Deputado Federal. O Senhor Presidente comunicou que cumprindo requerimento de autoria do Vereador Jean Pirola, aprovado pelo Plenário desta Casa, está se realizando audiência pública objetivando ampliar a discussão e permitir que a comunidade brusquense possa efetivamente expor seus pensamentos, esclarecer suas dúvidas e apresentar sugestões sobre o tema que envolve as correntes migratórias para Brusque e Região. O Senhor Presidente estabeleceu algumas regras para o bom andamento dos trabalhos. Em seguida, concedeu a palavra na seguinte ordem: - Vereador Jean Daniel dos Santos Pirola; Mirella Zucco Müller, Secretária Municipal de Assistência Social e Habitação; Mathias Kohler, Prefeito de Guabiruba; Evandro de Farias, vice-prefeito de Brusque; Erlon Botelho, Técnico de Projeto do Estado da Bahia; Esperidião Amin, Deputado Federal e Janio Natal, Deputado Federal baiano. Dentre os Vereadores presentes, fizeram uso da palavra: Ivan Roberto Martins, Valmir Ludvig, Celso Emydio e Moacir. Encerrado os debates e manifestações, o Plenário, por aclamação, aprovou os seguintes encaminhamentos: - Instalação da Casa de atendimento ao migrante; - Criação do Projeto Municipal para busca de recursos federais para aliviar a migração. - Mensagem de apelo aos deputados federais para aprovação da PEC 215; - Elaboração de estudo social sobre os impactos da migração em Brusque e Região junto às faculdades locais; - Mensagem à Assembleia Legislativa sugerindo estudos sobre a migração em Santa Catarina. Nada mais havendo a tratar, o Senhor Presidente encerrou esta audiência pública; mandando lavrar a presente ata que vai assinada por mim, Secretário e pelo Senhor Presidente.

Guilherme Marchewsky
Presidente da Mesa
Jean Daniel dos Santos Pirola
Secretário "ad hoc"
s.RSC

Aviso Direitos Autorais © 2001 Lancer Soluções em Informática Ltda. versão do sistema 19/09/2016 - 1.17.3-41
Legislador® WEB - Desenvolvido por Lancer Soluções em Informática Ltda.

<http://www.legislador.com.br/LegislatorWEB.ASP?WCI=ExpedienteTexto&ID=11&inExpedienteAta=2&diReuniao=29/05/2014&tpReuniao=9&dsVerbete=> 1/1